



**UFPB**



**PROFLETRAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE**  
**CAMPUS IV – MAMANGUAPE**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**ANA PAULA RODRIGUES DE AGUIAR SANTOS**

**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR MEIO DO  
CONTO DE FADAS**

**MAMANGUAPE**

**2019**

**ANA PAULA RODRIGUES DE AGUIAR SANTOS**

**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR MEIO DO  
CONTO DE FADAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba- UFPB, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS-para obtenção do título de Mestre em Letras.

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

MAMANGUAPE

2019

S237l Santos, Ana Paula Rodrigues de Aguiar.  
Letramento literário: uma proposta de ensino por meio do conto de fadas / Ana Paula Rodrigues de Aguiar Santos. - Mamanguape: [s.n.], 2019.  
163f.

Orientador(a): Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado em Letras) - UFPB/CCAIE.

1. Letras. 2. Ensino Fundamental. 3. Conto de Fadas. 4. Letramento Literário.

UFPB/BS-CCAIE

CDU: 801(043.2)

UFPB/BS-CCAIE

CDU: 801(043.2)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO-CCAE**  
**CAMPUS IV – MANANGUAPE**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Aprovada em 29 de Março 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---



Prof. Dr. Hermano Rodrigues dos Santos

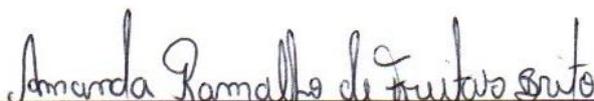
Orientador: (Universidade Federal da Paraíba- **UFPB**)

---

Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Examinador 1: (Universidade Federal da Paraíba- **UFPB**)

---



Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito

Examinador 2: (Universidade Federal da Paraíba-**UFPB**)

## DEDICATÓRIA

Ao meu esposo, **Tiago Aguiar Santos**, companheiro de todas as horas, com quem dividi os momentos de alegrias e angústias durante todo o percurso, quem sonhou e lutou comigo para concretização deste sonho.

Ao meu filho, **João Eudes**, luz em minha vida, razão que dá sentido especial à minha existência.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu **Deus** que me concedeu a oportunidade de realizar o grande sonho de me aperfeiçoar academicamente. Por ter norteado, como sempre, o meu caminho. Sem ele, certamente eu não teria chegado até aqui.

Ao meu amado esposo, **Tiago Aguiar**, meu porto seguro, companheiro de viagem nas madrugadas, por todo apoio, incentivo, compreensão e dedicação constante em todos os momentos da caminhada.

Ao meu filho amado, **João Eudes**, por suportar a minha ausência e ser fonte de inspiração e motivação.

Aos meus pais, **João Eudes e Maria das Dores**, por todo apoio, incentivo e orações diárias.

À minha irmã, **Ana Maria Rodrigues** e a minha tia, **Josefa Rodrigues** por me ajudarem indiretamente, sempre acreditando na minha capacidade.

À minha grande amiga do Coração, **Maria Iraneide Santos**, cuja amizade, levarei para o resto da vida, com quem dividi expectativas, angústias, sucesso e vivi momentos inesquecíveis ao longo da jornada.

Ao meu amigo, **José Moreira Filho**, pelo incentivo e a sua prestabilidade.

Ao meu orientador, **Hermano Rodrigues**, pelo suporte e correções.

Aos **professores do PROFLETRAS** pela dedicação e pelas contribuições em prol da nossa formação acadêmica.

À banca da qualificação do Mestrado formada pelas professoras **Moama Lorena** e **Luciane Alves**, pessoas excepcionais, doces, atenciosas e que muito me ajudaram com sugestões e orientações, com as quais pude refletir, novamente, e consolidar novos conhecimentos.

Aos **colegas da turma IV**, pelo compartilhamento de saberes.

À **equipe gestora da Escola Municipal Paulo Freire**, pelo apoio recebido.

Aos meus queridos **alunos do sexto ano “F”**, participantes ativos desta construção.

À **Capes** por acreditar e investir na qualificação dos profissionais da educação.

Enfim, a todos que torceram por mim, me incentivaram e acreditaram no meu potencial.

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.*

(FERNANDO PESSOA)

## RESUMO

A leitura literária propicia o desenvolvimento da sensibilidade, amplia a visão de mundo, desperta emoções e tem o poder de exercitar a fantasia, a imaginação, mas também nos faz refletir sobre a nossa própria existência. Desse modo, a literatura apresenta profunda significância para formação integral do indivíduo. Considerando essa importância, propomos com esse trabalho, sistematizar uma prática de leitura a qual permitisse que nossos alunos não adquirissem apenas a habilidade de ler o gênero literário, mas que fossem capazes de compreender os textos e ressignificá-los. Para tanto, escolhemos o gênero conto de fadas por abarcar histórias que cativam, ampliam e mobilizam os limites do imaginário pessoal e coletivo, despertando no leitor uma gama de sentimentos. Justificamos também a escolha do gênero por se adequar à série e à faixa etária dos estudantes que integram o sexto ano “F” do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal na cidade de Orobó, PE. Acreditamos que os contos quando trabalhados na perspectiva do letramento literário contribuem significativamente para que os discentes entendam questões do cotidiano, da vida real e assim passem a compreender melhor a realidade que os circunda. Com as oficinas de leitura, intencionamos aproximar nossos discentes do texto literário. Dessa forma, trabalhamos com os contos: *O Príncipe Feliz* e *O Gigante Egoísta*, ambos de Oscar Wilde, os quais abordam questões sociais e éticas. São histórias relativamente antigas, mas que revelam muito da sociedade atual, retratando o ser humano e suas relações. Adotamos a metodologia da pesquisa-ação, a fim de agregar teoria e prática. Para aplicação e intervenção, as propostas de atividades do projeto se ancoraram na Sequência Básica de leitura descrita por Cosson (2014). Fundamentamos nosso trabalho a partir dos estudos teóricos de Candido (1995), Coelho(1987), Corso&Corso (2006) Todorov (2010), Zilberman (2009), Soares(2003), Colomer (2003), dentre outros.

**Palavras-chave:** Ensino fundamental. Conto de fadas. Letramento literário.

## ABSTRACT

Literary reading fosters the development of sensibility, broadens the world view, arouses emotions and has the power to exercise fantasy, imagination, but also makes us reflect on our own existence. In this way, the literature presents profound significance for the integral formation of the individual. Considering this importance, we propose with this work, to systematize a reading practice that allows our students not only to acquire the ability to read the literary genre, but also to be able to understand the texts and re-signify them. To do so, we chose the fairy tale genre as it encompasses stories that captivate, amplify and mobilize the boundaries of the personal and collective imaginary, awakening in the reader a range of feelings. We also justify the choice of gender to fit the series and the age range of students who are enrolled in the sixth grade of Elementary School of a school of the Municipal Network in the city of Orobó, PE. We believe that the stories when worked in the perspective of literary literacy contribute significantly so that students understand everyday issues, real life and thus better understand the reality that surrounds them. We interact through the reading workshops We selected the short stories: "The Happy Prince" and "The Selfish Giant," both by Oscar Wilde, which address social and ethical issues. Although they are " relatively " old stories, they reveal much of today's society, portraying the human being and their relationships. We adopted the methodology of action research in order to aggregate theory and practice. For application and intervention, project activity proposals will be anchored in the Basic Reading Sequence described by Cosson (2014). We will base our work on the theoretical studies of Candido (1995), Coelho (1987), Corso & Corso (2006), and others (Todorov, 2010), Zilberman (2009), Soares (2003) and Colomer.

**Keywords:** Elementary school. Fairy tale. Literary Literature.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Gráfico com faixa etária dos discentes.....	54
<b>Figura 2:</b> Contação de um conto em sala de aula.....	61
<b>Figura 3:</b> Exibição de uma animação.....	62
<b>Figura 4:</b> Momento de Leitura.....	63
<b>Figura 5:</b> Ida à biblioteca municipal.....	64
<b>Figura 6:</b> Ida à biblioteca municipal.....	64
<b>Figura 7:</b> Discentes participando de uma dinâmica.....	66
<b>Figura 8:</b> Teatrinho de fantoches.....	66
<b>Figura 9:</b> Ida à biblioteca da escola.....	73
<b>Figura 10:</b> Ida à biblioteca da escola.....	74
<b>Figura 11:</b> Ida à biblioteca da escola.....	77
<b>Figura 12:</b> Momento de pesquisa.....	77

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	111
CAPÍTULO I.....	155
1.1 Considerações Sobre A Literatura E Seu Ensino.....	155
1.2 O que dizem os Parâmetros Curriculartres Nacionais e a Base Comum Curricular sobre o ensino de Literatura .....	21
1.3 A leitura literária no Ensino Fundamental:importancia e desafios .....	277
1.4 O letramento literário,uma prática essencial e possível .....	30
CAPÍTULO II.....	36
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL.....	36
2.2 O genero literário conto de fadas .....	39
2.3 Discorrendo sobre os contos tradicionais e modernos .....	43
2.4 Sobre Oscar Wilde:breves considerações.....	45
2.5 O conto de fadas na sala de aula.....	47
CAPÍTULO III.....	52
3.1 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM O GÊNERO LITERÁRIO CONTO DE FADAS.....	52
3.2 Caminhos da pesquisa.....	52
3.3 A pesquisa -ação como metodologia para o desenvolvimento do projeto .....	53
3.4 O espaço da pesquisa e os sujeitos envolvidos .....	535
3.5 E escolha e descrição do Corpus literário .....	557
3.6 A sequencia básica para a proposta de intervenção e suas etapas .....	579
3.7 Descrição das ações e breves considerações .....	67
3.8Primeira oficina : O Príncipe feliz .....	71
3.9 Segunda oficina :O gigante egoísta .....	71
CAPÍTULO IV .....	79
4.1 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS .....	79
4.2 <i>Corpus</i> selecionado para análise .....	79
4.3 Análise dos resultados.....	80
4.4 Impressões de leitura do aluno:primeira oficina .....	81
4.5 Impressões de leitura do aluno :segunda oficina .....	91
4.6 Breve considerações sobre a produção dos contos .....	102

4.7 Apresentação e análise das produções .....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	<b>115</b>
REFERENCIAS .....	<b>1188</b>
ANEXOS.....	Erro! Indicador não definido. <b>20</b>
APÊNDICES.....	161

## INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura contribui significativamente para a formação do indivíduo. A sua aquisição é uma condição para o exercício da cidadania. É através da leitura que nos sentimos mais seguros para interagir com o outro; sentimos uma sensação de evolução contínua, conhecemos o mundo, rompemos barreiras, dentre tantos benefícios e prazeres que a leitura pode nos proporcionar. O fato é que a leitura está presente em nosso cotidiano, na verdade, a prática da leitura se faz presente em nossa vida, desde o momento que começamos a compreender o mundo à nossa volta.

A escola, como espaço socializador do conhecimento, tem como uma de suas tarefas mais importantes, senão a mais crucial, promover a aprendizagem da leitura e incentivar essa prática. Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental, pois tem a incumbência de desenvolver, na sala de aula, estratégias para que a leitura não seja uma atividade mecânica, mas prazerosa e que tenha um sentido para o discente.

Em virtude do valor que tem a leitura, enxergamos a necessidade de uma ação interventiva, de natureza pedagógica, visto que boa parte dos nossos alunos não tem o hábito de ler e não tem o encantamento por essa atividade. Muitos deles chegam ao Ensino Fundamental com dificuldades em compreender e interpretar até mesmo textos curtos<sup>1</sup> e simples. Esse “insucesso” pode ser atribuído à falta de estímulo por parte da família, às práticas inadequadas de leitura na própria sala de aula, a escolha dos textos, dentre tantos outros fatores. Diante dessa realidade, acreditamos que trabalhar com o texto literário, na sala de aula, de maneira significativa, de modo a promover o letramento literário, é o caminho.

O gênero selecionado para nossa proposta de intervenção foi o conto de fadas. Escolhemos esse gênero por inúmeras razões, dentre elas, mencionamos a relevante contribuição dessas histórias para a formação de um leitor que está se encontrando no mundo, ajudando-o a entender seus conflitos. Acreditamos que os diferentes valores literários, o mundo mágico, fantasioso e lúdico, presente nessas narrativas, contribuam para que o leitor associe ou

---

<sup>1</sup> Não estamos desconsiderando, aqui, a complexidade de gêneros literários que prezam pela concisão, tais como, o micro conto, haicai, etc.

diferencie os acontecimentos da sua vida real, orientando suas escolhas, fornecendo subsídios necessários para a formação de seus valores.

Consideramos que essas características sirvam para instigar o gosto pela leitura e colaborem para que os discentes enxerguem a literatura como um instrumento que os levará a entender questões do seu cotidiano e, com efeito, passem a entender melhor o mundo ao seu redor.

Inserida na perspectiva da formação crítica, a nossa proposta tem como finalidade promover o letramento literário dos nossos discentes a partir do conto de fadas, conduzindo-os à leitura reflexiva, à criticidade e à compreensão das relações que mantêm com o outro e com as múltiplas realidades que os circundam. Almejamos que, além de adquirir habilidades para ler textos literários, os alunos sejam capazes de compreendê-los e ressignificá-los.

Foi pensando em aprimorar minha prática pedagógica, conciliando a teoria e a prática, bem como no intuito de fomentar, de forma mais efetiva, a formação de leitores eficientes, que surgiu o interesse em cursar o mestrado profissional em Letras. Em meio aos desafios e dificuldades, enfrentar a nova jornada foi tarefa árdua, pois era necessário conciliar a minha vida profissional, ministrando aulas em duas escolas e a vida de mestranda.

Situamos nossa pesquisa na área da literatura e seu ensino. Nossa proposta de trabalho, de natureza qualitativa constitui-se em termos metodológicos como uma pesquisa-ação, que foi implementada com alunos do sexto ano “F” do Ensino Fundamental, em uma escola da Rede Municipal, na cidade de Orobó/PE. Aconteceu através de uma sondagem, de imediato com questionário e observação, sempre com o acompanhamento do professor.

Estruturalmente, nosso trabalho está organizado em quatro capítulos, sobre os quais faremos, a seguir, uma breve explanação.

No **primeiro capítulo**, iniciamos tecendo algumas considerações sobre a literatura e seu ensino. Trazemos a concepção de teóricos sobre a importância da literatura e suas funções. Também, tratamos do ensino da mesma, salientando que, apesar das novas perspectivas, ainda há aqueles profissionais que insistem em usar o texto literário como pretexto, limitando-o a abordagem de aspectos, linguísticos, sem, assim, valorizar a riqueza de sentidos de que este dispõe. No segundo tópico, tecemos um breve comentário sobre como os PCN e a BNCC se manifestam acerca do ensino de literatura.

Em seguida, tratamos da relevância da leitura e os desafios para a formação de um leitor ativo. E por fim, discorremos sobre o letramento, a partir dos pressupostos teóricos de Soares (2003) e demos ênfase ao letramento literário, ponto crucial da nossa pesquisa.

No **segundo capítulo**, começamos discorrendo sobre a literatura infantil, esclarecendo alguns pontos e registrando algumas considerações sobre o espaço que este gênero ocupa na contemporaneidade. Na sequência, apresentamos um breve histórico sobre o surgimento do referido gênero, mencionando seus primeiros representantes. Mais adiante, comentamos sobre os contos modernos e também, abrimos um espaço voltado para o autor das narrativas trabalhadas durante as oficinas: Oscar Wilde.

Encerramos este capítulo, tratando dos contos de fadas na sala de aula, ressaltando a sua importância e tratando-os como fontes de conhecimento sobre a vida, que podem muito contribuir para que os nossos discentes, que estão em uma fase de busca da individualidade, compreendam seus próprios conflitos e passem a entender melhor o mundo ao seu redor.

No **terceiro capítulo**, focamos na prática e detalhamos o caminho que percorremos. Discorremos sobre a pesquisa-ação, metodologia que utilizamos para aplicar a nossa proposta de intervenção, uma vez que detectamos um problema e pretendemos intervir através de atividades com a finalidade de mudar uma realidade não satisfatória. Nesse capítulo, também descrevemos a escola onde será desenvolvida a proposta e trazemos informações que julgamos importantes sobre os sujeitos da nossa pesquisa. Ainda discorremos sobre o *corpus* e justificamos o porquê da escolha. Finalizando o capítulo, apresentamos a sequência básica de Cosson (2014) e expomos o *passo a passo* das ações que foram desenvolvidas durante a aplicação do projeto com base na sequência acima mencionada.

No **quarto capítulo**, expomos os resultados da leitura literária que foram realizadas pelos discentes, pontualmente nas questões de interpretação e nas produções dos contos. Nesse capítulo, apresentamos as análises feitas dos registros dos discentes durante o processo de intervenção que aconteceu por meio das oficinas de leitura, com base na teoria que adotamos. Além das seções referenciadas, constam, nesse trabalho, as considerações finais, o referencial teórico, os anexos e apêndice.

Diante do exposto, pretendemos ao final desta pesquisa ter oportunizado a leitura e a interpretação de contos de fadas que sirvam como conexão para que o discente do Ensino Fundamental se aproxime dos textos literários a partir da plurissignificação da linguagem e das reflexões críticas sugeridas.

## CAPÍTULO I

### 1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA E SEU ENSINO

Da arte de escrever ao signo desenhado artisticamente, a Literatura, em sua oralidade primordial, tornou-se escrita e, ao longo dos anos, ganhou espaço nos diversos suportes, constituiu-se signo. É válido ressaltar que em seus primórdios a literatura limitava-se à poesia. Logo depois, no século XVII, ganhou outras acepções para melhor designar a arte das palavras, do escrever. Ainda assim, carregava as ideias da classe dominante.

Atualmente a literatura é consequência de seu nascimento e de acepções conceituais que recebeu no decorrer de sua história. As atribuições dadas à literatura e os significados postulados a ela refletem muitas de nossas ideias sobre o termo na atualidade. Vicent Jouve, ao situar o termo literatura, apresenta sua etimologia:

A palavra literatura vem do latim *litteratura* (“escrita”, “gramática”, “ciência”), forjado a partir de *littera* (“letra”). No século XV, a “Literatura” designa, então a “cultura” e, mais exatamente, a cultura do letrado, ou seja, da erudição. Ter “literatura” é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras (2012, p.29)

Em 1970, quando a escolarização passa a ser obrigatória, o ensino sofre várias modificações para atender as novas circunstâncias sociais. Desse modo, a escola que antes era destinada a aristocracia insere um novo público ao mundo da escrita. Nesse contexto, algumas mudanças foram notadas no âmbito do conhecimento da literatura e a literatura infantil teve a produção e a circulação ampliadas, sendo uma das principais favorecidas desse processo.

Sobre a importância da literatura, Zilberman (2009) declara que hoje a escola parece não precisar dela e, para que ela venha recuperar o lugar que já teve anteriormente, é preciso encontrar algum significado que justifique sua presença na escola ou então, outra escola que aceite a literatura que condiz com o formato que adotou ao longo do tempo. O grande dilema está na forma como este processo está sendo realizado nas escolas, principalmente no que se refere ao ensino de literatura, pois esta parece servir apenas durante a vida escolar do indivíduo, primeiramente porque é dividida em literatura infantil,

juvenil e adulta. Segundo, por que é utilizada para outros fins, não sendo o literário o aspecto primordial.

A inadequada escolarização pode ser observada no Ensino Fundamental, quando predomina atividades de interpretações de texto trazidas pela maioria dos livros didáticos, geralmente a partir de fragmentos<sup>22</sup> ou textos incompletos. Os exercícios extraclasse são constituídos, na maioria das vezes, de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é que o aluno recontar a história ou poema com as próprias palavras. Tais atividades de identificação e classificação de informações servem apenas para confirmar a realização da leitura e acabam inibindo o prazer que a leitura pode proporcionar e pouco colaboram para o desenvolvimento da criatividade dos discentes no ensino fundamental.

O texto literário, comumente, serve como pretexto para tratar de outros assuntos que não sejam aqueles que contemplam o texto como criação artística, capaz de propiciar prazer e de abrir novos horizontes aos nossos alunos. Cosson( 2014) nos alerta para a crítica situação que o ensino de literatura sofre atualmente:

[...] estamos adiante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. o compromisso de conhecimento que todo saber exige. (COSSON, 2014, p. 23).

Adequado seria se os exercícios de estudo do texto literário beneficiassem as habilidades necessárias à formação do leitor, como por exemplo, a identificação de recursos estilísticos e poéticos, assim, a escolarização contemplaria o que é textual e literário. Escolarizar a literatura, seja a infantil ou não, é fundamental. Mas para que este processo seja realizado, as características que preservem a literariedade do texto devem ser respeitadas.

É fato que o ensino de literatura, em nossas escolas, depara-se com obstáculos que dificultam uma prática mais eficaz no que diz respeito à formação de leitores e da propagação do prazer de ler. No entanto, já se percebe a necessidade de um ensino literário centrado na competência

---

<sup>22</sup> Ressaltamos que em virtude da diagramação do livro didático, os fragmentos são necessários, todavia é necessário que o profissional saiba utilizá-los.

interativa, o que só é possível acontecer através da leitura (COLOMER, 2001). Desse modo, para desenvolver a competência leitora, é necessário que os alunos leiam as obras literárias completas e não apenas fragmentos. Nesse sentido, faz-se necessário, uma nova postura do professor e a sala de aula deve ser um ambiente em que sejam compartilhadas as experiências leitoras.

Lajolo (1982) se questiona sobre o que é, de fato, a literatura, percorrendo conceitos que abarcam as obras clássicas e também “aqueles poemas adormecidos em gavetas”. Ela traz o seguinte conceito de literatura:

A porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela ,não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação.[...]Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E o que é fundamental, ao mesmo tempo em que cria, aponta para o provisório da criação (LAJOLO, 1999, p.43).

A visão da autora amplia o entendimento do que vem a ser literatura, enquanto arte da palavra, pois nos permite pensar em mundos diversos que os escritores dão vida. Nesse sentido, a literatura seria então, a arte da palavra em um movimento que evolui dentro de um panorama sócio histórico e cultural capaz de fazer com que o indivíduo se reconheça.

A literatura deve ser considerada como um bem cultural, cujo acesso, além de oportunizar a obtenção dos diferentes saberes sobre lugares e cultura de povos desconhecidos, contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, dos aspectos cognitivos e linguísticos, enfim, a literatura muito participa da formação do indivíduo.

A importância da literatura para a formação e maturidade do sujeito não se dá apenas pela gratuidade e entretenimento que ela nos proporciona, mas por possibilitar aos leitores uma reflexão, pois as situações que vivenciam, na ficção, são inspiradas ora, valendo-se do realismo do dia a dia, ora valendo-se do mundo fantástico.

O fato é que, ao ler literatura, o leitor é transportado para lugares imaginários nos quais poderá aprender e vivenciar novas emoções. Daí a suma importância da literatura no contexto escolar, pois, para boa parte dos discentes, a escola é ainda o único espaço de acesso a esse bem. Desse modo, é necessário que o ensino de literatura efetive um movimento contínuo

da leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente.

Faz-se necessário, considerar a literatura como uma modalidade extraordinária, uma vez que oportuniza o diálogo entre textos e leitores de épocas distintas. Nesse sentido, afirma Cosson (2014):

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar a própria experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permite que diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2014, p.17).

Soares (2011) traz em seus estudos, reflexões e esclarecimentos acerca das relações entre literatura e ensino na esfera escolar. Assinala a estudiosa que tem havido uma descaracterização da literatura nesse âmbito e, por essa razão, alguns teóricos têm questionado a sua permanência como disciplina no currículo escolar, suscitando discussões sobre o processo de escolarização da literatura. Ela salienta que o foco é a formação de leitores proficientes, estudantes que façam da leitura uma prática social, que independa da exigência estabelecida pela escola.

A autora ainda acrescenta que não é a escolarização da literatura que deve ser criticada, e sim, as práticas inadequadas no que concerne ao trabalho com o texto literário que, muitas vezes é utilizado pelo professor de língua portuguesa/literatura como pretexto<sup>3</sup> para trabalhar conteúdos gramaticais, não focando nas suas particularidades. Infelizmente, os textos literários ainda são utilizados para preenchimento de fichas, realização de atividades mecânicas, ou seja, atividades que não consideram as suas intermináveis significações.

Apesar de todos os percalços, a literatura se mantém viva e sobreviverá enquanto houver educadores e leitores que acreditem em seu poder. Mesmo tendo seu espaço reduzido, não sendo reconhecido o seu devido valor, a literatura permanece na escola, uma vez que ela, além de favorecer o desenvolvimento da leitura, contribui para a formação do indivíduo. No entanto, ainda encontramos quem questione a sua importância. Há aqueles que

---

<sup>3</sup> Ver nota1

acreditam que outros objetos de estudo seriam mais significativos, defendendo que a mesma não atende aos interesses do público moderno.

Candido (1995) se manifesta a respeito da importância da literatura, defende que ela é fundamental, afirmando que “não há povo e não há homem que possa viver sem ela.” (p.174) É uma necessidade do indivíduo, sonhar, dar asas à imaginação, fazendo com que a vida se torne mais leve e a literatura também tem esse papel.

Tratando a literatura como tudo que é poético, dramático, cultural e ficcional nos diferentes níveis da sociedade, o crítico literário reforça que ela é necessária pela sua função humanizadora. Candido, assim, refere-se ao processo de humanização da literatura:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO,1995, p.249).

Com a literatura, o leitor poderá aprender a questionar, divertir-se, angustiar-se, amadurecer, transformar-se, desenvolver a sensibilidade estética e ter contato com as mais diferentes visões de mundo. Neste sentido, a professora Teresa Colomer em uma entrevista publicada na *Revista Nova Escola* salienta que a “Literatura não é luxo. É a base para construção de si mesmo<sup>4</sup>”.

Corroborando com o pensamento da autora, Todorov (2010.p.76) afirma:

A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. (TODOROV, 2010, p.76)

O teórico enfatiza que a literatura tem um papel substancial a cumprir e, por essa razão, é preciso que ela seja tomada no seu sentido amplo e intenso. Considerando o próprio nome da obra do autor *A literatura em perigo* (2010) é importante que se adote, na escola, uma postura que não privilegie o enfoque cronológico, nem uma postura que utilize o texto literário como pretexto\* para abordar aspectos apenas linguísticos. Pelo contrário, é imprescindível focalizar

---

<sup>4</sup> <https://novaescola.org.br/conteudo/8867/literatura-nao-e-luxo-e-a-base-para-a-construcao-de-si-mesmo>

o texto literário em si e na plenitude de suas relações com o leitor e com os outros textos.

Dada a importância da literatura, é relevante considerarmos as suas funções. Candido (1995) identifica três funções exercidas pela literatura. Define a primeira, como função psicológica, a qual está relacionada à capacidade e a necessidade que o indivíduo tem de fantasiar e, por isso, inventamos histórias desde sempre. O estudioso ressalta, ainda que, a fantasia expressa pela literatura se refere a alguma realidade quase nunca pura.

É a partir da ligação com o real que a literatura exerce a sua segunda função, que também contribui para a formação da personalidade do indivíduo, mostrando a vida e a realidade a partir de diferentes ângulos. É, nesse sentido, que ela humaniza. A terceira função que Candido apresenta concerne à identificação do leitor com o universo vivencial representado na obra literária. Essa função que possibilita ao indivíduo reconhecer a realidade que o circunda é denominada por ele de função social. Considerando a importância da literatura e suas funções, compreendemos que seu ensino na escola é necessário, uma vez que ela possibilita ao indivíduo, além de refletir sobre o mundo, colocar-se na pele de outras pessoas, ampliar o vocabulário, criar realidades. Assim como outras artes, ela gera prazer. Nesse sentido, a escola deve ensinar hábitos de leitura que possibilitem aos discentes desfrutar das leituras que fazem.

É nesse sentido que Cosson (2014) defende que a escola precisa ampliar e ressignificar suas práticas leitoras tendo em vista práticas mais eficientes quanto à produção de sentidos e à formação de leitores. Considerando esse contexto, a literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser entendido criticamente pelo aluno leitor.

Nesse contexto, O professor desempenha um papel muito importante que é justamente o de fortalecer essa disposição crítica, levando seus objetivos a ultrapassar o simples consumo mecânico, irreflexivo de textos literários.

Cosson (2014) ainda nos diz que a construção de uma comunidade de leitores, onde o leitor poderá se mobilizar construir o mundo e a ele próprio, constitui a base do letramento literário. Desse modo, devemos buscar proporcionar aos nossos alunos um ensino de literatura que seja, de fato,

efetivo, que estreite a relação entre texto e leitor para que haja transformação em sua vida.

## 1.2 O QUE DIZEM OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR SOBRE O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN são referenciais para os Ensinos Fundamental e Médio em todo país. O documento tem a finalidade de garantir a todas as crianças e adolescentes brasileiros o direito de desfrutar dos conhecimentos considerados essenciais para que possam integrar-se na sociedade globalizada como cidadãos atuantes e conscientes de seus direitos e deveres.

Assim, atesta o próprio documento sobre seu objetivo principal:

[...] compreender a cidadania como participação social e política, assim como, o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando-se no dia a dia atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças sociais, respeitando o outro e exigindo para si, o mesmo respeito (BRASIL,-p.7).

As orientações, que o documento traz, servem como guias para diretores, professores, coordenadores, que podem fazer as adaptações de acordo com as especificidades de cada local. É válido ressaltar que os PCN não podem ser vistos como um conjunto de regras que os docentes devem ou não cumprir, mas sim, como um referencial para a transformação de objetivos, conteúdos, bem como a didática de ensino.

É apoio para o Ensino Fundamental e Médio e oportuniza aos profissionais da educação um suporte para a elaboração dos currículos escolares. O documento é também um eixo orientador para o projeto político da escola. Sua proposta, conforme já mencionamos aqui, visa ao cumprimento dos direitos e deveres dos discentes, tomando como referencial novos padrões de conteúdos mínimos e competências básicas a serem implementadas, buscando equalizar a educação nacional, de modo que todas as escolas do país possam ter um referencial para a elaboração de seus currículos.

Desse modo, os PCN foram transformados num conjunto de 10 volumes, entre os quais está o de Língua Portuguesa, que trouxe uma ideia inovadora

para o ensino dessa disciplina. O documento prega que o ensino da língua deve se adequar à nova realidade social (BRASIL, 1998, p.17).

Após a sua leitura, constatamos que o trabalho com o gênero textual é bastante defendido nesse documento. Por outro lado, observamos que o gênero literário não é explorado como deveria, sendo abordado como mais um gênero. Observamos, assim, que a concepção teórica nos PCN, sobre a grande área da literatura não aparece explicitada no texto, mas corresponde ao subtítulo “línguas” que também engloba outras artes.

Ao remeter-se ao texto literário, mesmo reconhecendo que ele tem suas características próprias, a explanação ocorre de modo aparente sem se trabalhar as suas particularidades. O subtítulo intitulado de *A especificidade do texto literário* (Brasil, 1998 p.26), tem início com a seguinte definição:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (BRASIL, 1998. p. 26).

O documento traz os conceitos de literatura e de texto literário, mas não discute como deveria se efetuar esse trabalho, nem prepara o docente para trabalhar com a leitura literária de fato, contribuindo para sanar as dúvidas que o professor tenha, para que possa desenvolver um trabalho proveitoso junto à comunidade escolar. Desse modo, o documento não proporciona uma metodologia que dê paradigmas ao professor.

Buscando melhorar alguns aspectos do documento, o MEC apresenta uma revisão dos PCN em 2002 e 2006, como orientações curriculares para o Ensino Médio. Nessas orientações, observamos uma preocupação maior com o texto literário, no entanto, o mesmo é apresentado apenas como apoio e não como uma disciplina independente.

Perrone-Moisés (2006) salienta que nos documentos do MEC, a Literatura é uma disciplina ameaçada e o que está em pauta é a salvação dela como disciplina escolar e universitária. A autora esclarece que é importante ensinar Literatura porque:

A pergunta subjacente a todas essas propostas de diminuição ou de eliminação do ensino literário é a seguinte: por que ensinar literatura? Sintetizando o que tem sido dito por numerosos teóricos, responderíamos: 1) porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura não há cultura; 2) porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; 3) porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; 4) porque a literatura é um instrumento de conhecimento e de autoconhecimento; 5) porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras histórias e outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das transformações históricas; 6) porque a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de texto não alcançam (PERRONE-MOISÉS, 2006, P.27-28).

É fato que o surgimento dos PCN trouxe novas conquistas, sendo inegável a sua importância. No entanto, entendemos que muito ainda precisa ser feito, sobretudo, quando se pensa naquilo que é proposto. A realidade ainda é dura e complexa, pois tanto os problemas de ordem estrutural quanto os de ordem operacional e social que influenciam no processo, ainda são bem salientes. Assim, aproximar a prática pedagógica das teorias é ainda um desafio e requer muito esforço, tais como: melhoria das condições de trabalho dos profissionais, investimento na formação de professores, como também a melhoria das condições sociais dos discentes e de sua família.

Há, por parte do documento, a concepção de que o texto literário transcende os demais em vários aspectos, e é passível, por isso, de múltiplas interpretações. Aguiar (2003), corroborando com PCN, diz que textos informativos, apelativos, argumentativos e os demais, estão muito mais comprometidos com os referentes externos, que pretendem dar ordens, influenciar comportamentos, etc. Enquanto os literários se ocupam bastante com os internos e se preocupam em dar vazão à imaginação. Já Candido (1970) dialoga com os PCN, na medida em que ressalta o papel da Literatura na construção da personalidade e na capacidade que esta tem de alterar a visão de mundo daqueles que a utilizam.

A leitura, por exemplo, propõe uma nova forma de organização de ideias, que a princípio são expostas pelo autor, as quais serão moldadas de acordo com o entendimento e opinião do leitor no decorrer da obra. Nesse processo ocorre uma “reavaliação de conceitos”, pois, ideias são expostas, sentimentos são compreendidos e pontos de vista são modificados.

Diante do que foi previsto para o modelo educacional brasileiro, proposto pelos PCN, surgiu à necessidade de amplificar as orientações metodológicas dirigidas aos docentes de ensino básico. Nesse contexto, nasce a BNCC, um documento com a finalidade de ampliar o ensino nacional para suprir a necessidade de mudanças no currículo escolar, na tentativa de solucionar problemas referentes à aprendizagem como também a fragmentação dos conteúdos ministrados nas disciplinas. Tal documento vem sendo formulado e reformulado desde 2015, e antes da versão atual, teve outras duas, tendo como elemento norteador as Diretrizes Curriculares, a LDB<sup>5</sup> e a Constituição<sup>5</sup>Federal. A sua versão final foi homologada pelo Ministro da Educação, Mendonça Filho, em 20 de dezembro de 2017 e deverá ser totalmente implantada em dois anos. As mudanças ocorridas são decorrentes das próprias demandas urgentes da sociedade como também da mudança ocorrida no cenário político.

O primeiro parágrafo da versão atual traz a seguinte definição sobre o referido documento:

É um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar [...] e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BNCC, p. 7)

O processo de discussão sobre a elaboração da BNCC, aconteceu através do Conselho Nacional de Educação que realizou audiências em 2017

---

<sup>5</sup> BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

para discutir sobre o documento para as etapas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental e em 2018 para discussão sobre o documento para etapa do Ensino Médio.

A versão final deste documento consolida uma concepção curricular referenciada em competências gerais a serem desenvolvidas pelos educandos no decorrer da escolarização.

O próprio documento define competência como:

Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BNCC, p. 6).

. De acordo com a organização da BNCC, as áreas de conhecimento do Ensino Fundamental dividem-se em Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Sociais. As linguagens, por sua vez, compreendem arte, dança, música, teatro, educação física, língua portuguesa e língua estrangeira moderna. Das competências específicas na área de linguagem, citamos as seguintes por estarem mais em consonância com a proposta de leitura literária que desenvolvemos em nosso trabalho de intervenção:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. 2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. (...) 5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, 2017, p. 63).

A BNCC põe o texto como elemento principal das práticas de linguagem para as aulas de língua portuguesa, sendo que o texto não é visto apenas na modalidade verbal, mas também, em suas muitas modalidades. O documento faz uma divisão dos conhecimentos nos seguintes eixos: leitura, escuta,

produção (escrita semiótica) e análise linguística/semiótica. Sobre o eixo leitura a BNCC diz que:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BNCC, 2017, p. 69).

Desse modo, percebemos que a literatura mencionada não tem um espaço específico e está ligada a outras atividades. Não há uma preocupação com os leitores de literatura. Assim, constatamos que o espaço da literatura cada vez mais diminui nos documentos oficiais e também nas aulas de língua portuguesa.

No que tange as competências específicas em língua portuguesa nos anos finais, o documento afirma que:

[...] componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências específicas. Vale ainda destacar que tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania (BNCC, 2017, p. 84).

Das dez competências que a BNCC traz, apenas um tópico faz referência direta ao texto literário. Desse modo, após a leitura dos documentos, percebemos que a leitura literária não é elemento central na BNCC, como também nos PCN, embora em alguns momentos perpassasse por esses documentos. Conforme vimos, há ainda muitos espaços fechados e o professor precisa abrir esses espaços e procurar complementar esses documentos utilizando meios para trabalhar a leitura literária em sala de aula no sentido de formar leitores ativos e assim promover o letramento literário.

### 1.3. A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS

A leitura é uma atividade crucial na vida do indivíduo, através dela se adquire a consciência de mundo e se amplia horizontes. Ela é de fundamental importância para o desenvolvimento e formação social do indivíduo, contemplando os mais variados aspectos que englobam a linguagem, sensibilidade, criticidade. Através das leituras que realizamos, apropriamo-nos de um vasto conhecimento. Por meio dela, podemos viajar, sem até mesmo sairmos do lugar. O fato é que a leitura faz parte do nosso cotidiano. Na verdade, a leitura se faz presente em nossa vida desde o momento que começamos a compreender o que está a nossa volta. No mundo moderno do qual fazemos parte, a todo o momento, estamos de certa forma em contato com a leitura. Estamos cercados de textos escritos, abarcando aqueles disseminados pelas novas tecnologias, embora muitas vezes não nos demos conta. Assim, somos leitores em tempo integral, mas não lemos do mesmo jeito os textos que circulam e nem todos têm acesso ao letramento necessário para fazer uso da leitura nas diversas situações do cotidiano.

A aquisição da leitura é indispensável nas sociedades letradas, sendo considerada uma condição para dar voz ativa aos cidadãos, à medida que auxilia na formação da consciência crítica. É de conhecimento de todos os vários benefícios que a leitura traz a nossa vida, mas, mesmo assim, o ato de ler ainda é visto por muitos, como uma obrigação, algo que não pode despertar prazer e, apesar de vivermos cercados de textos com as mais distintas finalidades, em plena era da tecnologia, instigar o gosto pela leitura é ainda um dos desafios da escola e da educação de modo geral.

É notório que essa prática enfrenta uma crise, chamada crise da leiturização. Nesse contexto, não cabe à escola apenas ensinar a ler, mas propor tarefas para que os discentes desenvolvam essa competência. Praticar a leitura para poder se encontrar no mundo onde existe tanta informação e não ficar apenas no que dizem os textos, como também, incorporar o que eles trazem para transformar o próprio conhecimento.

Assim, estando à leitura presente na vida do ser humano, antes mesmo que ele ingresse na escola, faz-se necessário desenvolver as habilidades de

leitura e escrita exigidas pela sociedade letrada da qual fazemos parte. Não basta apenas ler ou decifrar códigos linguísticos, é preciso compreender e interpretar o que se lê. Nesse sentido, é necessário preparar o leitor para torná-lo sujeito do ato de ler. A escola deve se preocupar com a formação de leitores que assumam um papel ativo diante dos textos que leem. Nesse sentido, atestam os PCN:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência, verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, p.69-70 ).

Sabemos que os alunos precisam se sentir motivados para a leitura, todavia, isso acontecerá se encontrarem na escola bons modelos de leitores. Nesse contexto, é preciso fomentar a leitura, mostrando gosto por ela para que a mesma venha a ter um significado. Desse modo, percebendo a necessidade de levar os alunos a enxergarem a leitura como uma prática prazerosa, bem como a necessidade de formar leitores competentes, que dialoguem com os textos que leem, corroboramos com a opinião de vários estudiosos que veem na prática da leitura literária em sala de aula, um caminho para despertar o leitor adormecido, o leitor que ainda precisa se apaixonar, o leitor que através dos textos compreenda a si próprio e o mundo que o circunda. Assim, é preciso formar leitores proficientes e, para tanto, é fundamental que o discente pratique a leitura literária, assim explicada por Zilberman (2009):

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora permitindo o indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p.17).

Sobre a presença da leitura literária na escola, Frantz (2011) é bem precisa. A autora afirma que a leitura literária faz muita diferença no processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos, não somente na área de línguas, mas também nas demais áreas.

Desse modo, a instituição escolar deve estar intimamente ligada ao espaço social e ao mundo circundante. Nesse ambiente, as práticas de leitura necessitam ser mais sistematizadas e diversas. É importante a inserção de textos literários em sala de aula e esses não devem, necessariamente, pautar-se apenas pelo caráter didático. Conforme pontua Antônio Candido, é fundamental que a literatura nos enriqueça como seres humanos. “A literatura desenvolve em nós a quota da humanidade à medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1995 p.249).

Assim, o texto literário precisa ser objeto de estudo no cotidiano escolar, dada a riqueza de sua linguagem literária. Reforçam Bordini e Aguiar que:

Todos os livros favorecem a descoberta de sentido, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se a fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. A linguagem literária extrai do processo histórico-político-sociais nela representados, uma visão da existência humana” (BORDINI e AGUIAR 1988, p.13).

Cosson (2014 p.23) define o letramento literário como uma “prática social e uma responsabilidade da escola”. Assim, a leitura literária, no contexto escolar, deve ser realizada sem o abandono do prazer, mas, com compromisso de conhecimento que todo saber exige. A princípio, o texto literário não constitui um texto utilitário. São os leitores, que, a partir de suas leituras, lhe atribuem diferentes funções.

A partir do texto literário, o leitor poderá aprender a questionar, divertir-se, amadurecer, transformar-se, desenvolver a sensibilidade estética e ter contato com as mais diferentes visões de mundo. Nesse sentido, em consonância com os teóricos mencionados acima, consideramos que o texto literário ajuda o aluno a inserir-se no mundo letrado. Além disso, proporciona um duplo aprendizado no que diz respeito ao conhecimento da língua e sua

formação cultural. Busca-se, dessa maneira, proporcionar o ensino de leitura unindo o prazer de ler ao compromisso do conhecimento.

Desse modo é de fundamental importância que a escola coloque no centro de sua prática, a leitura de textos literários, compreendendo que a literatura tem um papel importante a cumprir no âmbito escolar. Assim, torna-se urgente que a escola tenha uma prática direcionada à promoção do letramento literário, apontado por Cosson (2014) como processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.

Soares (2001), ao discorrer sobre a escolarização adequada da literatura, ressalta o papel da escola a conduzir o aluno eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social. Desse modo, utilizar o texto literário meramente para o ensino da gramática é negar a função humanizadora da literatura. Nesse caso, é possível afirmar que “a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos Humaniza” (COSSON, 2014, p.23).

#### 1.4 LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PRÁTICA ESSENCIAL E POSSÍVEL

O termo Letramento é bastante atual no âmbito da educação. Conforme Soares (2006, p.16), quem provavelmente empregou esse termo pela primeira vez foi Mary Kato em 1986. ANGELA Kleiman, em 1995, utiliza o vocábulo para intitular seu livro *Os significados do letramento* (2005). Ela esclarece que o letramento literário inclui as práticas escolares de uso da escrita, mas que no entanto, vem a ser uma prática mais ampla.

O advento do uso do termo letramento se deu pela necessidade de nomear comportamentos e práticas sociais de leitura e escrita, que vão além do sistema alfabético e ortográfico. Para entender melhor a situação de letrado, vejamos o conceito de letramento que a pesquisadora Magda Soares apresenta em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros*. Depois de fazer um breve histórico sobre o surgimento do termo, o qual se originou no vocábulo latino *Literacy*, a autora conclui que letramento é:

[...] é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está à ideia de que a

escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2003, p.17).

O letramento é um processo contínuo, que acontece durante a vida inteira, mas que deve ir alcançando um grau de complexidade maior, ao passo que o indivíduo procura entender as situações concretas que estão sendo vividas, que anseia ir além das sensações aparentes, buscando, na sua relação com toda a sociedade as co-relações entre as particularidades do vivido e a totalidade das relações estabelecidas com o mundo das letras

É comum haver uma confusão entre letramento e alfabetização, mas a autora esclarece explicando que “alfabetizar nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando às práticas sociais que as demandam” (SOARES, 2000, p.19).

No processo de alfabetização, o indivíduo é levado a compreender que o nosso sistema de escrita é alfabético; é composto por letras que, somadas, constituem palavras. É necessário, também, que a criança e/ou o adulto compreendam que a língua escrita não é mera representação da língua falada, pois, de acordo com Soares (1998), o discurso oral e o discurso escrito são organizados de forma diferente.

Assim, entende-se por alfabetizado o sujeito que aprendeu a ler e a escrever, que adquiriu as habilidades da leitura e da escrita, o que torna possível a este codificar e decodificar em língua escrita.

Nesse sentido, define-se alfabetização – tomando-se a palavra em sentido próprio – como processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico), habilidades motoras de manipulação de instrumentos e equipamentos para que a codificação e decodificação, habilidades de escrever ou ler seguindo a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para direita), habilidades de organização espacial do texto página, habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel, sob diferentes representações e tamanhos (folha de bloco, de almoço, de caderno, cartaz, tela de computador...) (SOARES, 2003, p.91).

A autora ainda diferencia alfabetização e letramento explicando que:

Conforme Soares (2003), alfabetização e letramento são, por conseguinte, processos que se distinguem, de natureza essencialmente diferente; todavia, são interdependentes e mesmo indissociáveis, já que uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, como também pode ocorrer o contrário, ser letrada, mas não ser alfabetizada.

Assim, o letramento vai além da alfabetização, uma vez que, para ser considerado letrado, não basta apenas que o indivíduo aprenda a ler e a escrever, é necessário que ele faça uso social das práticas de leitura e escrita. Desse modo, o sujeito que possui o conjunto dessas habilidades e as utiliza socialmente com a finalidade de alcançar seus objetivos e desenvolver suas competências é considerado letrado e, conseqüentemente, um sujeito comunicativo, sociável. Tornar-se letrado possibilita uma condição social mais favorável, uma vez que, através do letramento, conseguimos nos comunicar melhor.

Paulino e Cosson (2009) atestam que tais habilidades são parte de competências complexas, voltadas para o processo de construção dos sentidos, podendo, dessa forma, capacitar o aprendiz para saber agir no mundo e sobre o mundo.

Dentre uma gama de letramentos, encontra-se o letramento literário, que faz parte da expansão do uso do termo letramento, ou seja, integra o plural de letramentos. Nessa perspectiva, a literatura é entendida como algo vivo e apresenta como cerne principal o texto literário, ou seja, o mais importante, no letramento literário, é o contato que o leitor realiza com o texto, sendo mais importante viver a literatura do que falar sobre ela.

Esse tipo de letramento se difere dos demais porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, cabendo a ela “[...] tornar o mundo compreensível, transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p.17).

É nessa perspectiva de letramento, que nos interessa o letramento literário, cujo foco não deve estar apenas na obtenção das habilidades de ler os gêneros literários, mas, também, no aprendizado da compreensão e ressignificação dos textos por meio da motivação (SILVA e SILVEIRA, 2011).

Interessa-nos o letramento literário por nos dar a possibilidade de viver a experiência do outro através da linguagem.

Refletindo sobre o que vem a ser um sujeito leitor, percebemos a importância de trabalharmos com o texto, de forma que o discente mantenha uma relação de interação com ele, através da qual o sentido se constrói. Assim, a criação de propostas pertinentes de leitura literária a partir da concepção de interação favorece a formação de um leitor ativo. Tal posicionamento é entendido pelo letramento literário a que Cosson faz menção, ao declarar que:

Ser leitor de literatura é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas de poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com texto enquanto princípio de toda experiência estética (COSSON 2014, p.120).

Assim, o letramento literário revela-se como um processo que envolve o sujeito-leitor em sua ação de ler o texto, mas também de dar um sentido ao que foi lido. Para explicar melhor letramento literário, Paulino (2001) elucida que:

Usamos hoje a expressão letramento literário para designar parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa (PAULINO, 2001, p.117)

Cosson (2014) esclarece que o letramento literário é um processo por meio do qual temos contato com o texto literário a partir da linguagem, que exige uma forma especial de construção da compreensão. Desse modo, o letramento literário ultrapassa a aquisição da leitura e da escrita na medida em que:

Se faz via textos literários. Compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu domínio. Daí a importância da escola, ou melhor, sua importância (COSSON, 2014, p.12).

Assim, participar de um evento de letramento é comunicar-se socialmente usando a escrita. É fato que existem inúmeros eventos de

letramento e a escola atua de forma errada quando não considera os demais eventos que ocorrem fora dela.

Nesse sentido, o teórico enfatiza que a leitura deve ser conduzida a partir de três ações: discutir, questionar e analisar. Cosson (2014) defende a construção de uma comunidade de leitores, como a finalidade do letramento literário na escola. Para tanto, apresenta, em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, uma proposta que consiste em uma sequência básica e uma sequência expandida de letramento literário.

Considerando a proposta de Cosson, a escola, como facilitadora no processo de desenvolvimento cultural e no aprendizado de língua, deve proporcionar ao aluno o contato com o texto literário, apresentando a sua importância e fazendo o discente compreender o mundo e a sociedade através de histórias bem tecidas.

Na prática pedagógica, o letramento literário pode ser cumprido de diferentes formas. Segundo Cosson (2014), não existe letramento literário sem que haja o contato direto com a obra, ou seja, é necessário oferecer ao discente a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias. O processo de letramento passa indispensavelmente pela comunidade de leitores, isto é, há um espaço de compartilhamento de leituras, onde circulem os textos. Nesse sentido, é tarefa do professor acolher no ambiente escolar as mais distintas manifestações culturais. O objetivo passa a ser alcançado quando são oferecidas atividades contínuas e direcionadas que favoreça o desenvolvimento da competência literária. Desse modo, a escola cumpre o seu papel que é de formar leitores literários.

Nesse sentido, a escola atual tem um desafio que é o de apresentar ao aluno a leitura e a escrita como algo que tenha vida, uma prática que permita discussões, questionamentos, que permita a recusa bem como a aceitação. Dentro desse contexto Kleiman 2007 declara:

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho em todos os ciclos. (KLEIMAN, 2007, p.4).

Assim, compreendemos que as práticas de letramento vêm se constituindo como uma necessidade que a escola atual precisa assumir, pois essa prática, levada a efeito dentro do âmbito escolar, permite um trabalho em que a leitura e a escrita se apresentem sem ocultar a sua identidade social, nem perder seu caráter próprio.

Acreditamos que o letramento produzido com os textos literários instiga uma forma diferenciada de introduzir o leitor no mundo da escrita. Para tanto, a escola deve participar ativamente e apoiar o letramento literário, uma vez que também é possível que se formem leitores literários fora dela.

A escola, sendo um dos principais ambientes onde são desenvolvidas práticas de letramento literário precisa estar ciente de que tal fenômeno não é uma habilidade pronta para ler textos literários. Ao contrário, requer que o leitor esteja sempre atualizado no que diz respeito ao universo literário. Ele precisa ser enxergado como uma experiência de dar sentido ao mundo através de palavras, as quais, falam e transcendem os limites do tempo e do espaço.

Refletindo acerca do letramento literário, concluímos que devemos fazer deste uma prática significativa tanto para nós, quanto para os nossos alunos, de modo a estimular e ampliar a leitura para que a mesma vá além das práticas usuais. Caminhos possíveis para alcançar o letramento literário existem; é necessário, tão somente que sejam colocados em prática, discutidos e analisados, uma vez que é a través da prática que a teoria pode se mostrar efetiva.

## II CAPÍTULO

### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL

Como o próprio nome aponta, a literatura infantil é destinada às crianças. Tal literatura começou a surgir no século XVII, época em que a criança passava a ser vista como criança porque, até então, ela participava da vida social adulta, desfrutando também de sua literatura, pois participava junto com os adultos de tradições populares tais como escutar narrativas dos contadores de história.

Hoje, nos soa estranho ouvir que houve uma época na qual não exista infância, mas, o fato é que a concepção de uma faixa diferenciada só veio ocorrer em meio à Idade Moderna. Zilberman nos explica que:

Antes da constituição desse modelo familiar burguês. Inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era concebida como um tempo diferente, nem o mundo da infância como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. (ZILBERMAN, 2003, p.15).

A autora ainda salienta que essa mudança se deveu a uma nova concepção de família que antes era centrada em amplas relações de parentesco e passou a um núcleo unicelular, ou seja, com uma preocupação em manter sua privacidade, dessa forma, estimulando os laços de afeto entre seus membros, não mais permitindo a interferência de parentes em seus negócios.

Embora a valorização da infância tenha “aproximado” a família e tenha sido uma evolução, o desenvolvimento intelectual da criança e suas emoções passaram a ser manipuladas. A infância passa a ser entendida como um período de dependência e vulnerabilidade do indivíduo, na qual este deveria receber proteção especial contra os perigos do mundo.

Para tanto, surgem instituições que se ajustam às necessidades da época, tais como escola, igrejas, sindicatos etc.

Nesse período, era prática comum dos autores misturarem histórias, poemas cuja finalidade era de ensinar tanto a leitura e a escrita, como também regras de comportamento moral. Os primeiros livros para crianças surgiram no período em que a burguesia estava em ascendência e eram produzidos com a intenção de alfabetizar os indivíduos, com a finalidade de preservar o espaço do jovem na sociedade e servir de intermédio entre a criança e o mundo. Nesse contexto, surge, então, a escola, como instituição organizada e disciplinadora.

Com a ascensão do capitalismo, surgiu a necessidade de educar os jovens e, desse modo, a burguesia passa a oferecer um tratamento diferenciado a esta fase. É nesse contexto que a literatura infantil conquista mais espaço e os adultos passam a se preocupar em propiciar textos que estivessem apropriados ao público pueril. Então, alguns autores começaram a escrever especialmente para esse público.

É válido ressaltar que, durante muito tempo, a literatura infantil foi menosprezada, ou seja, vista como uma literatura de qualidade inferior, sendo associada apenas à distração e ao prazer em folhear livros ilustrados com imagens coloridas. Seu conteúdo deveria estar adequado à criança, considerando sua capacidade de compreensão e interesses. Assim, os primeiros textos escritos para crianças, na verdade, conforme trataremos em outro capítulo, não foram escritos para crianças, mas ganharam uma nova roupagem para que as mesmas pudessem ter acesso. O objetivo era despertar o interesse do pequeno leitor, de modo que ele pudesse compartilhar experiências proporcionadas, quer fossem reais ou fictícias. Todas as histórias tradicionais que se transformaram em clássicos foram, antes, literatura popular, advindas das estações da oralidade. Notemos:

A literatura infantil é antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte, fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p.27).

Sobre a necessidade de apresentar aos alunos uma literatura que ampliasse os horizontes, Colomer (2007) tece o seguinte comentário:

Muitos livros infantis oferecem aos pequenos a confirmação do mundo que conhecem: a vida cotidiana em família, as compras, os jogos no parque etc. Mas eles necessitam também de uma

literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais, de maneira que os melhores livros ilustrados são aqueles que estabelecem um compromisso entre o que as crianças podem reconhecer facilmente e o que podem compreender através de um esforço imaginário que seja suficientemente recompensado (COLOMER, 2007.p.57)

Desse modo, o professor de língua portuguesa deve nutrir o gosto pela leitura de textos literários para que possa nortear seus alunos através do mundo mágico presente nessa literatura, mas, sobretudo valorizar a qualidade humana que se revela através dos textos literários.

Observamos que as primeiras obras direcionadas às crianças tinham a finalidade de passar valores e criar hábitos, o que difere da literatura infantil da atualidade, que busca ir muito além, não tendo só esse objetivo, mas com a preocupação de oferecer uma nova visão da realidade, congregando diversão, reflexão e prazer. Assim se reporta Cavalcanti (2002) sobre a literatura para criança:

A literatura pode ser para a criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua, capacidade simbólica, visto que trabalha diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne um adulto mais criativo, mais integrado e feliz (CAVALCANTI, 2002, p.39).

Refletindo sobre o surgimento da literatura infantil, podemos dizer que esta literatura infantil surgiu tardiamente, mas que sua concretização foi extremamente relevante para satisfazer os desejos do novo público. Notamos que a fantasia se faz presente nas histórias para a criança. É consenso entre os teóricos da área, que não há como desligar a literatura infantil do mundo mágico, uma vez que ela está estreitamente ligada à imaginação. Desse modo, quanto mais cedo a criança for inserida no mundo imaginário, mais cedo ela se tornará leitor apto, com condições de exercer sua cidadania.

No Brasil, foi a partir do século XIX que os primeiros livros nacionais para o público infantil começaram a surgir, além de traduções e adaptações de obras europeias. Tanto no Brasil, como na Europa, a produção de livros para crianças foi marcada por intenções de cunho moral e pedagógico, ligadas ao universo cultural de uma classe que estava em ascendência - a burguesia. Nesse contexto, a escola foi o espaço de consumo dessas obras literárias

infantis e juvenis, que se propagou devido aos programas de incentivo à leitura. Dentre eles, a Fundação do Livro Escolar, a Fundação do Livro infantil e Juvenil, a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNDE).

No momento atual, surge uma indagação: haverá espaço para a literatura, em especial a infantil? Eis um questionamento que tem levado estudiosos e teóricos a refletirem sobre o espaço da literatura, principalmente a infantil, nesse mundo que vive o auge da informática, onde livros disputam espaço com brinquedos de alta tecnologia, *games*, entre outros artefatos. Nesse sentido, Coelho (2000) vem nos dar uma resposta:

Sim. A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio com o leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2000, p.15).

Os contos de fadas, fazendo parte dessa literatura que, embora a princípio, não tenham sido escritos para o público infantil, suas versões conquistaram não só crianças, mas também jovens e adultos. Estudiosos afirmam que a literatura infantil contribui para crescer o universo interior, tocando nas lutas internas. Essas histórias, muitas vezes analisadas apenas sob o aspecto do imaginário, vão além do maravilhoso, pois se constroem a partir de imagens metafóricas, contribuindo para ajudar os indivíduos a vencerem as adversidades da vida.

A escola é o espaço onde deve ser privilegiada a literatura Infantil, que para Coelho (2000) é “Abertura para a formação de uma nova mentalidade”. Desse modo, essa literatura deve ser levada a realizar sua função formadora, que não deve ser confundida com a função pedagógica, devendo ser aproveitada em sala de aula, como elemento impulsionador, o que levará a escola a questionar, problematizar com o modelo de educação fundado na tradição.

## 2.2 O CONTO DE FADAS: UM BREVE HISTÓRICO

Em tempos muito longínquos, já se ouvia falar em histórias habitadas por reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, fadas, duendes, anões, gigantes, reinos distantes, castelos e muitos outros personagens com

características bem peculiares. O fato é que, desde sempre, o ser humano se sentiu fascinado pelas narrativas que abordam temas relacionados à vida, à própria condição humana. Segundo a teórica Nelly Coelho (1987), a literatura maravilhosa descende de fontes muito antigas. Seus estudos mostram que as produções anônimas e coletivas do povo revelavam o modo como se sentiam e viam a vida.

Na atualidade, podemos perceber que é crescente o interesse das narrativas possuidoras de elementos de magia, forças ocultas, acontecimentos sobrenaturais. Observamos que a ficção científica, os mistérios do além mundo, o poder de seres extraterrenos, entre outros temas afins, despertam o interesse de um considerável público de leitores ou telespectadores de hoje.

Corso & Corso (2006) referem-se da seguinte forma ao conto de fadas:

O que entendemos aqui por conto de fadas é o mesmo que Vladimir Propp denominou de conto Maravilhoso, em função da onipresença de algum elemento mágico ou fantástico nessas histórias. [...] Muitos optaram por essa denominação justamente para dar conta da vastidão de personagens e fenômenos mágicos, absurdos ou fantasiosos que podem povoar os reinos encantado (CORSO&CORSO, 2006, p.27).

Essas narrativas são assim denominadas, porque na cultura céltico-Bretã, as fadas, seres fantásticos, tinham grande importância, Coelho (1987), Assim define essas figuras femininas:

Fazem parte do folclore europeu ocidental (e dele emigraram para as Américas) e tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob a forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens para auxiliá-los em situações limite, quando já nenhuma solução natural seria possível (COELHO, 1987, p.31).

Tais seres podem ainda apresentar-se sob a forma de bruxas, sendo a encarnação do mal, mas apesar do passar dos tempos, ainda continuam atraindo crianças e adultos. Os estudiosos das tradições célticas consideram as fadas “mestras da magia”, vistas como seres superiores que detêm poderes paranormais”. Ainda nos diz Coelho (1987) que, na maioria das tradições, elas apareciam associadas ao amor, sendo amadas ou até mesmo atuando como conciliadoras entre os amantes.

No final do século XVII, o acervo de narrativas maravilhosas se difundiu e boa parte delas foi coletada, transformando-se assim, em narrativa que inspirou novos textos. Informa-nos Coelho (1987) que Charles Perrault resgatou a literatura oral, tornando-se o fundador da literatura infantil\*, embora não tivesse pretensões de escrever para crianças. Influenciado por questões religiosas, o poeta e advogado interessou-se por uma literatura ignorada na época. A princípio, o escritor conferiu a autoria de *Contos da Mamãe Gansa* a seu filho, pois tinha receio de manchar a sua imagem de escritor culto.

Cabe ressaltar que, se Perrault é o primeiro escritor reconhecido por realizar essa transição dos contos de fadas para a literatura escrita, posteriormente, outros autores ilustres realizaram semelhante trabalho. Notadamente, no século XIX, Hans Christian Andersen e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm são responsáveis pelo processo de fixação das narrativas.

Assim, como Perrault, os irmãos Grimm, também não tinham intenções de fazer a recolha dos contos voltados para as crianças. Foi em meio aos seus estudos linguísticos que eles acharam um acervo de narrativas maravilhosas, que misturaram-se com os de Perrault.

Seus primeiros contos, intitulados de *Histórias das crianças e do Lar*, totalizavam 51 histórias que, gradativamente, foram caindo no gosto popular, sendo reinventados em várias versões, conquistando povos e culturas de idiomas diferentes. Em grande parte dos seus textos, é comum encontrarmos dragões, bruxas, monstros, personagens de histórias trágicas que precisaram ser amenizadas, ganhando finais felizes para que pudessem chegar às crianças e adolescentes. A coletânea hoje é conhecida como Literatura clássica Infantil. Os contos dos irmãos Grimm foram publicados e só depois reunidos no volume *Kinder-und-Hausmarchen* - contos de fadas para crianças e adultos, hoje, intitulado de *Contos de Grimm*.

Embora os Irmãos Grimm não tivessem interesse de escrever para o público Infantil, conforme vimos, Coelho (2003), ressalta que, a produção deles acabou ganhando dimensões jamais imaginadas e foi traduzida em várias línguas, transformando-se em uma das obras primas da literatura infantil. Os próprios escritores alemães fizeram adaptações em sua obra. Ainda conforme Coelho (2003), essas alterações aconteceram devido a mudanças sociais que

ocorreram até 1822, ano em que houve a publicação de contos *maravilhosos Infantis e Domésticos*.

Os contos de fadas não se apresentavam como nós os conhecemos hoje, pois envolviam incesto, canibalismo, sexo, entre outras temáticas impactantes, mas que eram naturais para aquele determinado contexto. Não foram histórias escritas para crianças, conforme já vimos. O aspecto fantástico e lúdico surgiu da necessidade de amenizar os enredos controversos próprios de uma época em que a civilização não conhecia significado de infância.

Considerando o contexto social da época, as histórias passaram por um processo de amenização da violência. Após a Revolução Francesa, a criança que, antes não tinha importância, passou a ter. Passou-se a ter uma preocupação com sua educação que, até então, não existia. Além disso, Coelho (2003) nos mostra que a segunda edição dos *Contos do Grimm*, já apresentava modificações, retirando os episódios de violência e maldade.

No tocante à problemática, Coelho (1987) nos diz que:

Os contos de fadas têm a sua problemática voltada para a luta do seu eu, uma realização do seu interior, que está inteiramente ligada a sua vida. Sua trama se desenvolve na trama da magia feérica com presença de fadas, reis, rainhas, bruxas, gigantes, objetos mágicos. (COELHO, 1987, p.46).

Passados três séculos desde a primeira publicação da primeira coletânea de contos de fadas, essas histórias maravilhosas estão ainda presentes na atualidade. Como exemplo, temos a diversidade de produções cinematográficas, baseadas nos contos de fadas e que, atualmente, fazem tanto sucesso.

Diana Corso e Mario Corso (2006) afirmam que a sobrevivência dos contos de fadas atribui-se à capacidade que tais histórias têm de simbolizar e ajudar a resolver conflitos psíquicos e inconscientes que ainda fazem parte da realidade das crianças da atualidade.

Os autores ainda salientam que os contos de fadas sobrevivem graças a uma série de folcloristas, que por serem apaixonados pelos contos nos deixaram suas versões e afirmam que a capacidade de sobrevivência dos melhores contos de fadas que continuam encantando crianças das gerações dos computadores, videogames, consiste no seu poder de simbolizar e resolver conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje

### 2.3 DISCORRENDO SOBRE O CONTO MODERNO

O conto de fadas faz parte da literatura mundial, conhecido por muitos povos em épocas diferentes. É fato que os contos de fadas passaram por mudanças ao longo do tempo e estas espelhavam o desenvolvimento social de cada período. Tais histórias fazem parte da vida das crianças que, em algum momento, já as ouviram, leram e gostaram.

Conforme já vimos aqui, a princípio, os contos de fadas não foram escritos para o público infantil. As mudanças que sofreram têm como interesse principal deixá-los mais leves, mais gentis, de modo que as crianças não se assustassem com o seu conteúdo, com o enredo que apresentavam e estes pudessem ser usados para educar. Além do caráter escrito que angariaram, atualmente, eles têm ganhado novas adaptações e se adequado ao cinema, quadrinhos e outros contextos.

O gênero conto de fadas não é estático, uma vez que está sempre em evolução, com temas cada vez mais críticos. Volobuef (2000, p.109) afirma que tal gênero abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para abordar esferas temáticas mais complexas. Desse modo, a narrativa fantástica passou a discorrer de assuntos que causam inquietação para o homem atual, como por exemplo, os avanços tecnológicos, problemas existenciais, diversidades, desigualdade social, dentre outros, deixando, assim, de ser apenas uma narrativa de entretenimento, pois: “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoado por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia a dia”. (VOLOBUEF, 2000, p.110).

Em relação á evolução dos contos de fadas, o estudioso Bruno Bettelheim salienta que:

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos- passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança, tanto do adulto sofisticado (BETTELHEIM,1980,p 14).

Nos contos modernos, também encontraremos a efabulação (Coelho 1978, p.48) explica que a efabulação “é o recurso básico da estruturação de qualquer narrativa, pois depende o desenvolvimento da ação”.

A efabulação é iniciada de forma instantânea e os acontecimentos narrados nem sempre seguem uma linearidade, muitas vezes contando com flashbacks. É possível observar ainda que há uma tendência a retomadas de temas e recursos antigos. Presente e passado se ligam para gerar novos processos.

As transformações e metamorfoses são características presentes, tanto nos contos de fadas tradicionais, conforme vimos, quanto nos contos modernos. A narrativa moderna multiplica-se em diversos tipos de aventuras, as quais apontam diversos caminhos instigando os personagens a enfrentarem as dificuldades e buscarem a solução para os problemas e não ficarem à espera de algo mágico, como uma fada madrinha que aparece como solução para todos os problemas.

Observamos que os contos modernos possuem uma autoria bem definida; eles advêm de uma pessoa a quem se deve toda criatividade de cada uma das histórias. Em vez de uma origem coletiva, essas produções em geral, partem de um indivíduo social, cuja existência é identificável dentro de um contexto histórico, mesmo que partam de temáticas de caráter universal. É o que podemos constatar nos contos infantis de Oscar Wilde, ao reproduzir uma concepção de mundo que é fruto de uma experiência individualizada.

O compromisso com os valores universais da essência humana continua presente no interior dos questionamentos, a mudança ocorre no centro dessa essência humana que não é a mesma de outra época. Os contos de fadas modernos fazem um pouco mais do que nomear os medos presentes no coração dos adultos e crianças, mostrando que se deve lutar por aquilo que se almeja. Quanto aos personagens, elas aparecem através de uma perspectiva satírica e o protagonista é incorporado à coletividade, ou seja, o espírito comunitário passa a ter lugar de destaque.

Podemos notar que o humor e a sátira são características presentes nas narrativas modernas e mantendo a estrutura tradicional, a inovação acontece por meio do conteúdo.

O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve em sua história foi uma mudança de técnica e não de estrutura. Os contos modernos também agradam o leitor iniciante por trazerem a magia e o encantamento próprios da narrativa de fadas e apresentam o moderno mesclando os dois num único prazer: o de se entender e o de entender o mundo.

#### 2.4 SOBRE OSCAR WILDE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Nascido em uma família aristocrática e tradicional, Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde é natural de Dublin, Irlanda e marcou indelevelmente o final do século XIX, na Inglaterra Vitoriana. Alguns autores o relacionam a esteira romântica, ou ainda, possivelmente como precursor de aspectos do modernismo. Nos contos infantis de Oscar Wilde é comum encontrarmos referências e simbologias românticas, como a rosa, no conto *o Rouxinol e a Rosa* ou a andorinha, no conto *O Príncipe Feliz*. No âmbito literário é mestre de uma literatura marcada pelo maravilhoso, da qual dá exemplos nos seus contos. Wilde é um autor de obras que trazem um eterno diálogo com as condições sociais de seu tempo e a criatividade de seus contemporâneos, em especial os da Inglaterra e França. O autor desviava de seus instrutores para conquistar novos escritores e leitores. E, desse modo, conseguiu gerar algo novo com o que ele captou.

Wilde escreveu para várias faixas etárias e tornou-se um dos maiores nomes da literatura e dramaturgo que marcou a cultura do ocidente no final do século XIX pela sofisticação e originalidade de sua obra, bem como por suas ideias libertárias e posicionamento político e social. Ressaltamos que, nesse tópico, não visamos apresentar à biografia, na íntegra, de Oscar Wilde, mas apenas recortes de alguns momentos marcantes de sua produção literária, os principais temas explorados por ele, seu estilo literário, a linguagem utilizada a fim de situar a escrita do autor irlandês no cenário da literatura infantil.

No período da adolescência, fase de descobertas e sentimentos intensificados revelou-se poeta, amante da literatura e de ambos os sexos, uma vez que, já era consciente de sua bissexualidade. Ao tempo em que se sentia seguro a respeito do que sentia ou sobre como se vestiria, seu estilo de

vanguarda e acessórios considerados femininos por seus colegas de faculdade provocavam deboches e intrigas em seu meio acadêmico. As tentativas de humilhação instigavam seu caráter rebelde e questionador dos padrões impostos pela sociedade que ele julgava conservadora e hipócrita. Em pouco tempo, abandonou os estudos dos clássicos gregos em Oxford e se mudou para Londres onde, o ambiente e as pessoas, a princípio, mostraram-se mais receptivas. Sua personalidade marcante, seu estilo próprio, o dom da palavra e sua sabedoria e fama como dramaturgo o tornaram um cidadão bem relacionado. Seria o que chamamos hoje de celebridade instantânea, dada sua ascensão meteórica.

Em 1884, casou-se com Constance Lloyd, com quem teve filhos. Oscar Wilde escreveu e viveu dramas e, embora sua vida não tenha sido um conto de fadas, ele produziu alguns, na época considerada a mais feliz de sua vida, quando viveu da companhia de suas crianças e, tinha nelas, a inspiração e motivação para escrever contos, que hoje figuram entre os de grande destaque na literatura infantil mundial, ao lado dos de Charles Perrault, dos irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Este último, tendo influenciado Oscar Wilde, a traçar finais infelizes, diferente dos contos de fadas de outrora, como podemos observar no trecho a seguir. “Que coisa estúpida é o amor” (WILDE, 2000, p. 23), disse o estudante protagonista de seu conto *O Rouxinol e a Rosa* “Não tem nem metade da utilidade da lógica, porque não prova nada e está sempre dizendo às pessoas coisas que não vão acontecer, fazendo-as acreditar em coisas que não são verdadeiras”. Disse o estudante, decepcionado com o amor não correspondido.

Seis anos após seu casamento, em 1891, Wilde conheceu Alfred Douglas, carinhosamente chamado de Bosie, por quem se apaixonou e, por fim, tornaram-se amantes. Em 1895, Oscar Wilde já havia conquistado o sucesso de público e crítica. Acabara de publicar uma edição revisada de seu romance *O Retrato de Dorian Gray* – escrita em 1891 - seu único romance e a mais famosa de suas obras ao lado de *The Importance of Being Earnest (A Importância de Ser Prudente)*. No prefácio do romance, fez apologia à arte do romance literário e ao leitor, o que o tornou famoso como um crítico ferrenho da cultura e da sociedade.

Em todo o mundo, são muitos os escritores que produzem literatura para adulto, mas não se demitem do ofício de deixar uma contribuição para o público infanto juvenil, como fez Wilde. Muitos fatores colaboraram, certamente, para que Oscar Wilde escrevesse histórias para crianças na década de 1880. Lady Wilde, mãe do escritor, havia editado livros sobre o folclore irlandês, enquanto sua esposa publicou duas coleções de histórias infantis. Era uma tendência da família e do ambiente que o cercava. Com uma linguagem considerada equivocadamente como infantil e variação entre sutilezas e verdades cortantes, ele encontrou nos contos uma forma de expressar suas ideias e explorar questões pessoais profundamente.

De celebridade aos tempos de decadência, bastaram algumas revelações sobre sua vida íntima. No mesmo ano de seu ápice, 1895, ele foi perseguido, acusado de crimes de natureza sexual. Mas antes de ser condenado, deixou sua herança literária. Wilde foi processado pela família aristocrata do jovem Alfred Douglas. Condenado, como dizia o julgamento de maio de 1895, “por cometer atos imorais com diversos rapazes”. Ao sair da prisão, não tinha mais amigos, muito menos a boa reputação. Libertado em maio de 1897, foi morar em Paris, usando o pseudônimo “Sebastian Melmoth” e morreu na mesma cidade, em novembro de 1900.

Os temas de seus contos quer seja pela experiência pessoal do escritor, descontente com a sociedade moralista da época, quer seja pela importância dos temas focados, continuam a ser interessantes para os nossos dias.

## 2.5 O CONTO DE FADAS NA SALA DE AULA

Apesar dos avanços obtidos ao longo dos anos no que se refere à prática da leitura na escola, ainda continua sendo um desafio para nós professores, não só de língua portuguesa, mas de todas as áreas, trabalhar a leitura na sala de aula, de modo que ela seja recebida com prazer e não como uma obrigação. Não raramente, escutamos reclamações de alunos, quando se pede a leitura de um texto mais “longo”. O fato é que essa falta de interesse, as dificuldades em compreender e interpretar os textos advêm de uma série de fatores que somados ao longo da vida escolar como: a falta de incentivo na família, práticas inadequadas de leitura na própria sala de aula, dentre outros motivos que acarretam nos insucessos.

Sobre o ato de ler, Rubem Alves salienta que:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer (RUBENS ALVES, 2000, p.61).

Diante das inúmeras dificuldades, é preciso, pois, promover em sala de aula práticas de leituras eficazes que formem leitores críticos e reflexivos. É através do ato de ler que a criança e o adolescente interagem com o mundo a sua volta. Diante da nossa realidade, enxergamos, no gênero literário conto de fadas, a ferramenta ideal para estimular o nosso aluno ao hábito da leitura e prepará-lo melhor para o diálogo com outros textos.

O conto de fadas faz parte da literatura mundial, sendo conhecido por muitos povos em épocas distintas. É fato que essas histórias estão inseridas na vida da maioria das pessoas, que, em algum momento, já as ouviram, leram e puderam, através delas, fazer reflexões.

Corroborando com o ponto de vista de estudiosos, consideramos que os contos de fadas, longe de serem histórias ultrapassadas, superadas e que servem apenas de entretenimento, são fontes de conhecimento de vida e muito contribuem para que o indivíduo compreenda seus próprios conflitos e enxergue melhor o mundo que o circunda, ajudando-o no seu amadurecimento psicológico, bem como nas suas atitudes perante a sociedade.

Podemos salientar também o auxílio oferecido pelos contos na formação da personalidade, pois trazem as inconstâncias da vida embutidas nas narrativas com seus aspectos positivos e negativos. Dessa maneira, ampliam-se os horizontes, enriquecem a linguagem e, colaboram para o convívio e socialização. Bettelheim (2002) assim se manifesta sobre os contos de fadas:

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser suscetível a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vêm do significado psicológico de um conto (embora isto contribua para tal), mas das suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte. “O conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte.” (BETTELHEIM, 2002, p. 12).

Compreendemos a importância de trabalharmos com esse gênero em sala de aula, discutindo, lendo e não apenas se preocupando com as habilidades leitoras, mas com as possibilidades de ressignificação.

Em meio a esse universo, o docente tem a oportunidade de desenvolver uma gama de atividades e, entre outras finalidades, despertar o interesse do educando pela leitura e, através desses textos, promover o letramento literário dos mesmos.

Salientando a importância dos contos, Bettelheim assinala:

Enquanto divertem as crianças, o conto esclarece sobre si mesmo. Favorece o desenvolvimento de sua personalidade, oferecem significados em tantos níveis diferentes e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e a diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança (BETTELHEIM, 2002 p.20).

Corso & Corso (2006) reforçam que as histórias não garantem a felicidade, nem o sucesso na vida, mas ajudam funcionando como metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e quanto maior e mais variadas e extraordinárias forem às situações que elas contam mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.

Acreditamos que os contos de fadas, assim como os outros gêneros literários, são instrumentos para o ensino e aprendizagem. Destacamos este, por englobar o contar, o ouvir, o visual, e por ser possível, através deles, trabalhar as paixões da alma e as necessidades humanas.

Ao longo da vida escolar, o indivíduo desenvolve uma série de habilidades ligadas à leitura, das mais simples às mais complexas, que supõem a capacidade de lidar com o que não está explícito no texto, mas que pode ser compreendido.

Ao adentrar na segunda fase do Ensino Fundamental, espera-se que o discente já esteja apto a realizar leituras de textos de linguagem simples, porém, ainda lhe falta burilar a estruturação em torno da linguagem literária, pois alguns procedimentos da literalidade ainda não são dominados, como o entendimento acerca do simbólico. Vemos, no conto de fadas, o instrumento que abrirá portas para a entrada no mundo literário dos nossos discentes.

Desse modo, é papel da escola, dar continuidade ao trabalho com o letramento literário, agora a partir da literariedade dos textos para que o aluno

vá se adentrando no entendimento dos textos que leem e para que sua leitura seja cada vez mais crítica. É assim que o conto de fadas, na sala de aula, pode suscitar o letramento literário.

Coelho (2009) defende que os contos de fadas, ao serem levados para sala de aula, despertam o interesse do aluno para novas aprendizagens. Já Lajolo (2008) garante que, quando o professor se dispõe a levar o conto para sala, ele precisa aprofundar a sua leitura, pois, esta, quando realizada sem uma análise, perde seu efeito. Faz-se necessário, portanto, que o conto de fadas seja explorado de modo a criar uma atmosfera que envolva o discente, sendo possível fazer uso de vários recursos que podem auxiliar no desenvolvimento dessa prática. Oliveira (2009) nos diz que “se o professor for apaixonado por literatura infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também”. (OLIVEIRA, 2009, p.53).

A escola através de sua prática docente, precisa colaborar para que o discente tenha gosto pela leitura, como também reconheça a sua importância e, a partir dos contos de fadas, oportunizar aos discentes condições de empregar suas capacidades como a imaginação para aprofundar a leitura do texto, como também no âmbito do letramento literário estabelecer relações com outras referências, oportunizando um ato de ler com mais significado.

A inserção dos contos de fadas, no cotidiano dos discentes, pode contribuir de diferentes formas para se chegar ao saber almejado. É por meio dessa perspectiva que os contos de fadas deixam de ser vistos apenas como entretenimento e vêm sendo redescobertos como fontes autênticas de conhecimento do homem de seu lugar no mundo.

A integração texto – aluno se consuma de forma pragmática, a partir do momento em que o discente percebe que, de alguma forma, o texto se comunica com ele, com o que ele pensa e com seus valores. Depois dessa primeira relação, há de se estimular a apreciação estética e emocional do texto e só depois verificar junto aos educandos suas correspondências com conteúdos mais formais. Do contrário, haverá a resistência à abordagem do texto literário, uma vez que o didatismo explícito e sem uma condensação mediada afasta o estímulo subjetivo e o prazer do ato de ler, pois essa passa de uma prática prazerosa que distrai, emociona e leva a uma reflexão, para algo mecânico e moralista.

Ao se abordar os contos de fadas, do lúdico e da transversalidade na abordagem pedagógica, objetivando despertar a atenção, o encantamento subjetivo. Nessa perspectiva, estratégias dinâmicas e interacionistas como as citadas por Sousa, França e Barreto (2010):

[...] auxiliam na formação de leitores críticos e profícuos que se utilizam da literatura de forma consistente e regular, configurando-se assim a abrangência cognitiva, podendo ter contato com novos conhecimentos, novas ciências e novas informações que podem ser fator decisivo no desenvolvimento deles enquanto seres humanos e cidadãos. Podem, nesse contexto, vir a se transformar em agentes de reforma e transformação do ambiente em que vivem, coexistindo todos esses aspectos do processo de leitura com o prazer e o entretenimento ocasionado na prática literária, suscitada e estimulada em sala de aula. (SOUSA, FRANÇA, BARRETO, 2010, p.4).

Esse processo se efetiva por meio da coordenação de condutas que objetivem uma metodologia alternativa e dinâmica para trabalhar os textos. É por meio de um trabalho mais consistente com o gênero contos de fadas que podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo a linguagem, alargando o vocabulário, formando o caráter, a confiança no bem e proporcionando ao leitor viver o imaginário. A partir dessas pontuações, compreendemos que os contos são essenciais na aprendizagem da criança, pois ajudam no desenvolvimento cognitivo e social, além de serem fontes inesgotáveis de divertimento, motivação e prazer.

Os contos de fadas devem ser explorados principalmente na Educação Infantil e Ensino Fundamental devido ao encantamento e porque criam um elo com o inconsciente, possibilitando, principalmente, às crianças e adolescentes, consolo e conforto (BETTELHEIM, 2010). Tais narrativas são, para as crianças, o que há de mais real dentro delas. Isso ocorre porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, num “universo que denota a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu...” (ABRAMOVICH, 1994, p. 120).

Tomando o ponto de vista de Fanny Abramovich como referência, a leitura e a escuta dos contos de fadas são importantíssimos na formação da criança como ser em desenvolvimento, como também para que ela se forme um leitor em potencial, pois, alimentam a imaginação, os sonhos e ajudam a conhecerem o mundo e, principalmente, a se conhecerem melhor.

## CAPÍTULO III

### 3.1 CAMINHOS DA PESQUISA

Nesse capítulo, tratamos dos procedimentos metodológicos que utilizamos para desenvolver o nosso projeto de caráter interventivo. Para esse fim, utilizamos o gênero conto de fadas, selecionado pelas características já mencionadas no capítulo anterior e aqui reforçadas. Os tópicos a seguir demonstram o modo como foi realizada a nossa interferência na prática de leitura para a promoção do letramento literário e o caminho que percorremos para atingirmos os objetivos almejados.

### 3.2 A PESQUISA – AÇÃO COMO METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) foi criado, conforme seu regimento, com a finalidade de capacitar professores de Língua Portuguesa para o exercício do magistério no Ensino Fundamental, visando colaborar para a qualidade do ensino no país.

Nesse sentido, o PROFLETRAS possui um olhar diferenciado para a prática docente e prevê como trabalho de conclusão de curso, um projeto de intervenção em sala de aula em que o professor pesquisador exerce sua função, visando aplicar as teorias que fornecem subsídios para desenvolver uma prática eficaz. Em conformidade com a natureza do mestrado profissional, adotamos a metodologia da pesquisa-ação. O pesquisador Michel Thiollent reporta-se a esse tipo de pesquisa como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1996, p.13).

Como o próprio nome sugere, a pesquisa-ação tem como foco uma ação, isto é, trata-se de uma pesquisa que não tem caráter meramente analítico, mas que busca mudar uma realidade insatisfatória e encontrar a solução para um determinado problema ou buscar, ao menos, um início de

transformação social. Além do seu caráter interativo, apresenta metodologia diversificada, possibilitando o acompanhamento e avaliação da situação diagnóstica durante o procedimento. Trata-se de uma metodologia bastante utilizada em projetos de pesquisa no âmbito educacional. Atualmente, esse tipo de pesquisa é uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem, pois favorece uma maior interação entre os envolvidos.

Nesse contexto, Elliot (1997) reforça que, através da pesquisa ação, é possível superar lacunas que existem entre teoria e prática. Seus resultados favorecem as mudanças, uma vez que aprimoram a capacidade de compreensão dos docentes e suas ações.

Desse modo, nesse tipo de pesquisa, o engajamento do professor é uma necessidade imprescindível, sendo ele gerador do conhecimento e não meramente um aplicador. O aspecto inovador da pesquisa-ação se dá pelo caráter participativo e por sua contribuição para uma mudança social.

### 3.3 O ESPAÇO DA PESQUISA E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

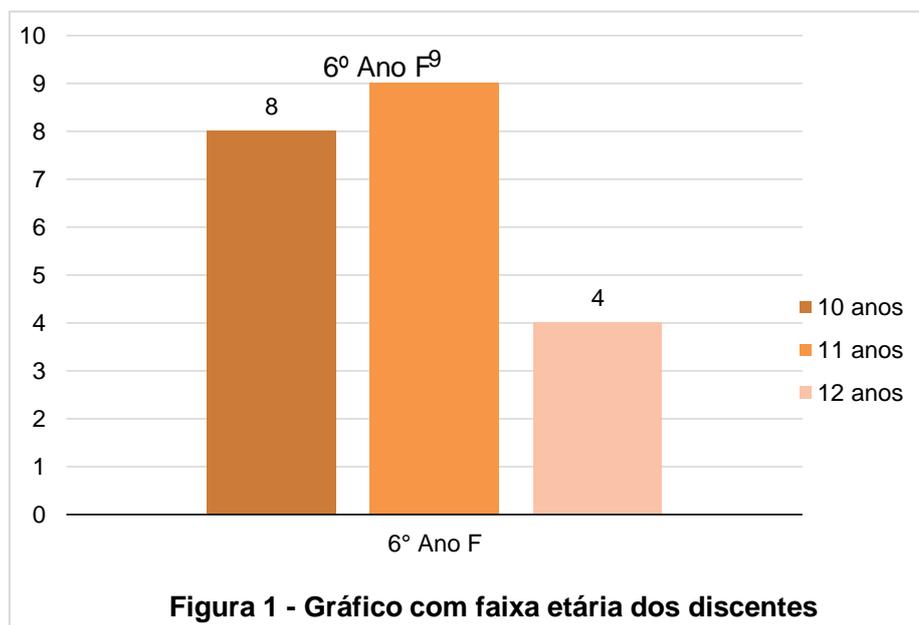
A escola escolhida para o desenvolvimento do projeto de intervenção pertence à rede municipal de ensino e está localizada no município de OROBÓ-PE, funcionando em dois turnos, manhã e tarde. A escola está localizada no Centro da cidade e atende a alunos das zonas urbana e rural. A maioria dos alunos do primeiro turno reside na zona urbana; já a maior parte dos discentes do segundo são da zona rural. O acesso destes à escola se dá por meio de transporte escolar coletivo, oferecido pelo governo municipal.

O prédio é antigo e apenas passou por pequenas reformas, necessitando de melhorias em sua estrutura. A escola oferece ensino da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I. É a maior escola do município tanto em quantitativo de alunos regularmente matriculados, como também em estrutura física. Atualmente, conta com 100 alunos na Educação Infantil, 229 no Ensino Fundamental I e 400 no Ensino Fundamental II. O prédio dispõe de 20 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de informática desativada, pois os computadores não receberam manutenção ficando todos danificados. A escola possui também uma diretoria, que, ao mesmo tempo, funciona como sala dos professores, uma quadra coberta para realização das aulas de educação física

e também para realização de alguns eventos da escola. Possui cozinha, um cômodo onde fica a máquina de Xerox e outro, que serve como depósito para a merenda escolar. Quanto ao corpo docente, a escola conta com 15 professores do Ensino Fundamental II, todos eles pertencentes ao quadro efetivo e com pós-graduação em sua área de atuação.

A série com o maior número de turmas é o sexto ano, contabilizando seis turmas. Duas no período da manhã e quatro no período da tarde. A turma escolhida para aplicação do projeto foi o sexto ano “F” do Ensino Fundamental. Foi decidido trabalhar na referida turma, uma vez que esta apresenta maior dificuldade no tocante às atividades de leitura e compreensão textual. Todavia, são alunos, até certo ponto, esforçados e participativos.

A turma é composta por vinte e um alunos, sendo treze meninos e oito meninas. Os sujeitos que farão parte do nosso *corpus* de pesquisa têm entre dez e doze anos, conforme atesta o gráfico.



Salientamos que, boa parte desses alunos apresentam dificuldades de compreensão e interpretação. A maioria não tem o hábito de ler em casa e a escola acaba sendo o único local onde eles realizam a leitura, muitas vezes apenas para cumprir as tarefas estabelecidas. Através de uma sondagem, percebemos que poucos dos nossos alunos têm acompanhamento de seus pais ou irmãos mais velhos no que tange às atividades escolares. Com vistas à

escolaridade dos pais ou responsáveis, a maioria possui apenas o ensino fundamental I, e alguns o ensino médio, existindo ainda um pequeno número de analfabetos.

Grande parte das famílias responsáveis por nossos alunos são beneficiárias do Programa Bolsa Família e também têm a agricultura como forma de subsistência, outros são feirantes. Há também pais que trabalham na Capital, como pedreiros na construção civil. Algumas mães exercem a função de costureiras e outras são donas de casa, ou seja, realizam os trabalhos domésticos, não desempenhando outra atividade remunerada.

Desse modo, considerando a realidade apresentada, é de suma importância para a nossa comunidade escolar a introdução de práticas de leitura que instiguem o gosto pela leitura literária e que possibilitem a participação ativa dos nossos alunos, contribuindo, assim, para que ingressem de forma efetiva na sociedade.

### 3.4 ESCOLHA E DESCRIÇÃO DO *CORPUS* LITERÁRIO

Para materialização da proposta de intervenção, escolhemos o gênero literário conto de fadas por se adequar à série e à faixa etária dos nossos alunos, como também por abarcar histórias que cativam e mobilizam os limites do imaginário pessoal e coletivo, sendo capaz de despertar, no leitor, uma gama de sentimentos. Por essas e outras qualidades que possuem as narrativas maravilhosas, optamos por trabalhar com os contos “O Príncipe Feliz” e o “Gigante Egoísta”, ambos de Oscar Wilde.

Salientamos que, nos contos selecionados, não há fadas, porém não se podem negar doses de fantástico, doses do maravilhoso. Corroboramos com o pensamento de Diana Corso e Mário Corso (2006) ao opinarem:

O que entendemos aqui por conto de fadas é o mesmo que Vladimir Propp denominou de conto maravilhoso, em função da onipresença de algum elemento mágico ou fantástico nessas histórias. Maravilhoso provém do latim *mirabilis*, que significa admirável, encantador. Muitos optaram por essa denominação justamente para dar conta da vastidão de personagens e fenômenos mágicos [...] Mas preferimos seguir a sabedoria

popular que manteve as fadas enquanto representantes deste reino. (CORSO&CORSO, 2006, p.27).

Os dois contos selecionados, embora, a princípio, pareçam distintos, em termos temáticos, apresentam muitos pontos em comum. Desse modo, é possível fazer um paralelo entre as duas obras, enriquecendo, assim, a nossa proposta.

O primeiro conto, *O Príncipe Feliz*, retrata a história de um príncipe que, enquanto vivo, foi protegido de todo mal. Após sua morte, foi erguida uma estátua em sua homenagem. Do alto da coluna, o príncipe enxerga a sociedade, como os habitantes daquela sociedade ainda vivem. Em *O Príncipe Feliz*, percebemos uma crítica à desigualdade social existente na época e existente ainda hoje, mas também, temos outras temáticas como: amizade, generosidade, humildade e amor. Destaca-se, também nessa história, uma andorinha que deixa seu bando e passa a viver com a estátua do príncipe, sendo sua “amiga” leal e companheira até o final da vida.

O segundo conto, *O Gigante Egoísta*, traz a história de um gigante que é dono de um belo jardim. Ele não permitia a entrada das crianças que ali iam depois da aula para brincar. Desse modo, com a proibição, o jardim se transforma em um lugar triste, onde reina um inverno eterno. Tudo muda quando o gigante recebe a visita de uma criança especial.

Wilde escreveu essas histórias para seus filhos com a finalidade de mostrar a vida como ela é, e como deve ser vivida. Nelas, ele nos faz lembrar que, através do amor e da partilha, podemos alcançar a felicidade e fazermos com que a primavera chegue aos corações.

Os contos infantis de Wilde retomam e (de) formam a estética e a estrutura dos clássicos contos de fadas, criando uma atmosfera de fantasia e escape da realidade, refletindo sobre a vida moderna e discutindo sobre as ideias que são impostas socialmente. No entanto, em seus contos não há a presença da famosa frase introdutória “Era uma vez”, e o tão esperado final feliz, presentes nos contos clássicos, que foram brutalmente higienizados.

Os contos trabalhados foram escolhidos pelos próprios alunos, que fizeram a leitura de uma lista de contos infantis do escritor e, após um breve comentário acerca de suas temáticas, selecionaram os já citados acima. Por

mais fantasiosos que pareçam, os contos possuem significados que podem estimular o desenvolvimento do indivíduo em suas relações humanas e sociais. cremos, contudo, que os contos, quando trabalhados na perspectiva do letramento literário, permitem significativamente que os discentes entendam questões do cotidiano, da vida real e, assim, passem a entender melhor a realidade que os circunda.

Acreditamos que as obras descritas e os assuntos que as permeiam nos ajudaram a reforçar o trabalho com o letramento literário que pretendíamos, pois os contos escolhidos são permeados de situações (inter) discursivas que nos permitiram passear por outras leituras e outros discursos.

Consideramos relevante ressaltar que o gênero literário com o qual trabalhamos é apresentado no livro didático, porém as sugestões de atividades que o livro traz não valorizam a sua riqueza, muitas vezes enfatizando apenas os aspectos linguísticos do texto.

### 3.5 A SEQUÊNCIA BÁSICA PARA A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E SUAS ETAPAS

Cosson (2014) propõe duas sequências exemplares para o ensino de leitura literária: Sequência Básica e Sequência expandida. Tais momentos fundamentam-se em perspectivas metodológicas: a perspectiva da oficina, do andaime e do portfólio, definidas assim pelo teórico:

O princípio da oficina se faz presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro. Também a base de onde se projetam as atividades lúdicas ou associadas à criatividade verbal que unem as sequências. A segunda perspectiva é a técnica do andaime. Trata-se de dividir com o aluno e, em alguns casos, transferir para ele a edificação do conhecimento. Ao professor, cabe atuar como andaime, sustentando as atividades a serem desenvolvidas de maneira autônoma pelos alunos. Em nossa proposta, o andaime está ligado às atividades de reconstrução do saber literário, que envolvem pesquisa e desenvolvimento de projetos por parte dos alunos. A terceira perspectiva é a do portfólio. Tomado de empréstimo das áreas de publicidade e finanças, passando pelas artes visuais, o uso do portfólio oferece ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas em curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela

comparação dos resultados iniciais e os últimos, quer seja do aluno, quer seja da turma. É essa dualidade de registro do portfólio que nos interessa acentuar no encadeamento das atividades que sustentam as duas sequências, pois ele auxiliará o fortalecimento do leitor à medida que ele participa de sua comunidade (COSSON,2014 p.48-49).

Assim, nosso trabalho foi estruturado na sugestão de Cosson (2014) que a define como sequência básica para o ensino de leitura literária, composta por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, contemplando ainda os intervalos de leitura. Para melhor situarmos nosso projeto de intervenção, apresentaremos, de forma breve, as etapas da proposta de Cosson (2014).

A motivação é o momento de preparar os alunos para que possam mergulhar no texto, fomentando um maior interesse pela atividade que irão realizar. Segundo Cosson (2014), a primeira etapa pode acontecer através da leitura, da escrita, da oralidade. Essa preparação requer uma mediação adequada, em prol do favorecimento da leitura como um todo. A respeito dessa etapa, Cosson declara que:

As mais bem sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras mais usuais de construção da motivação (COSSON, 2014, p.-55).

A introdução é a etapa desenvolvida após a proposta inicial. Nesse momento, apresentam-se o autor e a obra e os critérios de seleção adotados pelo professor. Cosson (2014) reforça a necessidade de se falar da obra e sua importância, justificando a escolha do texto em lugar de outros. Vejamos:

A apresentação física da obra é também o momento que o professor chama a atenção para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem a obra (COSSON, 2014, p. 60).

A leitura é uma etapa essencial da proposta de letramento literário. Consiste na leitura das palavras, dos capítulos, do texto completo, devendo ser

sempre acompanhada pelo professor. Esse acompanhamento, de acordo com Cosson (2014) se dá em forma de intervalos.

A interpretação é a última etapa. Para Cosson (2014), esse é o momento em que ocorre o diálogo entre autor, leitor e suas experiências com outros textos. Ainda de acordo com o teórico, essa etapa se dá em dois momentos: o interior que compreende a decifração, quando o leitor se encontra com a obra; e o exterior, quando ocorre a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade”. Nessa etapa, acontece o registro das leituras realizadas com a mediação do professor.

Considerando a proposta apresentada por Cosson, (2014) a escola, como facilitadora no processo de desenvolvimento cultural e no aprendizado de língua, deve proporcionar ao aluno o contato com o texto literário, ressaltando a sua importância, fazendo o discente compreender o mundo e a sociedade através de histórias bem tecidas. Escolhemos essa metodologia por considerarmos um processo coerente de letramento literário e por se tratar de um trabalho pertinente em turmas do ensino fundamental.

### 3.6 DESCRIÇÃO DAS AÇÕES E BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme já citamos, nosso trabalho foi desenvolvido a partir da sequência Básica de Cosson (2014) e foi realizado durante 10 encontros que aconteceram nos meses de outubro e novembro, totalizando vinte horas aulas. Nossa proposta foi aplicada através da execução de duas oficinas que foram identificadas pelos títulos dos contos selecionados. Objetivamos, a partir das oficinas de leitura, aproximar nossos discentes do texto literário, contribuindo para que eles se tornem leitores eficientes, capazes de ressignificar o que leem. Apresentamos nessa seção, o passo a passo de como procedemos para alcançar os objetivos almejados e como contribuimos para a promoção do letramento literário de nossos discentes.

## O Primeiro encontro

Quanto à execução concreta da proposta, iniciamos apresentando e explicando o conteúdo aos alunos, falando que se tratava de um projeto de intervenção em sala de aula para a conclusão do mestrado profissional em Letras, (PROFLETRAS), o qual estava cursando e que eles seriam os personagens principais na execução do trabalho, pois seriam participantes e colaboradores. Aproveitamos a oportunidade para falarmos sobre o papel da leitura, com ênfase na leitura literária, ressaltando a sua importância no processo de formação do leitor. A fim de aprofundarmos nossos conhecimentos acerca dos hábitos de leitura dos discentes, realizamos uma sondagem oral, através da qual perguntamos sobre suas preferências, a frequência com que realizam a leitura e, já indagando sobre o gênero trabalhado. Procuramos saber se já tinham lido contos de fadas, quais contos tinham lido e o que tinham achado das leituras. Buscamos, também, averiguar os conhecimentos prévios que eles tinham acerca do gênero. Nesse contexto, direcionamos as seguintes perguntas realizadas oralmente, através de uma roda de conversa:

Você gosta de ler?
Com que frequência você lê?
Qual o tipo de leitura que você mais aprecia?
Você conhece o gênero conto de fadas?
Quais os contos que você já leu?
Os contos de fada são de fácil ou difícil compreensão?
Que tipos de personagens costumam aparecer nessas histórias?
Como geralmente começam e como terminam essas histórias?
Quem gostaria de contar um dos contos quer lembra?

A partir da discussão, verificamos que grande parte dos discentes não tinha o hábito de ler em casa, e que realizavam a leitura apenas na escola. Aqueles que ainda dedicavam um tempo à leitura disseram preferir ler histórias

em quadrinhos e textos bem curtos. Todavia, todos responderam que já leram um conto de fadas e mencionaram também que já assistiram a filmes ou desenhos animados de contos de fadas.

Nesse momento, considerando as respostas dos discentes, achamos necessário intervir, com a finalidade de conscientizá-los de que no mundo globalizado em que vivemos, a prática da leitura é necessária. Ler é uma atividade essencial na vida do ser humano, para que possa expressar os sentimentos, as dúvidas, refletir sobre os acontecimentos gerais e ter uma postura mais crítica diante do que lê e do que acontece.

Ainda, na ocasião, um aluno se propôs a contar um dos contos que havia lido. Todos o ouviram com atenção e disseram que já conheciam aquela história e que tinham gostado muito da contação do colega.

**Figura 2** - Contação de um conto em sala de aula



Fonte: Própria do autor

O gênero escolhido foi apresentado e explicamos o motivo de sua escolha. Para reforçar e revisar os conhecimentos que eles já tinham do gênero, apresentamos, em slides, as características, estrutura, meios de circulação e finalidade (anexo1). Ressaltamos que, durante a aplicação do projeto, eles também teriam contato com outros gêneros, como música, curta metragem e outros.

Apresentamos, em *PowerPoint*, uma animação sobre a importância da leitura.

**Figura 3** - Exibição de uma animação



Fonte: Própria do autor

A animação durou doze minutos e 10 segundos e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch>. Após a visualização, fizemos oralmente os seguintes questionamentos ainda em forma de sondagem.

<ul style="list-style-type: none"><li>• Por que devemos ler?</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Em sua opinião, que benefícios à leitura pode nos proporcionar?</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Como a leitura se faz presente em nossa vida?</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Onde podemos ler?</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Geralmente, você realiza a leitura por prazer ou por obrigação?</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Em sua opinião, as pessoas que não sabem ler são tratadas de forma diferenciada? Sofrem algum preconceito</li></ul>

Em relação às respostas dos discentes, constatamos que a maioria acha que é preciso ler para adquirir conhecimentos e que a leitura pode nos trazer muitos benefícios, porém demonstraram que apesar de terem essa consciência, essa atividade é mais realizada na escola para cumprir as tarefas solicitadas. Alguns alunos disseram que leem em casa, mas com pouca frequência.

Após as discussões e para ratificar os comentários apresentados, distribuimos cópias de textos sobre os motivos para ler e os benefícios que a leitura nos proporciona (anexos 2 e 3).

**Figura 4 - Momento de leitura**



Fonte: Própria do autor

### **O segundo encontro**

Em outro momento, ainda visando reforçar a necessidade da leitura, em especial à leitura literária, fizemos uma visita à biblioteca municipal, pois a mesma apresenta um maior acervo de obras. Salientamos que também incentivamos e oportunizamos visitas à biblioteca da própria escola, no entanto, o espaço da mesma é pequeno e possui acervo limitado. Para efetivarmos nossa atividade, solicitamos ao diretor de transportes da cidade por meio de uma carta de solicitação, um transporte coletivo para conduzir os nossos discentes até à biblioteca municipal. Na oportunidade, aproveitamos para fazer o cadastramento dos alunos para aquisição da carteirinha da biblioteca.

**Figuras 5 e 6 -Visita à biblioteca municipal**

Fonte: Própria do autor

A visita à biblioteca serviu para enriquecer a nossa proposta. Detectamos que a maioria dos alunos não conhecia aquele ambiente. Com esta ação, pretendíamos que nossos discentes conhecessem outro espaço, além do escolar, aproximando-os mais do universo da leitura e sensibilizando-os sobre a importância do ato de ler, levando-os a conceber a leitura como uma atividade prazerosa e essencial para a interação social. Ressaltar a leitura literária em vários momentos foi necessário, por entendermos que ela nos ajuda a ler o mundo, realizar outras leituras e nos fornece instrumentos para que conheçamos o universo feito de linguagem.

**O terceiro encontro**

Em um segundo momento, a partir dessas atividades utilizadas como preparação, apresentamos, em PowerPoint, imagens de personagens de histórias clássicas da literatura infantil: *Cinderela*, *Pinóquio*, *A pequena sereia*, *Branca de Neve*, *a Bela e a Fera* e incluímos, entre eles, os personagens dos contos selecionados para nossa pesquisa. Em seguida, alguns questionamentos foram feitos:

Vocês conhecem esses personagens?
O que sabem sobre eles?
Já leram ou ouviram as histórias em que eles fazem parte?
O que acharam delas?
O que mais chamou a sua atenção nos personagens?

Na sequência, oportunizamos uma roda de conversa, sobre o que significa narrar e reforçamos que os personagens apresentados fazem parte de narrativas. Verificamos que eles reconheceram a maioria dos personagens. Alguns alunos quiseram descrevê-los oralmente e nós os deixamos à vontade.

Após ouvirmos os discentes, também citamos exemplos de outras narrativas, como piadas, narração de jogo de futebol, etc. A partir daí, discutimos a ideia de narração e de contar história por meio dos contos.

Posteriormente, projetamos, por meio de slides uma lista dos famosos clássicos universais (Anexo 4), com o intuito de proporcionar a oportunidade de ativação da memória e experiências de leituras. A partir da lista apresentada, os alunos escolheram o conto *João e Maria*, o qual utilizamos, para observação da estrutura e elementos da narrativa. Em seguida, projetamos o referido conto em slide (Anexo 5) e fizemos uma explicação desses elementos. Nesse momento, propomos a identificação das personagens, diferenciando-as, bem como, identificação do tempo, espaço, foco narrativo, enredo e suas partes. Para reforçar esse aspecto, realizamos uma dinâmica envolvendo as características da narrativa.

**Figura 7** - Discentes participando de uma dinâmica



Fonte: Própria do autor

Para tanto, agimos da seguinte forma: pedimos que os alunos lembrassem de histórias contadas por seus pais, avós, ou de narrativas que tenham lido, gostado e as relatassem. Em seguida, perguntamos se havia histórias na família, um caso engraçado ou curioso que aconteceu com o pai, mãe, avó, primo, etc. Após a contação dos alunos, selecionamos uma história e identificamos com eles, os elementos da narrativa presentes. Por fim, através de um teatrinho de fantoches, foi feita uma revisão.

**Figura 8**-Teatrinho de fantoche



Fonte: Própria do Autor

A exploração dos aspectos formais e estruturais foi concluída nessa etapa, uma vez que esse não é o foco do nosso trabalho. No entanto, julgamos

essa exploração importante para que os discentes se familiarizassem com o gênero e revisassem as partes de um conto.

Encerramos os três encontros para, posteriormente, darmos início às oficinas de leitura que descreveremos nos tópicos seguintes.

### 3.7 PRIMEIRA OFICINA: O PRÍNCIPE FELIZ

A primeira oficina foi desenvolvida a partir do conto *O Príncipe Feliz*. Aproveitamos as várias temáticas que o conto traz, como lealdade, amizade, generosidade, humildade, para construir as atividades, considerando que esses e outros valores são importantes para a formação do indivíduo e que estão sendo esquecidos e/ou distorcidos em nossa sociedade. Consideramos, também, a fase em que os discentes estão: momento de descobertas, de compreensão do mundo ao seu redor, de entendimento de si próprio e conhecimento do outro.

#### **Primeira etapa: Motivação**

Como motivação, projetamos o título do conto na lousa. Optamos pela leitura silenciosa e orientamos que os discentes refletissem sobre ele. Em seguida, propomos uma roda de conversa para que os alunos apresentassem seus conceitos de felicidade, convidando-lhes a falar sobre o que lhes veio à memória, que história achavam que seria contada ao ler o título: *O Príncipe Feliz*.

Após as discussões, pedimos que os discentes produzissem desenhos que, para eles, representassem a felicidade. Para tanto, distribuímos folhas de ofício, lápis de colorir, tinta e pinceis. Solicitamos, ainda, que cada aluno comentasse seu desenho. No final da aula, os desenhos foram expostos na própria sala de aula para apreciação de todos.

Nesse dia, dos 21 alunos que compõem o sexto ano “F”, estavam na sala 20 e cada um produziu o seu desenho. Durante a produção, constatamos o entusiasmo dos mesmos diante da atividade. Um fato despertou a nossa atenção, pois observamos que, na maioria dos desenhos, as imagens apresentavam pessoas, lares, animais de estimação (anexo 6). Durante a

explicação oral, isso ficou claro, ao explicarem que se tratava da família. Para eles, ser feliz é ter família, estar com quem se ama ter amigos.

Um desenho, em particular, despertou a atenção de todos da sala. Diferente dos demais, o produtor ilustrou com imagens de carros, celulares, bens materiais. (anexo7). Mantivemos a nossa neutralidade no momento e respeitamos a opinião de todos.

Durante a roda de conversa uma fala que também chamou a nossa atenção foi quando um dos discentes salientou que a felicidade para ele também estava relacionada à felicidade dos outros. “Felicidade para mim, é ver também os outros felizes. Eu fico feliz quando as pessoas de que gosto, estão bem” (Fala de um discente).

### **Segunda etapa: Introdução**

Na etapa da introdução, conforme sugerido por Cosson (2014p. 59-60), foi feito um breve comentário sobre autor e a obra. Inicialmente, fizemos uma sondagem para saber se os alunos já conheciam o autor, se já tinham lido alguns dos seus contos. Verificamos que nenhum deles conhecia Oscar Wilde. Desse modo, entregamos uma breve biografia que foi lida e discutida. (anexo 8) Em seguida, apresentamos ilustrações presentes no conto a ser lido, instigando a criação de hipóteses. Essa apresentação foi bastante sucinta para que não se tornasse algo enfadonho e não distanciasse os alunos dos reais objetivos.

Sobre essa etapa, Cosson (2014, p.164) enfatiza que “a vantagem dessa atividade é que ela não apenas introduz a obra ou obras, como também prepara o leitor para a discussão futura”. A motivação e a introdução configuram-se em mecanismos de envolvimento do leitor com o texto.

### **Terceira etapa: Leitura**

No momento da leitura, outra etapa da sequência de Cosson, (2014) conforme já vimos aqui, distribuimos a cópia impressa do texto em folha de ofício A 4 (Anexo 9). O conto foi lido durante dois encontros com o intuito de não tornar a leitura cansativa. Cosson (2014) salienta que o professor deve

acompanhar a leitura sem confundir com policiamento. Ainda de acordo com o teórico, o professor deve convidar os alunos a apresentar o resultado da leitura. Nessa etapa, sugerimos a leitura silenciosa por considerarmos se tratar de um momento muito particular entre o leitor e o texto. Nesse momento, ocorreu a primeira interação do leitor com o mundo contido no texto.

Lajolo e Zilberman (1996) salientam que a leitura silenciosa promove avanços no aprimoramento da leitura, haja vista que o leitor, além de poder ler diferentes gêneros textuais de forma rápida e fácil, pode dispensar orador, ter uma aproximação maior com o texto de forma autônoma.

Em outro momento, solicitamos a leitura coletiva. A cada parte lida foram feitas, oralmente, perguntas que suscitaram a elaboração de inferências. As perguntas tiveram o propósito de contribuir para a compreensão do texto.

Como atividade de intervalo, propomos a exibição do curta: *A árvore generosa* e solicitamos que os discentes relacionasse-o ao conto. Tal atividade contribuiu para a exploração da intertextualidade. Os intervalos de leitura são sugeridos por Cosson (2014) ao trabalhar sequências de leitura. Segundo o teórico” é durante as atividades de intervalo que o professor tem a oportunidade de perceber mais claramente as dificuldades de leitura dos alunos [...]. Na verdade, se bem direcionado, ele pode se constituir em um instrumento de aferição do processo de leitura pedagógica do processo de leitura como um todo.

Ao concluirmos a atividade de intervalo, retomamos a leitura do texto base, traçando uma discussão sobre as impressões que tiveram sobre o texto. Ressaltamos que a atividade de intervalo foi introduzida no momento em que a andorinha mais uma vez se mostra leal ao príncipe, demonstrando ser um personagem extremamente generoso.

“Andorinha”. Andorinha, querida andorinha—disse o príncipe -Não queres passar mais uma noite comigo? - Esperam –me no Egito. - respondeu a Andorinha. [...] - Ficarei contigo mais uma noite- disse a andorinha, que realmente tinha um coração bom [...] (O Príncipe Feliz).

A prática do intervalo de leitura mostrou-se de grande importância para a leitura do conto, porque propiciou ao aluno socializar as suas leituras, alargar

os sentidos do texto e a se encantar com o literário. Trata-se, portanto, de uma estratégia adequada às práticas de letramento literário no espaço escolar.

#### **Quarta etapa: Interpretação**

Na interpretação como forma de registro ou “concretização e materialização da interpretação”, como chama Cosson (2014), sugerimos, através de perguntas, que os discentes fizessem as inferências para a construção de sentidos do texto. Em seguida, promovemos uma roda de conversa para que os alunos expusessem o que compreenderam sobre o conto e o que a leitura provocou neles. Após essa atividade oral, os discentes responderam dez questões para interpretação. Nosso objetivo foi verificar se os alunos, de fato, compreenderam o texto, bem como observar o que a leitura literária provocou. O que foi observado durante a análise.

### Questões sobre o conto 1: **O Príncipe Feliz**

1- Os contos de fadas nos abrem as portas para o mundo dos sonhos, do lúdico e também da reflexão. Como isso se faz presente no texto?
2- Podemos dizer que no conto “ <i>O príncipe feliz</i> ”, há duas personagens principais”? Por quê? Em que cada uma se destaca?
3- O que diferencia o príncipe do conto lido dos príncipes dos contos de fadas tradicionais?
4- Vivemos em uma sociedade extremamente preocupada com as aparências. O que as pessoas pensavam do príncipe quando olhavam para a estátua antes e depois?
5- Após ler toda a história, você concorda com o título?
6- No conto, o príncipe já em forma de estátua, faz uma autoavaliação. A que conclusão ele chega?
7- Além de trazer temáticas como lealdade, amizade, o conto traz alguns ensinamentos. Em sua opinião, qual a lição mais importante que podemos tirar da história?
8- Os contos de fadas tradicionais, geralmente, terminam com finais felizes. Isso acontece no conto que você leu? Explique.
9- Ao ler o conto, você percebeu a intenção do autor em denunciar as desigualdades sociais? Como isso fica evidenciado no texto?
10- Se você estivesse no lugar da andorinha, teria feito o que ela fez pelo príncipe?

### 3.8 SEGUNDA OFICINA: O GIGANTE EGOÍSTA

Na segunda oficina, trabalhamos com o conto *O Gigante Egoísta*, também de Oscar Wilde. Nesse conto, que apresenta muitos pontos em comum com o conto trabalhado na primeira oficina, exploramos algumas temáticas que também fazem parte do cotidiano dos discentes. Apresentamos a seguir, como foi desenvolvida cada etapa.

### **Primeira etapa: Motivação**

Como **motivação**, apresentamos uma breve encenação, ensaiada antecipadamente por quatro alunos. Tal encenação apresentou uma cena que tratou de uma das temáticas do texto, o egoísmo, pois o gigante não permitia que as crianças brincassem em seu jardim. Focamos na encenação, o que é esse sentimento, o que ele acarreta, como vive uma pessoa egoísta, entre outros detalhes. De acordo com Cosson (2014), a motivação consiste em preparar o discente para que ele possa adentrar no texto. Normalmente, essa etapa se dá de maneira lúdica, com uma temática relacionada ao texto literário que será lido. O objetivo primordial desse momento é iniciar a proposta de leitura, que pode acontecer por meio da oralidade da escrita e da própria leitura. Após encenação, com as carteiras dispostas em círculo, promovemos um momento de reflexão, através de algumas perguntas que foram feitas oralmente:

- O que acharam da encenação?
- O que é ser egoísta?
- Você acha que é possível ser feliz sozinho?
- Você tem amigos (as)? Costuma dividir as coisas com eles (as)?
- Você se importa com o próximo?

Os discentes assistiram, com muita atenção, a encenação e colaboraram para que a mesma fosse realizada. Quando perguntamos sobre o que acharam da encenação, todos responderam que gostaram e alguns deles disseram que foi interessante e que puderam refletir um pouco sobre suas ações. Mostraram que sabem o que significa ser egoísta e veem o egoísmo como algo negativo, que precisamos também pensar no outro e que podemos compartilhar o que temos.

Quisemos, aqui, como foi mencionado anteriormente, motivar o aluno para que ele se preparasse para embrenhar-se no texto, como também, para que ele explorasse a temática do conto e formulasse hipóteses sobre o título.

**Figura 9** Ida à biblioteca da escola



Fonte: Própria do autor

Após a motivação, aproveitamos a ocasião para levá-los à biblioteca da escola para que eles tivessem contato com alguns livros, nos quais constam contos de fadas da tradição oral. Nossa pretensão foi levar os alunos a terem contato com os livros, e, assim, poderem observar os elementos não só textuais como os paratextuais.

Sabemos que o espaço da biblioteca é um recurso muito importante no processo de ensino aprendizagem, contribuindo para a formação do pensamento crítico e reflexivo, sendo assim, um espaço de suma importância para o letramento literário.

### **Segunda etapa: Introdução**

Reforçamos, nesse momento, alguns aspectos da biografia do autor, pois o mesmo já havia sido apresentado anteriormente. Pedimos, então, que os alunos utilizassem os celulares para pesquisarem dados complementares sobre a vida de Oscar Wilde e a época em que viveu. Como a escola não dispõe de sala de vídeo, nem laboratório de informática, os alunos utilizaram seus celulares para realizar a pesquisa.

**Figura 10-** momentode pesquisa



Fonte: Própria do autor

A pesquisa foi realizada em dupla, uma vez que nem todos os discentes dispõem desse instrumento. Após a atividade solicitada, houve um momento para socialização. Sobre a apresentação da obra, realizamos o trabalho de análise dos elementos paratextuais, uma vez que, além da leitura da obra, é preciso que os discentes conheçam outros elementos que compõem o livro, tão importantes e que muitas vezes deixamos de lado. Cosson certifica que:

Independentemente da estratégia usada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos

alunos. [...] A apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama a atenção para a leitura da capa, da orelha e outros elementos paratextuais que introduzem uma obra (COSSON, 2014, p.60).

Os momentos que antecedem a leitura propriamente dita, são essenciais para despertar o interesse do aluno pelo que irá ler. Essas ações envolvem também conhecimentos referentes ao gênero, ao vocabulário, ao estilo do autor e outros conhecimentos que devem ser acionados no início da leitura, durante a leitura e antes da leitura e na etapa da motivação como propõe Cosson (2014).

### **Terceira etapa: Leitura**

Na etapa seguinte, os alunos tiveram o contato com o texto, aconteceu o momento da **leitura**. Assim como o outro conto, este também foi lido em dois momentos, mas com cuidado para que não perdessem o encantamento. Sugerimos a leitura silenciosa e a leitura coletiva compartilhada. De acordo com Solé (2009, p.173), a leitura compartilhada é uma questão de ensinar a ler, ou seja, compartilhar o significado construído em torno dela. Nessa atividade compartilhada a responsabilidade é diferente para o professor e para o aluno, pois o primeiro se coloca em nível do segundo para ajudá-los a se aproximar dos objetivos. Assim como na primeira oficina, foi distribuída uma cópia do conto para cada aluno (Anexo10). Após a leitura, os alunos responderam à seguinte atividade escrita:

#### Questões sobre o conto 2: *O Gigante Egoísta*

1- No início do conto, o gigante não gostava de compartilhar o seu jardim. Observe a imagem a seguir na qual uma criança está compartilhando seu lanche.

Podemos compartilhar objetos, sentimentos. Você já compartilhou algo?  
Como você se sentiu?

2- O que você acha da atitude das crianças, ao brincarem no jardim do gigante sem permissão?

3- Em sua opinião, qual a lição mais importante que podemos tirar dessa história?
4- Com a mudança de atitude, o gigante poderá deixar de ser chamado de gigante egoísta?
5- O que você achou do final da história? Você mudaria o desfecho?
6- Considerando os dois contos lidos, que semelhanças você observou nos personagens o príncipe e o gigante?
7- O que mudou na vida do gigante após o aparecimento de um menino misterioso?
8- Uma das características dos contos de fadas é a presença da natureza. No conto lido, como ela se manifesta?
9- O gigante com um machado derrubou o muro. O que essa atitude quis dizer?
10- O que o texto nos diz por meio da personagem do gigante e das atitudes por ele tomadas?



Depositphotos-1277322040-stock-littee-boy-and-girl-eat

Fonte: Depositphotos-1277322040-stock-littee-boy-and-girl-eat

Após a atividade de interpretação, fizemos uma breve socialização. Pretendíamos, com esta atividade, que os alunos utilizassem suas próprias palavras, ou seja, do entendimento que tiveram a respeito do texto. Ressaltamos que as respostas escritas dos discentes fazem parte do capítulo destinado à análise.

Com a leitura, os alunos perceberam que as relações de amizade se formam ao longo da narrativa, pois o gigante se torna amigável, humilde, generoso. Então, surge uma nova questão que é a importância dos amigos. Nesse sentido, dialogando com outros gêneros, trabalhamos como atividade de intervalo a música: Você e eu (Anexo11) disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zNSnXut9UmM>. Projetamos em slides a letra e solicitamos que a escutassem, cantassem e, em seguida, discutimos sobre o valor da amizade e a intertextualidade com o conto.

#### **Quarta etapa: Interpretação**

Para materialização da **interpretação**, como forma de registro, solicitamos a produção de contos que fizeram parte de uma coletânea.

O último encontro foi destinado à socialização das atividades realizadas durante a intervenção pedagógica, através de uma culminância que aconteceu no pátio da escola.

**Figuras 11 e 12 - Socialização das atividades**



Fonte: Própria do autor

Na oportunidade, os discentes puderam compartilhar com outros alunos da escola as suas experiências de leitura. Tivemos, assim, um momento totalmente direcionado à literatura, momento de interação com o mundo literário, provocando e despertando os sentidos, vendo, ouvindo e sentindo. Tomando como referência o que diz Cavalcanti:

Esperamos que a entrada no mundo da leitura seja sempre realizada num clima de entrega e busca pela transformação. Cada educador tem nas mãos uma varinha de condão, e por mais difícil que seja sensibilizar para a leitura, não podemos perder de vista o nosso propósito de não deixar morrer a nossa tradição e cultura, portanto as histórias que falam do que somos e podemos ser (CAVALCANTI, 2009, p. 85)

Na oportunidade, contamos com a seguinte programação:

- Encenação de um dos contos lidos;
- Exposição e socialização das atividades desenvolvidas.

Acreditamos que a nossa proposta contribuiu para que a literatura seja vista de modo mais amplo, partindo da conscientização da importância do letramento literário para a formação escolar e social dos discentes. Assim, pretendemos que eles não adquiram apenas a habilidade de ler contos, mas que sejam capazes de compreender e atribuir novos significados aos contos trabalhados e às futuras leituras.

## CAPÍTULO IV

### 4.1 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS

Para darmos início a nossa tarefa interventiva, começamos com emissão da carta de anuência à direção da escola (anexo12). Após esta, solicitamos a certificação e aprovação ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba- CEP/CCS, que aprovou o referido projeto de pesquisa. (Anexo13). Elaboramos, também, um termo de assentimento (Anexo 14), que solicita aos pais dos alunos à permissão e à participação de seus filhos. Esse termo também explica, aos participantes, do que se trata o trabalho, como também assegura a garantia de resposta a qualquer pergunta que desejem fazer sobre a natureza do trabalho, salientado que eles têm a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seus pais ou responsável tenham consentido a participação. Caso haja desistência, o aluno não terá prejuízo. Todos os pais consentiram, assinaram e devolveram o termo.

### 4.2 *CORPUS* SELECIONADO PARA ANÁLISE

O *corpus* para análise consta de atividades de leitura e escrita, registradas através de perguntas e respostas realizadas no final de cada oficina, como também pela produção de um conto.

Nossas observações são concentradas acerca dos registros das leituras realizadas, das respostas aos questionários e à produção do conto realizadas como forma de concretização das interpretações dos nossos discentes. Tais observações focam nos aspectos da literariedade das quais se apropriaram, nos aspectos comuns aos contos, nas conexões que os aprendizes conseguiram realizar com a vida, com o mundo e com outras leituras. A proposta que sugerimos, ao final de cada oficina, possibilitou ao aluno / leitor o registro de suas impressões e reflexões sobre a narrativa lida. Em virtude da

quantidade copiosa de questões, faremos um recorte para conseguirmos nos debruçar sobre os aspectos focais da nossa pesquisa.

#### 4.3 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos as experiências de execução da nossa proposta de intervenção desenvolvida em sala de aula. Para tanto, trazemos uma demonstração dos resultados alcançados nessa caminhada e da apropriação dos conhecimentos oportunizados nas oficinas de leitura literária, ações que possibilitaram a promoção do letramento literário por meio do gênero conto de fadas. Pensamos a aula de literatura conforme apresenta Colomer (2007), como um espaço onde se questiona, dialoga e enriquece o mundo individual.

Visando possibilitar uma integração entre os saberes e o fazer pedagógico, apresentamos a análise dos dados coletados durante o processo de letramento. Desse modo, para avaliar o resultado da aplicação das atividades propostas neste trabalho, apresentamos e analisamos algumas atividades que discorrem sobre os contos lidos com os discentes. Assim, nossa análise é constituída de um recorte do que os alunos compreenderam, o que as narrativas provocaram e o que os textos fizeram pensar e refletir, conforme atestam os Parâmetros Curriculares Nacionais, já citados em outro momento.

Considerando que a turma possui vinte e um alunos, optamos por fazer uma análise através da representatividade qualitativa, comentando as respostas de 8 discentes que correspondem a 39% da turma, sendo as respostas de 4 discentes correspondentes à primeira oficina e as respostas de 4 discentes correspondentes à segunda. Também analisamos a produção textual de 3 alunos. Ao fazermos esse tipo de recorte, recorremos a Thiollent (2007) que nomeia de “amostras intencionais”. Eis o que diz o autor: “Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto”.

#### 4.4 IMPRESSÕES DE LEITURA DO ALUNO

##### **Primeira oficina: *O Príncipe Feliz***

Nesta primeira oficina, observamos o entusiasmo dos discentes ao realizarem as tarefas. Preocupamo-nos em apresentar atividades que contribuíssem para que os discentes se apropriassem da literatura enquanto linguagem. Durante a aplicação das oficinas, as atividades propostas possibilitaram ao discente /leitor o registro de suas impressões e reflexões acerca da narrativa lida. Conforme mencionamos anteriormente, fazem parte da nossa análise, as produções escritas, fruto das interpretações dos alunos relativas ao conto já referido. Desse modo, compõe a análise, as respostas dos discentes referentes às questões de interpretação e as produções dos contos.

Salientamos que a atividade de interpretação é composta por 10 questões, entre as quais selecionamos 5. Frisamos, ainda, que transcrevemos as respostas seguindo na íntegra, a forma como os nossos discentes leitores escreveram.

No quadro a seguir, apresentamos o primeiro conto trabalhado e para preservar a identidade dos participantes selecionados, citamos apenas as iniciais de seus nomes.

CONTO	Nº	PARTICIPANTES
<b>O PRINCIPE FELIZ</b>	1	L.M.S
	2	M.L.F.C
	3	R.L.S
	4	I.G.B

Eis a seguir as questões selecionadas, bem como as respostas dos discentes e as nossas colocações sobre as mesmas.

**1- O conto de fadas nos abre as portas para o mundo dos sonhos, do lúdico e também da reflexão. Como isso se faz presente no conto lido?**

**Exemplo 1 – Aluno :L.M.S**

*" Por que o conto me levou para um mundo encantador que tem uma estátua e uma andorinha que falam e faz coisa para ajudar os pobres e também eu pensei nos meus amigos e como eu posso ajudar a quem precisa."*

**Exemplo 2- Aluno; M.L.F.C**

*"A história que eu li tem um príncipe que vira estátua e uma andorinha e fala de um mundo onde coisas maravilhosas acontecem. O príncipe e a andorinha representam o lado do bem. Com a história a gente pode pensar que tudo pode acontecer".*

**Exemplo 3- Aluno: R .L. S**

*"Por que coisas incríveis acontecem como uma estátua que fala, chora e ajuda as pessoas e um pássaro que é amigo de verdade. Era bom que as pessoas do mundo fosse como eles."*

**Exemplo 4- Aluno :I. G. B**

*"O conto apresenta personagens fantásticas e elas lutam para conseguir o que querem e são bem diferentes por que a andorinha fala e ajuda a estátua também . Eu percebi também que a vida do povo pobre da cidade muda como se fosse uma magia ."*

Analisando as respostas dos nossos discentes, percebemos que eles conseguiram ler o texto e compreenderam que o gênero trabalhado tem características bem peculiares que foram logo evidenciadas, como a presença do maravilhoso, conforme constatamos na resposta do aluno L.M.S: *"por que o conto me levou para um mundo encantador que tem uma estátua e uma andorinha que fala e faz coisa para ajudar os pobres"* . E também na resposta do aluno M.L.F.C quando diz: *"Na história que eu li ,coisas maravilhosas*

*acontecem [...]”*. Todos alunos citaram o fato de uma estátua e uma andorinha falarem e agirem para ajudar aos mais necessitados.

A título de ilustração, citamos a resposta do aluno R.L.S quando reconhece que: *“no conto coisas incríveis acontecem, como uma estátua que fala, chora e ajuda as pessoas e um pássaro que é amigo de verdade”*. Em todas as respostas analisadas, observamos que os discentes compreenderam que, nos contos de fadas, o extraordinário acontece e que é possível conhecer outros mundos através da leitura literária. Essas histórias, além de trazerem o lúdico, também levam o leitor a refletir e a embrenhar-se no texto. Mencionamos aqui, um trecho da resposta do discente L.M.S, que comprova o que dissemos, pois ele diz que pensou nos amigos e como pode ajudar a quem precisa. O discente R.L.S de igual modo, manifesta o seu desejo: “[...]era bom que as pessoas fosse como eles.”(O príncipe e a andorinha) Atentamos, ainda, nessa amostra, para a importância da produção literária, que possui o poder de aguçar a percepção das pessoas sobre as coisas do mundo e da sociedade e que, desse modo, contribui significativamente com o processo educativo do indivíduo. A efabulação básica, presente no conto lido, expressa os obstáculos que precisam ser vencidos para que o personagem, no caso, o príncipe feliz, alcance sua autorrealização, com o encontro do seu verdadeiro eu. Nesse sentido, nos reportamos a Coelho (2000) quando se refere a literatura infantil:

A literatura infantil é, antes de tudo literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade, ela funde os sonhos com a prática de vida o imaginário com o real, os ideais e sua possível realização (COELHO,2000, p.27).

A literatura permite formar seres mais humanos e conscientes de seu papel social, estimulando, em nós, muitos sentimentos que, às vezes, estão adormecidos, como também aumenta nosso censo crítico e nos possibilita realizarmos melhor qualquer leitura. Daí a necessidade de se propor ações que aproximem adequadamente o aluno do texto, investindo em práticas de leituras significativas que carreguem eventos de letramento literário exitosos.

**2 - Após ler toda a história, você concorda com o título ou o mudaria? Justifique a sua resposta.**

**Exemplo 1- Aluno :L. M. S**

*"Eu não concordo com o título porque o príncipe não era feliz .e e le vivia como uma estátua . Ele sentia muito triste porque via as pessoas sofrendo. Mais algumas pessoas achavam que ele era feliz porque ele era rico e bonito."*

**Exemplo 2-Aluno :M.L.F.C**

*"Eu acho que o título combinou com a história porque o príncipe era feliz no palácio , mais mesmo como estátua continuou feliz porque arranjou uma amiga de verdade e ajudava os pobres."*

**Exemplo 3- Aluno:R.L.S**

*"Eu concordo com o título e não mudaria porque a história mostra que o príncipe era feliz ajudando as pessoas e continuou feliz vivendo lá no céu com os anjinhos"*

**Exemplo 4- Aluno: I.G.B**

*"Eu gostei do título . Eu achei que o príncipe era feliz mesmo antes de ser estátua e depois continuou feliz por que ele ficou feliz quando ajudou as pessoas e arrumou uma amiga ."*

A partir das respostas dos nossos discentes, verificamos que eles conseguiram estabelecer uma conexão, entrelaçando o que foi apresentado no título e na obra. Ao perguntarmos se eles concordavam com a escolha do título ou o que mudariam. Três, dos quatro alunos selecionados, disseram que não

mudariam o título, e 1 alegou que mudaria. Observamos, a partir daí que eles se posicionam, dão a sua opinião, como também a justificam. Respeitamos a opinião de todos, pois cada um sentiu-se livre para expor seu ponto de vista. Nesse sentido, remetemo-nos a Cosson (2014) quando diz que o professor não deve procurar por respostas certas, mas, sim, pela interpretação que o discente chegou. A leitura do aluno deve ser discutida, questionada e analisada, devendo apresentar coerência com o texto.

O aluno L.M.S discordou do título e apresentou uma interpretação crítica, salientando que o príncipe era visto pelas pessoas da sociedade como "feliz", porque possuía riqueza. Destacamos sua resposta, pois ele identificou a existência do conflito entre aparência x essência: "As pessoas achavam que ele era feliz porque era rico e bonito". Temos, aí, uma crítica à sociedade que, muitas vezes, valoriza o "ter", preocupando-se com as aparências e não valoriza o substancial, o que é imprescindível no ser humano. Pedimos ao discente que não concordou com o título que citasse oralmente outras sugestões. Estas foram ouvidas de modo respeitoso pelos colegas.

Os outros três discentes concordaram com o título e apresentaram justificativas semelhantes, salientando que o príncipe continuou feliz mesmo como estátua, uma vez que pôde ajudar aos pobres e ganhou uma grande amiga. O aluno R. L. S, ainda, acrescenta que: "*o príncipe continuou feliz lá no céu com os anjinhos*".

As opiniões dos discentes demonstram a sensibilidade humana sendo tocada pelo conto. Os fatos, o comportamento das personagens e as ações que elas praticam e sofrem afloram os sentimentos e os ideais do leitor.

Aqui, mencionamos Candido (2008) quando diz que a literatura tem o poder humanizador. O processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de entrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo "(CANDIDO, 2008 p.6)

**3 - Os contos tradicionais, em suas “adaptações” geralmente, terminam com finais felizes. Isso acontece no conto O Príncipe Feliz? Justifique a sua opinião.**

**Exemplo 1- Aluno:L.M.S**

*"Não. Na minha opinião o final não foi feliz porque a andorinha morreu e a estátua foi destruída e eu não queria que terminasse desse jeito.*

**Exemplo 2- Aluno :M.L.F.C**

*"Eu acho que o final foi feliz porque o príncipe conseguiu melhorar a vida das pessoas e deus viu que eles tinham um bom coração e foram viver com Deus no céu e lá não tem sofrimento." Quem planta o bem , colhe o bem e príncipe e andorinha foram bons .*

**Exemplo 3- Aluno :R.L.S**

*"O final foi um pouco estranho mais foi feliz porque o príncipe e o passarinho foram viver no céu e foram vistos como pessoas do bem."*

**Exemplo 4- Aluno:I.G.B**

*"Eu achei que o final foi feliz porque mesmo morrendo o príncipe e a andorinha foram pro céu e pra lá só vai quem é bom".*

Com base nas respostas dos discentes, observamos que a leitura empreendida revela o envolvimento do leitor com a trama. O leitor L.M.S discorda dos demais, quando questionado sobre o desfecho da história e mostra a sua insatisfação. Ele afirma: *“Eu não achei que o final foi feliz porque a andorinha morreu e a estátua foi destruída e eu não queria que terminasse desse jeito”*.

Entendemos partir da interpretação do discente e da leitura que ele fez do final do conto, que ele criou expectativas, as quais, não se concretizaram. Ele esperava o final feliz tão comum nos contos de fadas tradicionais.

Os leitores questionados mostraram, a partir de suas respostas, que já leram outros contos e que a narrativa traz um desfecho diferente, mas, mesmo assim, a maioria considerou que houve um final feliz. O leitor cita um ditado popular: *“Quem planta o bem colhe o bem”*. Entendemos que o ditado faz alusão às ações do príncipe e da andorinha que fizeram o bem ao próximo e, por isso, foram viver ao lado de Deus, onde não tem sofrimento. As respostas dos discentes 2, 3 e 4 também evidenciam uma visão de mundo e a religiosidade cristã. As reflexões expostas, nas palavras dos alunos, deixam claro o quanto o texto pode persuadir nos ideais de quem leu. Nesse contexto, mencionamos a afirmação de Souza quando diz que *“os alunos fazem conexões com suas próprias vidas para aumentar seus entendimentos das situações, personagens e ideias na ficção”* (2010 p. 74).

A interpretação, em análise, reveste-se de conexões com a vida, com o mundo e com outro texto – o intertexto com o ditado popular. Assim, a leitura literária se transforma em experiência e em reflexão em sala de aula.

#### **4 - O que o conto o fez pensar e refletir?**

##### **Exemplo 1- Aluno:L.M.S**

*“Eu aprendi no conto que devemos ser pessoas boas e ajudar os outros e que também os amigos são muito importante pra gente .”O conto me fez lembrar .de um menino que morava na minha rua e um dia esse menino se perdeu e o cachorro ajudou a encontrar ele.*

**Exemplo 2-Aluno:M.L.F.C**

*"Que devemos fazer o bem para receber o bem. A história também me ensinou que a riqueza é o amor e que tem gente que não vê o coração só vê a beleza ."*

**Exemplo 3:R.L.S**

*"Ele me fez pensar que a amizade de verdade é muito importante .  
Que agente não pode pensar só nagente porque tem pessoas que sofrem e  
passam fome e se agente pode ajudar é bom ajudar".*

**Exemplo 4- Aluno:I.G.B**

*"O conto fala do amor e da amizade e isso é muito importante na  
nossa vida. Também entendi que eu posso fazer a minha parte para que o  
mundo seja melhor."*

Analisando as respostas dadas à questão 4, confirmamos, de fato, que a leitura provocou uma reflexão nos nossos discentes. Dessa forma, eles puderam expressar seus sentimentos, repensar seus valores e manifestar o aprendizado que a história proporcionou. Citamos, como exemplo, um trecho da resposta do aluno L.M.S quando diz: *"aprendi com o conto que devemos ser pessoas boas e ajudar os outros e que também os amigos são muito importantes pra gente"*.

Solicitar que os discentes demonstrassem e contassem o que pensaram e refletiram sobre a leitura do conto, favoreceu o interesse pela obra e isso ajudou no envolvimento deles. Nessa perspectiva de leitura, como diálogo, entendemos que, quando lemos, construímos significados por meio do texto. Nessa questão, observamos que os leitores expuseram, em suas respostas, as suas opiniões, posicionando-se sobre determinadas atitudes que julgam

“erradas” e estão conscientes de que eles também podem colaborar para que tenhamos um mundo mais justo. Isso fica evidenciado na resposta do aluno I.G.B, ao reconhecer que ele pode fazer a parte dele para que o mundo seja melhor.

A experiência vivida por meio do conto permitiu ao nosso leitor em formação, saber sobre a vida por meio do outro, da experiência vivida pelos personagens, encaminhando-o a vivenciar essa experiência ou mesmo refletir sobre ela.

Corroboramos com Cosson (2014, p.28), quando diz que o texto literário possibilita um “efeito de proximidade”), uma vez que permite que o leitor estabeleça um diálogo com o mundo e com os outros. Desse modo, o professor deve utilizar textos que se aproximam mais da realidade do aluno, proporcionando uma leitura mais significativa, o que irá ajudá-lo na compreensão. Enxergar, no conto *O Príncipe Feliz*, questões como amizade, lealdade, amor, companheirismo, foi essencial na compreensão, uma vez que, para realizar essas inferências, o leitor é instigado a fazer uma autorreflexão.

Assim, diante do exposto, compreendemos que o trabalho com o conto proporcionou a exploração de temas que, embora tenham sido tratados no conto há mais de um século, mostram-se notadamente atuais e que muito contribuiu para a conscientização dos discentes no que tange à formação ou até mesmo à revisão de alguns valores morais e o seu modo de entender a vida .

As amostras provaram o poder sensibilizador e humanizador do objeto literário e mostrou-nos o quanto o literário instigou nossos discentes a refletirem sobre questões como amizade, generosidade, essência, aparência.

**5- Ao ler o conto, você percebeu a intenção do autor em denunciar a desigualdade social? Esse problema também faz parte da vida real?**

**Exemplo1-Aluno:L.M.S**

*"Sim. Porque no texto fala que tinha pessoas passando fome , sem dinheiro e outras que eram ricas .Na vida real isso também acontece . na*

*cidade onde eu moro tem gente que pedi esmola na feira e tem muita gente rica e que nem ajuda .*

**Exemplo 2-Aluno: M.L.F.C**

"Sim . no conto tem o prefeito, as pessoas que andam com ele e o povo rico e tem também pessoas que vive na pobreza. Isso não existe só nas histórias não. Na vida de verdade tem muita gente com fome que não tem nem um cantinho para morar."

**Exemplo 3- Aluno:R.L.S**

"No conto aparece personagens que vive na riqueza e os que vive na pobreza e só príncipe ajuda os pobres com o apoio da sua amiga ."

**Exemplo 4- Aluno:I.G.B**

*"Na história tem pessoa que passa necessidade como a costureira que não tinha comida para dar ao seu filho doente .Na cidade tinha muita gente que sofria e também tinha um pouco de gente rica, mas só o príncipe ajudou os pobres".*

No exemplo 1, observamos que o leitor L.M.S faz conexões com situações da vida real, citando fatos que acontecem em sua comunidade: "Na

*cidade que eu moro tem gente que pede esmola na feira e tem muita gente rica que nem ajuda*". Desse modo, entrelaça o que foi representado no conto com o mundo em que ele vive, ou seja, com a sua realidade. Essas situações, já presentes na mente do leitor, são intensificadas. Após a leitura do texto os demais discentes, também, perceberam a questão da desigualdade social. Exemplificamos com a resposta do aluno, R.L.S, ao responder que: " *No conto aparece personagens que vive na riqueza e os que vive na pobreza e só o príncipe ajuda os pobres com o apoio de sua amiga*". Esse aspecto fica também bem evidenciado na resposta do aluno I.G.B: "*na história tem pessoas que passa necessidade ,como a costureira que não tinha comida para dar ao seu filho doente .Na cidade tinha muita gente que sofria e também tinha um pouco de gente rica [...]*".As palavras impressas ganharam um significado além do que está no código escrito .Comportar-se desse modo mediante os textos, é ler descobrindo as coisas do mundo. Segundo Cosson (2014, p.76), essa seria uma das maneiras de ler que ele nomeia de leitura "texto leitor".

Embora o objetivo da nossa intervenção não seja trabalhar o texto literário como transmissor de valores morais, não podemos deixar de ratificar a interpretação dos discentes. Elas são coerentes e possuem uma relação com o espírito das narrativas , no caso , o conto de fadas( nosso objeto de leitura literária).

Como é notório, há, nas respostas dos nossos discentes desvios relativos à ortografia, pontuação, concordância entre outros, mas, conforme mencionamos aqui, transcrevemos a escrita tal qual como eles responderam e justificamos que a reescrita das interpretações, será trabalhada, porém em um outro momento.

#### 4.5. IMPRESSÕES DE LEITURA DO ALUNO

##### **Segunda oficina: O Gigante Egoísta**

Nessa oficina, bem como na oficina 1, os discentes participaram ativamente das atividades promovidas. Conforme já mencionamos, usamos

essa metodologia com a finalidade de trabalhar a leitura de modo a promover o letramento literário de nossos discentes.

No quadro seguinte, destacamos as produções dos alunos correspondentes aos seus registros de leitura do conto “O Gigante Egoísta”. Referenciamos os alunos por meio das iniciais de seus nomes, como veremos nos comentários e observações sobre cada texto:

<b>Conto 2</b>	<b>Nº</b>	<b>PARTICIPANTES</b>
<b>O GIGANTE EGOISTA</b>	1	C.V.L.S
	2	G.S.F
	3	I.K.S.X
	4	L.P.F

Eis, a seguir, as questões para interpretação e as respostas dadas pelos discentes. Após as respostas, apresentamos algumas considerações a respeito.

**1 - No início do conto, o gigante não gostava de compartilhar o seu jardim. Observe a imagem a seguir na qual uma criança está compartilhando seu lanche. Você já compartilhou algo? Como se sentiu?**

**Exemplo 1- Aluno :C. V. L. S**

*"Eu divido o que eu tenho com os meus colegas e quando um não tem lápis e eu tenho dois eu empresto um e eu também gosto de dividir meu lanche com quem não tem. Eu me sinto muito feliz dividindo minhas coisas por que a gente não deve querer tudo só pra gente . "*

**Exemplo 2-Aluno: G.S.F**

*"Sim. Eu já compartilhei muitas coisas como livros, brinquedos, e outras coisa. Eu acho bonito quem dividi o que tem porque tem gente que não empresta nada a ninguém e isso é feio ."*

**Exemplo 3- Aluno: I. k. S.X**

*"Sim. Agente deve repartir o que tem e não querer as coisas pra gente por que quando a gente dá aos outros, deus dá mais pra gente. Eu compartilho minhas coisas ,os meus brinquedo, o material da escola porque eu tou ajudando as pessoas. Mais tem uma coisa que eu não dou a ninguém que é um carrinho que eu ganhei da minha vó quando eu tinha 3 anos".*

**Exemplo 4- Aluno: L. P.F**

*"Eu já compartilhei muitas coisas e me senti muito feliz. Um dia uma menina estava descalça na rua, aí eu peguei minha sandália e dei para ela por que eu tinha outra na minha casa."*

Ao observarmos aspectos peculiares nas respostas dos alunos, notamos num primeiro plano, que todos responderam positivamente no tocante a pergunta feita, ou seja, confirmando que costumam partilhar suas coisas ou que já partilharam. Nesse contexto, eles tiveram a oportunidade de expressar seus sentimentos, vivências e opiniões. A título de ilustração, nos reportamos à resposta do aluno C.V.L.S ao afirmar que: *" Eu divido minhas coisas com os colegas[.]Eu me sinto bem dividindo minhas coisas por que a gente não deve querer tudo só pra gente."*

Aqui, recordamos das palavras de Todorov (2014,p.22), quando diz que "a literatura não nasce do vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles suas características". De fato, os discursos representam traços de um momento sócio-histórico-cultural da sociedade da qual fazem parte, como também permitem ao leitor provar de vários sentimentos que vão desde a humanização ao engajamento.

Assim, o texto literário não pode ficar fora da sala de aula, pois entendemos que ele pode ser o estímulo ao prazer da leitura e, conseqüentemente, ao enriquecimento vocabular e ao amadurecimento da escrita, especialmente no ensino fundamental, fase em que os discentes se

encontram e precisam de uma motivação ainda maior para que possam compreender o verdadeiro sentido de ler.

Ainda analisando as respostas dos discentes, constatamos que eles citam exemplos de situações que já viveram ou presenciaram, conforme vimos na resposta do aluno L.P.F.S, quando diz que, ao ver uma criança descalça na rua doou suas sandálias. Verificamos, pois, que os discentes se sentem bem ao praticar a ação de partilha. Embora já tenham essa característica, acreditamos que a leitura do texto contribuiu para aflorar em nossos alunos, uma reflexão sobre alguns valores, especialmente, a generosidade.

O aluno I.K.S.X também diz que não tem problemas em dividir suas coisas, no entanto, em certo momento, ele revela o apego a um brinquedo especial, um carrinho que ganhou de sua avó, o qual ele não divide com ninguém. Com essa resposta, percebemos que ele ficou à vontade para mencionar uma particularidade da sua vida. Aquele brinquedo, provavelmente, para ele, tem um valor especial.

Colomer, sobre a relação texto leitor comenta que:

O texto e o leitor interagem a partir de uma construção do mundo e de algumas convenções compartilhadas. Isto é, a partir de uma imagem da realidade, que Iser denomina "repertório, e que se acrescenta à existência de "estratégias" utilizadas tanto na realização do texto por parte do autor , como nos atos de compreensão do leitor .Repertório e estratégias constituíram , pois, a base funcional na qual se desenvolve o ato da leitura.(COLOMER, 2003).

A enunciação percebida durante o processo de leitura deixa à mostra as marcas de argumentos de um leitor que está em início de processo de desenvolvimento da maturação vivencial e sentimental.

A nossa proposta de trabalhar com os contos de fadas era exatamente a de provocar nos discentes o encantamento pelo texto literário e, ao mesmo tempo, fomentar uma reflexão a partir das temáticas abordadas e, assim, contribuirmos para a promoção do letramento literário.

## 2 - Qual a lição mais importante que podemos tirar dessa história?

### Exemplo 1- Aluno :C.V.L.S

*"Eu aprendi que ninguém é feliz só e que não devemos querer as coisas só pra gente".*

### Exemplo 2- Aluno :J.A.L.F

*"A lição mais importante foi que o gigante aprendeu a não ser egoísta e foi mais feliz quando compartilhou o seu jardim e a gente também não deve ser egoísta".*

### Exemplo 3- Aluno :J.k.S.X

*"Eu aprendi com a história que é importante ter amigos.  
A lição que eu achei mais importante foi que o gigante aprendeu a dividir as coisas e que as pessoas devia ser que nem ele."*

### Exemplo 4- Aluno L.P.F

*"A história ensina que a solidão não é uma coisa boa e que nós temos que ser bons e dividir o que temos ,porque se você , repartir o que tem coisas boas acontece".*

Podemos deduzir, a partir das respostas dos alunos, que, além do aspecto lúdico, eles também compreenderam a questão moralizante que é

própria dos contos de fadas. Todos afirmam, em suas respostas, que aprenderam algo com o conto. Exemplificamos com a resposta do aluno C.V.L.S, quando declara: *“Eu aprendi que ninguém é feliz só e que agente não pode querer tudo só pra gente”*.

Os discentes se manifestaram citando a lição que acharam mais importante na história e, conseqüentemente, o aprendizado que servirá para a sua vida real. Considerando ainda a resposta do aluno C.V.L.S, constatamos que a leitura que ele fez do conto contempla a ideia de que ninguém consegue ser feliz só. Observamos que esse aluno, embora seja ainda criança, e não tenha tanta experiência de vida, já consegue extrair do texto questões como a solidão e como a partilha. Dessa forma, podemos dizer que a leitura contribuiu para que eles entendam melhor o mundo em que vivem e possam melhor se relacionar com aqueles que estão a sua volta.

Diante do que vimos, salientamos a importância do texto literário na escola e, para tanto, retomamos o pensamento de Silva (2013) quando confirma o relevante trabalho com a leitura literária, salientando a razão pela qual se deve proceder com esse tipo de leitura:

É capaz de inventar para além dos usos cotidianos da língua, imaginar situações jamais vivenciadas, transferir-se para os papéis apresentados pelos personagens, além de outras próprias do fazer literário e de sua recepção (SILVA,2013, p.54).

Comparando as respostas, observamos que elas se aproximam no sentido de que os alunos conseguiram identificar as temáticas que consideramos mais relevantes no conto. Destacamos a resposta do aluno J.K.S.X ao expressar seu desejo: *“as pessoas devia ser quem nem ele”*. Para esse aluno, o gigante, que antes era temido por causa de suas atitudes egoístas, passa a ser visto como um herói. Não se trata de um herói com poderes especiais, o mocinho dos contos de fadas tradicionais, mas um ser que passa a ser admirado por ter se regenerado. Ainda na resposta do discente, ressaltamos o fato dele entender que a amizade é algo importante. Desse modo, compreendemos que acertamos na escolha do gênero literário e dos contos por se tratarem de histórias bem tecidas, que despertam uma gama

de sentimentos no leitor e que trazem temáticas que fazem parte do cotidiano dos nossos discentes.

Nesse contexto, considerando as respostas dos alunos, após o contato com o conto, nos remetemos mais uma vez ao que diz Colomer (2007) acerca da literatura, em especial aos textos de ficção que a literatura nos prepara para ler melhor todos os discursos sociais.

Desse modo, podemos afirmar que o texto trabalhado colaborou para que nossos discentes mergulhassem em outras leituras e que compreendessem a si próprios, e colocando-se no lugar do outro.

### **3 - Considerando os dois contos lidos, que semelhanças você identificou nos personagens o príncipe e o gigante?**

#### **Exemplo 1-Aluno :C.**

*"Eu observei que o príncipe e o gigante no começo da história não pensa nas pessoas e eles também se arrepende do que faz ." O gigante era de verdade e o príncipe virou uma estátua.*

*As crianças não tinham medo do gigante por ele ser feio e elas tinham medo por que ele era mal e elas tinham medo do que ele ia fazer com elas".*

#### **Exemplo 2-Aluno :J.A.L.F**

*"Os personagens são parecidos por que eles virão pessoas do bem e os dois tem amigos e eles são parecidos por que foram inventados pela mesma pessoa".*

#### **Exemplo 3- Aluno: J.K.S.X**

*"O príncipe e o gigante aprendem uma lição e eles tem um final igual por que os dois vão se encontrar com deus".*

**Exemplo 4-Aluno: L.P.F**

*"Os dois se arrependem e passam a ajudar as outras pessoas e os dois tem um coração bom".*

Essa questão que lançamos aos nossos discentes possibilitou que eles estabelecessem uma comparação entre os personagens dos dois contos, no caso, o gigante e o príncipe, detectando pontos em comum entre ambos. Percebemos que entre as respostas, algumas são mais elaboradas. A título de ilustração, mencionamos a resposta do aluno L.P.F.S quando diz que "Os dois se arrependem de seus erros e os dois tem um coração bom " .

Já outras são mais diretas como a resposta do aluno J.K.S.X que, em sua resposta, menciona apenas o fato de os personagens terem ido morar com Deus. No entanto, podemos dizer que eles conseguem enxergar uma proximidade entre os personagens. Salientamos a resposta do aluno J.A.L.F, ao mencionar que acredita que os personagens são parecidos por terem sido criados pelo mesmo autor. O aluno C.V.L.S, ao descrever o gigante , diz que as crianças não tinham medo dele porque ele era um ser estranho, feio, mas porque ele era mal. Achamos bem interessante e pertinente essas respostas e, ao mesmo tempo, verificamos uma nítida evolução no tocante à compreensão e interpretação dos discentes. Consideramos que eles são alunos do sexto ano e que advém de uma realidade onde a prática da leitura é bastante escassa.

De modo geral as conclusões dos alunos, nos confirmam o quanto o texto literário é vantajoso em promover reflexividade e por poder oferecer ao leitor a condição de assumir a posição de sujeito.

4-Na história aparece um menino por quem o gigante tem um apreço especial. O que você pode dizer sobre esse personagem?

**Exemplo1-Aluno : C.V.L.S**

*"Essa personagem é muito importante na história. Através dele que as outras crianças percebem que o gigante era bom".*

**Exemplo 2-Aluno :J.A.L.F**

*"Eu gostei muito dessa personagem e eu acho que ela era um anjo do bem ou Jesus porque ela tinha as marcas do amor nas mãos que eram as marcas dos pregos".*

**Exemplo 3-aluno:R.M.S**

*"Eu achei o menino muito interessante por que ele era bom e ficou muito amigo do gigante".*

**Exemplo 4-Aluno :L.P.F**

*"O personagem era muito legal e diferente e a história dele se parece com a de Jesus".*

Mais uma vez, percebemos a sensibilidade sendo tocada pelo conto e pela trama da narrativa, pois o comportamento da personagem aguça os sentimentos e ideais do leitor, tocando no seu íntimo. O que fica evidenciado na resposta do aluno J.A.L.F. O leitor destaca o relacionamento entre o gigante e o menino. Nesse conto, assim como no outro, trabalhado na primeira oficina, temos também uma relação de amizade que se constrói.

Os discentes J.A.L. F e L.P.F.S relacionaram o personagem do menino a outro personagem muito famoso na história da humanidade: Jesus Cristo. Aqui,

temos outro ponto em comum com o outro texto: aspectos da religiosidade Cristã, uma vez que o menino tinha em suas mãos e em seus pés, marcas de pregos, que fazem menção às marcas deixadas em Jesus conforme o mito bíblico.

O leitor, em formação, trouxe seu conhecimento de mundo para o texto lido e fez com que as palavras ganhassem um significado que extrapola o que está escrito. A interpretação, em análise, reveste-se de conexões com a vida, com o mundo e com outro texto – o intertexto com a história bíblica que se remete à crucificação de Jesus. As marcas nas mãos do menino, como sinalizamos, eram marcas de pregos. Aquele menino, assim como Jesus, segundo os livros sagrados, tinha a missão de pregar o amor.

As relações estabelecidas constituídas revelam um leitor em atividade, o que permite compreender o conteúdo do conto e o seu significado e, dessa forma, perceber e conferir sentidos ao texto.

#### **5 - Com um machado, o gigante derrubou o muro. O que essa atitude quis dizer?**

##### **Exemplo1-Aluno:C.V.L.S**

*"Significou que o gigante se arrependeu de ser egoísta e que ele estava disposto a dividir o seu lindo jardim."*

##### **Exemplo 2-Aluno:J.A.L.F**

*"Isso significou que ele queria paz e viu que as crianças traziam alegria para a sua vida e ele deveria ser generoso."*

##### **Exemplo 3-Aluno:J.k.S.X**

*"Que ele aprendeu a não querer tudo só pra ele e deixou de ser egoísta."*

**Exemplo 4-Aluno:L.P.F**

*"A atitude dele mostrou que ele mudou e que não ia ser mais um gigante do mal e que queria ser amigo das crianças e brincar no jardim com elas."*

Visualizamos, na sequência de respostas acima, que os discentes associaram a atitude do gigante de quebrar o muro, à sua mudança de vida. Exemplificamos com a resposta do aluno L.P.F.S, ao responder que *"A atitude dele mostrou que ele não ia mais ser um gigante do mal e queria ser amigo das crianças e brincar no jardim com elas."* O muro era a barreira que o impedia de encontrar a felicidade. A partir do momento que ele o quebra, deixa o egoísmo de lado e passa a ser feliz.

Achamos bem interessante a resposta do aluno J.A.L.F, pois este entende que a atitude do gigante significou que ele queria paz e reconheceu que as crianças traziam felicidade para ele. A partir desse pensamento, o aluno revela suas inferências. Enquanto o gigante vivia no seu mundo cercado pelo egoísmo, ele não tinha paz, não conhecia a plena felicidade.

Todas as respostas foram unânimes, no sentido de compreender que a atitude do gigante representou uma mudança de vida. Dessa maneira, os estudantes consideraram a atitude do gigante um ato de desapego e cumprimento de uma missão de bondade. O que os discentes compreendem com a trama do conto está presente na estruturação dos contos maravilhosos. Entre outras constantes, presentes nessa categoria do conto, Coelho (2000) nos fala sobre "Os valores ético-ideológicos" e destaca, nesses contos, a presença do "predomínio dos valores humanistas; preocupação fundamental com a sobrevivência ou com as necessidades básicas do indivíduo: fome, sede, agasalho, descanso, estímulo à caridade, solidariedade, tolerância, boa vontade, tolerância". (COELHO,2000, p.179).

Diante da realidade observada e em seguida ressignificada sob a orientação do professor, bem como a aplicação das oficinas de leitura do texto literário, constatamos que os discentes manifestaram suas habilidades de leitura e as alicerçaram com o apoio da prática de leitura durante as oficinas.

Desse modo, os discentes apreenderam os saberes sobre os textos, criando espaços de interação, de reflexões sobre a vida e sobre o que está à sua volta.

É necessário que estejamos conscientes sobre a importância de viabilizar espaços de leitura literária nas escolas. Colomer (2007), ao averiguar os problemas, as falhas quanto a articulação da leitura literária na sala de aula, adverte que ainda estamos “longe de corresponder à literatura e seus benefícios”.

Desse modo, relembramos sempre a necessidade de buscarmos a perpetuação da ideia de que é preciso estabelecer ações favoráveis de caráter quantitativo e qualitativo, que considerem os aspectos da linguagem literária e do valor literário.

#### 4.6 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DOS CONTOS

Conforme já expomos aqui, após as oficinas e as interpretações dos contos lidos, os discentes produziram “contos de fadas”, os quais também serão analisados. Da produção textual, participaram a mesma quantidade de alunos que participaram das interpretações, desse modo, contamos vinte e um.

A produção dos contos dos nossos alunos se deu a partir das oficinas de leitura e das atividades de interpretação. Ao término das oficinas, nós os deixamos livres para escolherem suas temáticas e produzirem seu conto. Almejamos que a partir das leituras realizadas, eles se sintam mais motivados e passem a ter um maior contato com a escrita. Observamos que a maioria das produções abordaram as temáticas dos contos lidos em sala. Dentre os textos produzidos, selecionamos três, sendo dois, que mais contemplam as características e estrutura, se aproximando mais do gênero literário conto de fadas e um, que apesar de também poder ser considerado conto de fadas, se afasta mais.

Consideramos que os três contos são suficientes como amostragem, uma vez que a maioria dos discentes conseguiu produzir o gênero solicitado. Ressaltamos que, dentre as produções, algumas são mais ricas e completas e despertaram um maior interesse do leitor e que outros, porém, desenvolveram histórias menos ricas em detalhes e foram mais sucintos. Ainda justificando nosso critério de escolha, salientamos que as respostas dos discentes no

tocante à atividade de interpretação também foram analisadas. Desse modo, julgamos o *corpus* adequado e suficiente para verificarmos se os nossos objetivos foram alcançados.

Ressaltamos que os discentes que tiveram seus textos selecionados não foram os mesmos que tiveram suas questões de interpretação analisadas. Agimos dessa maneira, pois assim, poderíamos observar um maior número de estudantes. Da mesma forma, como procedemos na análise das interpretações, os alunos serão identificados pelas iniciais de seus nomes. Transcrevemos, na íntegra, a escrita dos alunos. Ressaltamos que não tivemos tempo suficiente para trabalhar a reescrita minuciosamente, mas que ela ainda aconteceu e que, em outro momento, trabalharemos essa questão de forma mais meticulosa, dado que, já foi acordado com a direção da escola que continuarei com a turma no ano seguinte. Apesar da reescrita, ainda constatamos nas produções desvios ortográficos, problemas de pontuação, paragrafação, mas que não interferiram na compreensão do leitor.

Com essas produções almejamos detectar se os discentes conseguiram produzir textos que sejam considerados contos de fadas e, até que ponto, a sequência didática utilizada contribuiu para o letramento literário dos nossos discentes.

De modo geral, o desempenho da maioria dos alunos foi satisfatório, condizente de fato com o que esperávamos deles. Acreditamos que o bom resultado se deu também pelo fato de termos explorado bem o gênero literário conto de fadas durante as oficinas de leitura.

## 4.7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS PRODUÇÕES

### Conto 1- Aluno: A.L.M

#### **A princesa egoísta**

Era uma vez uma princesa muito bonita e ela tinha 9 anos, os cabelos grandes, olhos azuis como o mar. Ela morava com o pai e a mãe em um enorme castelo e não tinha irmão. Brincava sempre só, mais ela não ligava por que não gostava de dividir suas coisas com ninguém. Ela queria tudo somente pra ela e não tinha amigos.

A princesa fez 10 anos e sua família fez uma festa no castelo para festejar o seu aniversário. Todas as pessoas do reino foram convidadas. A princesa não deu atenção a ninguém e só queria saber dos presentes. Um menino pobre deu um presente bem fraquinho e ela não gostou nada, ficou zangada e desprezou ele. O menino falou:

-Pensei que você ia gostar e gastei todo dinheirinho que eu tava juntando.

A menina deu as costas e nem ligou.

O menino ficou tão triste e chorou.

Um dia, a princesa foi para o bosque que ficava pertinho do castelo para buscar flores e se perdeu. Ela ficou com muito medo e foi caminhando para achar o caminho de volta. Ela encontrou coisas bem diferentes como uma cobra que falava. A cobra olhou para a menina e disse:

- Menina, tenha cuidado porque nesse bosque vive uma bruxa muito ruim.

A menina ficou mais assustada e continuou andando. Ela também viu um rio com água cor de rosa e ficou encantada. De repente, ela encontrou a bruxa má que a levou para a sua casa. Lá era um lugar feio e tinha um caldeirão grande e sujo que ela fazia seus feitiços. A bruxa transformou a princesa em uma sapa.

A bruxa gritou:

-Eu odeio princesas! E deu uma risada bem alta.

De manhã a princesa sapa escutou um barulho. Era um garoto que estava caçando lenha para levar para sua mãe. A princesa pediu:

- Me ajude, estou presa aqui com uma bruxa má e ela me transformou em sapa.

O menino reconheceu a voz e viu que era a princesa que o tratou tão mal na festa de aniversário, mais como tinha um coração bom foi logo ajudar a princesa. Ele sabia imitar o canto de todos os passarinhos e então começou a cantar.

A bruxa detestava ouvir o canto dos pássaros e quando ouviu o som que não parava, teve um piripaque e caiu dura no chão. A sapa voltou a ser princesa e foi junto com o menino para o castelo.

No castelo a princesa apresentou o menino ao rei e a rainha e contou o que tinha acontecido. Eles prepararam uma linda festa para agradecer ao menino e todos do reino foram convidados. Depois daquele dia, a princesa aprendeu a nunca querer as coisas só para ela. Viu como era bom ter amigos e que precisava dos outros.

O rei e rainha botaram o nome do reino de reino da amizade.

**Conto 2-Aluno: P.H.S.S****Pedro e o gigante**

Era uma vez, numa cidade pequena morava um menino muito pobre que se chamava Pedro. Tinha dias que ele e sua família não tinha o que comer. Eles moravam em uma casinha pequena que mal cabia eles dentro. O pai de Pedro trabalhava no roçado e a mãe ficava cuidando da casa e dos outros filhos. Mesmo pobres, eles se amavam de mais.

Pedro sonhou que ficava rico e que mudava de vida. Ele queria muito ficar rico para ajudar a sua família e os pobres da cidade.

Todo dia ele ia com seu pai para a roça e um dia começou a mexer na terra, aí ele viu que tinha algo diferente e começou a cavar. Encontrou uma pedra que brilhava. Ele pegou a pedra e mostrou para o seu pai .

O pai falou:

O que é isso ? brilha como o sol .

-Pai, eu sonhei que ficava rico e eu achei essa pedra. Eles foram para casa e guardaram a pedra. No outro dia, voltaram para o roçado e viram uma raposa no meio do mato. Ela falou:

-Eu era uma moça e um gigante se apaixonou por mim. Eu só gostava dele como amigo e por isso ele me transformou em raposa e ficou com o coração cheio de ódio e fazendo muita maldade. Eu só volto a forma normal, quando a pedra preciosa do gigante for encontrada e quando o gigante for vencido. Pedro pensou na pedra e pensou em ajudar a moça. Teve medo por que o gigante tinha fama de valentão, mais pensou no que já tinha passado e resolveu enfrentar .

A pedra era valiosa e mágica e quem pegasse nela pela primeira vez era abençoado. Quando Pedro tocou no gigante, o gigante começou a diminuir e ficou tão pequeno, do tamanho de uma formiguinha.

Nesse instante, a raposa voltou a ser uma bela moça . Pedro se apaixonou por ela. Ele vendeu a pedra para ajudar a família e criou uma fábrica de chocolate e todos da cidade tinham onde trabalhar .Nunca mais teve pobreza na cidade. Quando passou uns anos, Pedro e a moça se casaram e viveram felizes para sempre.

**Conto 3 – Aluno: B.A.S.****O amigo alazão**

Uma menina que morava com sua mãe em uma fazenda. Ela amava tudo que tinha lá. O rio, os animais, plantas, montanha. deixava ela. Todo dia a menina acordava cedo, fazia os seus serviços e ia para escola. No sítio tinha galinha, patos, cabra, bode, boi, peru, pássaros, plantas de toda qualidade e a menina cuidava de tudo com muito amor. Ela gostava de tudo no sítio, mas o animal que ela amava era o cavalo que ela deu o nome de alazão. A menina tinha o dom de falar com os animais e todo dia ela conversava com seu grande amigo alazão.

O tempo passou e alazão foi ficando velho e morreu.

A menina ficou tão triste que não falava com ninguém.

Um dia a menina estava sentada na beira do rio e apareceu uma senhora que parecia um anjo. A senhora disse:

A menina perguntou :

Quem é você ?

A menina disse ;

EU sou a fada dos desejos .Você tá tão triste . Quer a minha ajuda?

A menina disse ;

Eu Queria muito o meu cavalo de volta .

E naquele instante, o pedido dela foi atendido .

E o seu alazão apareceu lindo e cheio de vida.

A senhora desapareceu como um piscar de olhos.

### **Conto 1: A princesa egoísta**

Ao iniciarmos a análise da produção 1, do aprendiz A.L.M, observamos que apresenta a estrutura de um conto, começando por um estado de equilíbrio que dá lugar a uma série de episódios que se convertem em conflitos e culminam com a resolução de um problema, apresentando a dicotomia bem versus mal. Apesar do discente não ter tanta experiência com a escrita, constatamos que ele conseguiu produzir o gênero solicitado.

O texto é introduzido com a famosa frase: “Era uma vez”, expressão que remete a tempos antigos e que é típica dos contos de fadas tradicionais. Observamos ainda que o leitor/produtor segue o modelo dos clássicos, embora os contos de Oscar Wilde trabalhados nas oficinas, não apresentem essa expressão.

Mesmo passando pelo processo de reescrita do texto, observamos ainda desvios ortográficos, de pontuação e em relação à paragrafação, no entanto, consideramos que o discente ainda está no sexto ano, em processo de aprimoramento da escrita e esses desvios não afetaram o entendimento do leitor. O importante foi que ele conseguiu construir uma narrativa envolvendo os seus elementos, despertando o seu interesse a partir do lúdico e apresentando uma sequência com início, meio e fim.

Na produção 1, constatamos a partir do título “A princesa egoísta” e também da temática explorada, que o discente seguiu as orientações das leituras realizadas em sala, durante as oficinas. A protagonista do conto em análise é uma princesa egoísta, conforme vemos nas linhas 3, 4, 5. Acreditamos que ele se inspirou em um dos contos trabalhados, uma vez que notamos algumas semelhanças entre a princesa, personagem do seu conto, e o gigante, personagem do conto de Oscar Wilde. Isso mostra que o trabalho foi produtivo, uma vez que instigou a reflexão, como também o pensamento crítico, e, desse modo, ajudando no processo de produção.

Assim, o conto 1 representa, dentro da diversidade dos temas discutidos por nossos alunos, o efeito de nossas discussões. Ressaltamos que, apesar de termos deixado claro que eles ficariam livres para a escolha do tema, a maioria das produções tratou de conteúdos alusivos às temáticas dos contos trabalhados, durante as oficinas.

O aluno A.L.M, ao mencionar que a protagonista se perdeu na floresta e foi raptada por uma bruxa, nos remete a um famoso clássico da literatura infantil: *João e Maria*. Assim, podemos dizer que as leituras realizadas pelo discente tanto na execução do projeto, como em outros momentos, contribuíram para a fluência de sua produção, tornando seu texto mais criativo e interessante. Conforme Cosson, (2014) a respeito da estratégia de conexão entre o leitor, o texto e o mundo, depreende-se que o leitor:

[...] Estabelece associações pessoais com o texto, tal como se lembrar de um episódio semelhante vivido ou narrado por alguém (conexão texto-leitor), fazer uma ligação com outro texto (conexão texto-texto) e relacionar o texto com situações sociais amplamente conhecidas conexão texto-mundo. (COSSON, 2014, p.117).

Os elementos naturais tão presentes nos contos de fadas, também aparecem na história como, por exemplo: floresta, flores, rio, canto dos pássaros, esse último, imitado pelo menino.

Os obstáculos vencidos são uma forma de crescimento interior, e o discente manifesta isso em seu texto, pois a protagonista passa por situações de perigo, vence os desafios com a ajuda de um outro personagem e, a partir daí, há uma aprendizagem, uma mudança de comportamento.

É, no terceiro parágrafo que percebemos, de fato, o ingresso do aprendiz no mundo do maravilhoso, ao mencionar que a princesa, ao se perder na floresta, encontra uma cobra falante, um rio cor de rosa e uma das famosas vilãs dos contos de fadas, a bruxa, que no texto, tem super poderes e que transforma a princesa em sapa, pois odeia princesas. Assim, ocorre o processo de metamorfose, também muito comum nos contos de fadas. É aqui que a narrativa, de modo mais explícito se afasta do cotidiano racional e nos leva ao contato com o que só pode acontecer no mundo da imaginação.

Ao contrário dos contos de Oscar Wilde que prefere finais trágicos e melancólicos, o discente, em sua produção, opta por um final feliz, uma vez que a protagonista livra-se da bruxa, deixa de ser egoísta e passa a ter um amigo de verdade. Nesse contexto, vemos claramente, a influência dos contos clássicos em sua escrita. Além de abrir as portas para o mundo dos sonhos, os contos de fadas também nos fazem refletir sobre questões relacionadas ao comportamento humano.

Analisando a produção do discente, ainda podemos dizer que ele demonstra a consciência de que os contos de fadas não falam só de amor, mas de muitas situações que temos que enfrentar no dia a dia, entendendo que eles trazem o fantástico, o lúdico, mas também tratam de assuntos que fazem parte do cotidiano, porém, retratados de uma forma figurada. Isso fica evidenciado na escolha da temática. No texto em análise, o egoísmo humano, a falta de humildade, a prepotência, o apego ao material, a importância da amizade são temáticas colocadas de um modo simples, mas que, ao final do conto, levam o leitor a uma reflexão.

Consideramos que a boa produção do discente e o conhecimento revelado por ele denunciam o efeito causado pela sistematização do processo de leitura, a partir da sequência básica com suas etapas executadas minuciosamente, preparando o aluno não só para a leitura do texto literário, como também para a produção escrita, uma vez que objetivamos promover o letramento literário dos mesmos.

Diante do que vimos, compreendemos que os contos de fadas, mexem com o imaginário, e as emoções humanas fazendo sentido ainda hoje, pois abordam temas atuais. Desse modo, também reafirmamos que esse tipo de leitura contribui para a formação de alunos e leitores críticos e, conseqüentemente, produtores de textos eficazes.

## **Conto 2: Pedro e o gigante.**

O conto 2, do aluno, P.H.S.S nos mostra que as dificuldades podem ser vencidas. Na narrativa, o protagonista passa a ter poderes especiais para enfrentar o gigante. Como sabemos, os contos de fadas são carregados de simbologia. Na vida real, não podemos contar com uma pedra que aparece do nada para mudarmos de situação financeira ou enfrentarmos os conflitos. Essa ajuda, na vida real, pode vir dos amigos, da família e também da nossa própria vontade de vencer. O protagonista da história enfrenta obstáculos, situações de perigo, mas consegue mudar uma realidade: ajuda a sua família que vive em extrema situação de pobreza.

Através do conto, o discente conseguiu mostrar que, assim como na história, na vida real, devemos lutar por aquilo que queremos. Assim como no

conto 1, anteriormente analisado, o conto 2 apresenta fórmulas para abertura e fechamento. Essas fórmulas são tão naturais que ao escutá-las, já sabemos de que gênero se trata. Observamos também o uso da expressão “Certo dia”. O tempo que o discente faz menção é o tempo do remoto, é o tempo do “Era uma vez”, em que o imaginário se encontra com a realidade.

Temos, no conto, a presença de um herói, a princípio, um menino comum que, depois, consegue realizar grandes feitos, como vencer um gigante com ajuda de elementos mágicos. Também fica claro onde se passa a história, os conflitos e o desfecho. Esses elementos constituintes da narrativa, bem colocados no texto, ajudam o leitor a situar-se dando-lhes subsídios para organizar trajetos coerentes de leitura.

No conto 2, também aparece a metamorfose, uma vez que o gigante por ser rejeitado, castiga a moça, transformando-a em animal. Conforme vimos, essa característica aparece com frequência nas produções dos nossos alunos. Acreditamos que eles já leram ou ouviram histórias em que esse fato acontece e que isso veio à tona no momento da produção.

Além de entreter, o texto consegue atingir o objetivo do texto literário, sensibilizando o leitor para aspectos humanos e sociais. As partes do enredo foram bem desenvolvidas e o foco narrativo, escolhido adequadamente. Constatamos que o aluno poderia ter explorado mais o diálogo entre os personagens. Detectamos também nesse conto, desvios no que tange à ortografia, pontuação, paragrafação. No entanto, voltamos a salientar que é necessário considerar a faixa etária dos discentes, que ainda estão em fase de aperfeiçoamento da escrita, conforme já mencionamos.

O enredo apresenta muitos resquícios dos contos clássicos, pois apresenta obstáculos e provas que o mocinho precisa cumprir para que alcance sua realização pessoal.

Destacamos o desfecho da história em que o autor finaliza com a famosa frase “E viveram felizes para sempre”. A felicidade não consiste apenas na mudança de vida, porque deixaram de ser pobres. Aparece um elemento importante: o encontro do amor. Ressaltamos que, na faixa etária em que estão, 11, 12 anos, alguns alunos já demonstram um carinho diferente pelo outro, é a fase das paquerinhas e o aluno P.H.S.S revela esse sentimento, ao criar um personagem que vive um amor.

No início do conto, ficamos sabendo que, apesar da situação de miséria, todos se amavam muito. Então, a felicidade não está relacionada ao enriquecimento, mas a um começo de uma nova fase.

Candido, a respeito da importância da literatura, nos diz que:

Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ele age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, com altos e baixos, luzes e sombras. Ela não corrompe, nem edifica, mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO,1972, p.805).

A literatura tem um papel importante na formação do indivíduo, contribuindo para a construção de valores diferentes daqueles que são padronizados ao longo do tempo. Daí a necessidade da literatura fazer parte do nosso cotidiano, pois, através de sua expressividade artística, conseguimos demonstrar nossos anseios, ideologias mesmo que seja recriando a realidade.

### **Conto 3: O amigo Alazão**

A produção 3 também pode ser classificada como um conto de fadas. Essa se afasta mais da linha apresentada nas outras duas, com menos detalhes, embora também aborde a questão da amizade, temática apresentada nos dois contos de Wilde. O discente conta a história de um menino e de seu cavalo. O texto apresenta uma estrutura da narrativa e podemos dizer que inova nas possibilidades, ambientando os personagens em novos cenários. A história se passa em uma fazenda.

Vimos que, nessa produção, o discente, diferente dos outros, não inicia a história com “Era uma vez” e começa o texto já apresentando a personagem. Trata-se de uma narrativa mais curta se compararmos às duas primeiras, mas não consideramos isso um problema, uma vez que na atualidade o gênero conto se alargou dando origem ao nanoconto.

Ressaltamos que, durante a realização das oficinas, explicamos que há contos que fogem do modelo tradicional. Nessa categoria incluímos os contos de Wilde e exemplificamos com os seus personagens, os quais se afastam dos padrões mais clássicos.

Salientamos ainda que, no momento de socialização dos contos, os outros alunos leitores deixaram claro que essa foi uma das histórias que mais gostaram. Acreditamos que esse fato se justifica pela inovação, a morte de um animal, o próprio cenário e o fato de grande parte dos discentes possuírem animal de estimação, informação que ficamos sabendo durante as rodas de conversa.

Nossa intenção, ao trabalharmos também com a escrita do conto é que o discente perceba que seu texto é o resultado da necessidade real da expressão escrita e não meramente um exercício de imaginação dissociado do mundo em que vive. Para Cosson (2009):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2014, p.17)

Após as análises feitas das interpretações e das produções textuais, confirmamos a relevância do letramento literário, através da leitura de contos de fadas, como uma maneira de auxiliar nossos discentes no desenvolvimento de uma postura mais reflexiva e crítica diante dos textos que leem. Desse modo, seguimos, acreditando na capacidade dos nossos discentes e no poder do texto literário.

Mais uma vez, mencionamos Cosson (2014) quando salienta que as atividades de interpretação, como a entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, o seu registro. “Esse registro vai variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos” (COSSON, 2014, p.66).

Achamos relevante mencionar que, durante as atividades de interpretação e produção a maioria dos alunos não estava preocupada em terminar rapidamente o texto para se livrar da atividade, pelo contrário, mostraram interesse e motivação ao escrever. Esse fato, somado ao desempenho dos discentes durante as atividades de interpretação e produção

do conto, nos levam a afirmar que obtivemos o retorno de que as práticas de letramento avivam o processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita.

Na etapa de produção, uma das nossas intenções é que o discente perceba que seu texto é o resultado da necessidade real da expressão escrita e não meramente um exercício de imaginação desvinculado da realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Principiamos o nosso trabalho com o desejo de estimular o gosto pela leitura dos nossos discentes e, para tanto, enxergamos, no texto literário, essa possibilidade de aproximá-los do mundo das letras. Não objetivávamos apenas um aprimoramento linguístico dos nossos discentes, mas que eles, sejam capazes de compreender e ressignificar o que leem e, através da leitura, compreendam melhor o mundo que os cerca, como também, se tornem seres mais humanos, conscientes de seu papel social. Para tanto, buscamos um aporte teórico que corroborasse com as nossas discussões.

Nosso trabalho foi desafiador, uma vez que trouxemos à tona o tratamento dado à literatura, partindo da realidade de que o contato com o texto literário é mais comum no ensino fundamental I e no ensino fundamental II, infelizmente, acontece certo distanciamento e, muitas vezes, este passa até a ser trabalhado para exploração única de aspectos linguísticos, o que acaba afastando o discente desse tipo de leitura. Desse modo, trabalhar com literatura, colaborando para que seja reconhecido o seu devido valor na sala de aula, foi uma iniciativa que teve início, mas que precisa de continuidade.

Quanto aos personagens principais da nossa pesquisa, discentes do sexto ano “F”, de uma escola pública da Rede Municipal de Ensino, todos participaram efetivamente das atividades propostas, demonstrando empenho e prazer em cada etapa desenvolvida.

Acreditamos que alguns fatores, tais como a escolha do gênero literário, a seleção dos contos, a adoção da sequência básica, as motivações realizadas, a possibilidade de compartilhamento, a apreciação da voz dos alunos, através das rodas de conversa, a forma de consumir os registros, dentre outras coisas, foram estratégias escolhidas que favoreceram para que, talvez, pela primeira vez, os discentes conhecessem a importância que uma leitura, principalmente a do texto literário pode alcançar. A partir do engajamento e participação dos discentes e pelos resultados alcançados, podemos afirmar que atingimos, na maioria dos casos, tanto o nosso objetivo geral como os específicos.

No entanto, fazemos algumas ressalvas sobre esta afirmação, uma vez que é comum, em uma sala de aula, termos alunos que se apresentam em

níveis diferentes de leitura, de concentração. Desse modo, a evolução demonstrada, também se reflete em graus diversos. Podemos dizer que, com a maioria dos alunos, atingimos nossas expectativas, no entanto, considerando as diferenças que marcam a diversidade de uma sala de aula.

Além da questão supracitada, nós, enquanto docentes, temos a consciência de que precisamos realizar outros projetos, para que nossos discentes se apropriem, de fato, do letramento literário, pois essa prática diferenciada em sala de aula, deve ser constante. Diante dos resultados obtidos, ficou evidenciado que os participantes desse processo não saíram da mesma forma que entraram, pois, durante o percurso, constatamos que houve transformações significativas e eles, certamente, progrediram.

Mais do que responder às atividades solicitadas em sala de aula no decorrer das oficinas, verificamos uma evolução dos discentes durante o percurso de leitura dos contos e estamos cientes de que, quando a atividade é bem planejada, os resultados propendem a ser satisfatórios. E, assim, ocorreu com a nossa proposta de intervenção.

Nesse contexto, a escola é um ambiente de suma importância para desenvolvermos o letramento literário. Conforme nos diz Cosson (2014) “devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” As sugestões defendidas pelo teórico foram essenciais para refletirmos sobre procedimentos de leitura e averiguarmos a utilidade da nossa proposta de acordo com a recepção dos discentes para com os contos de fadas selecionados.

Em virtude de leituras teóricas e análises feitas, confirma-se a ideia de que o letramento literário pode ser efetivado por meio dos contos de fadas; tanto pelas características próprias desse gênero, quanto pela possibilidade de abordagem lúdica que dele pode se fazer.

Por fim, acreditamos ter contribuído com as pesquisas e os estudos que se preocupam com o ensino de literatura na escola, como também ter colaborado para a formação de leitores ativos e reflexivos. Constatamos que, nesse período de curso, que envolveu desde os estudos teóricos, a pesquisa, até a execução do projeto de intervenção, tudo possibilitou uma oportunidade excepcional de viabilizar e de cooperar para a promoção do letramento literário.

Posso dizer que, através do trabalho desenvolvido também tive a oportunidade de aprender mais, evoluir como profissional e como ser humano.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Entre a ciência e sapiência: o dilema da educação**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CANDIDO, A. O direito a literatura In: **vários escritos**. Rio de Janeiro / São Paulo: Ouro sobre o azul / Duas Cidades, 1995.
- CAVALCANTI, J. **Caminhos da Literatura Infantil Juvenil: Dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- COELHO, N. N; **Literatura Infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, N. N. **O conto de Fadas**. São Paulo, Ática 1987.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- CORSO, D. L; CORSO M. **Fadas no Divan: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto alegre: Artmed, 2006.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo, contexto, 2014.
- COSSON, R. **Letramento literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ELLIOTE, J. **Recolocando a pesquisa ação em seu lugar original e próprio**. In: Geraldo, Corinta Maria Crisolia: FIORENTINI; Dario; Rebeira, Elisabete Monteiro de Aguiar (org). **Cartografias do trabalho docente: professor (a) – Pesquisador (a)**. Campinas: Mercado das , Letras 1997.
- FERNANDES, C. R. D. **Letramento Literário no Contexto Escolar**: In: Gonçalves Adair Vieira, PINHEIRO, Alexandra Santos (orgs). **Nas Trilhas do letramento: entre**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Doutorados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.
- FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis RJ: Vozes, 2011.
- JOUBE, V. **A leitura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

JOUVE, V. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, A. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

LAJOLO, M. **O texto não é pretexto**, In: Zilberman, Regina; ROSING.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

PAIVA, A. **A produção literária para crianças**: onipresença e ausência das temáticas. In PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs). *Literatura Infantil políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. .

PAULINO, G; COSSON, R. **Letramento literário**: Para viver a literatura dentro e fora da escola. In: Zilberman, Regina; Rosing, Tania (orgs). *Escola e leitura: Velha crise: Novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 Ed. 6. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica 2003.

TÂNIA M. K. (orgs). **Escola e leitura**. Velha crise Novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa ação**. 7º edição. Editora São Paulo. Cortez: 1996.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 200. Trad. Laura Sandroni. São Paulo. Glabal: 2003; 2010

ZILBERMAN, R. **A Escola e a Leitura de Literatura**, In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (orgs). *Escola e leitura: Velha Crise; Nova alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

## ANEXO 01

### Elementos da Narrativa

Por: Daniela Diana / Professora licenciada em Letras

Os elementos da narrativa são essenciais numa narração que, por sua vez, é um relato dos acontecimentos e ações de seus personagens.

Podemos citar como exemplos de textos narrativos um romance, uma novela, uma fábula, um conto, etc.

A estrutura da narrativa é dividida em: apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho.

#### Enredo

O enredo é o tema ou o assunto da história que pode ser contada de maneira linear ou não linear.

Tem também o enredo psicológico focado nos pensamentos dos personagens. A história pode ser narrada de maneira cronológica, seguindo a ocorrências das ações.

#### Narrador

O narrador, também chamado de foco narrativo, representa a "voz do texto". Dependendo de como atuam na narração, eles são classificados em três tipos:

##### **Narrador Personagem**

O narrador personagem participa da história como um personagem da trama. Ele pode ser o personagem principal, ou mesmo um secundário.

Portanto, se o texto tiver esse tipo de narrador, a história será narrada em 1ª pessoa do singular (eu) ou do plural (nós).

##### **Narrador Observador**

O próprio nome já indica que esse tipo de narrador conhece a história de modo que observa e relata os fatos.

Porém, diferente do narrador personagem, o narrador observador não participa da história. Esse tipo de narração é feito na 3ª pessoa do singular (ele, ela) ou plural (eles, elas).

### **Narrador Onisciente**

O narrador onisciente é aquele que conhece toda a história. Diferente do narrador observador, que conta os fatos por sua ótica, esse sabe tudo sobre os outros personagens, inclusive seus pensamentos e ideias.

Nesse caso, a história pode surgir narrada em 1ª pessoa ou 3ª pessoa.

**Obs:** Importante frisar que a “voz do texto” não representa a “voz do autor do texto”.

### **Personagens**

Os personagens de uma narrativa são as pessoas que estão presentes na história. Se forem muito importantes são chamados de personagens principais ou protagonistas.

Já aqueles que surgem na história mas não apresentam grande destaque são os personagens secundários, também chamados de coadjuvantes.

### **Tempo**

Toda narração tem um tempo que determina o período em que a história se passa.

Ele pode ser cronológico, quando segue uma ordem dos acontecimentos, ou psicológico, que não segue uma linearidade dos fatos, sendo um tempo interior que ocorre na mente dos personagens.

Nesse último caso, ele mistura passado, presente e futuro seguindo, portanto, o fluxo de pensamentos dos envolvidos na trama.

Note que as expressões de tempo utilizadas indicam essa marcação, por exemplo: hoje, no dia seguinte, na semana passada, naquele ano, etc.

### **Espaço**

O espaço da narrativa é o local onde ela se desenvolve. Ele pode ser físico ou mesmo psicológico.

No primeiro caso, o local onde se passa a história é indicado seja uma fazenda, uma cidade, uma praia, etc. São classificados em espaços fechados (casa, quarto, hospital, etc.) ou abertos (ruas, vilas, cidades, etc.).

Já o espaço psicológico é o ambiente interior de um personagem, ou seja, não há um espaço físico que seja revelado. Portanto, nesse caso, a história é narrada num fluxo de pensamentos, de sentimentos.

## ANEXO 02

### **10 motivos que mostram que você deveria ler mais (e sempre)**

**Porque ler aumenta o seu vocabulário.** Você aprende palavras novas, sinônimos e expressões diferentes;

**Porque ler desperta sua curiosidade, ao mesmo tempo em que aguça (e explora) sua imaginação.** Você coloca outras partes de seu cérebro para funcionar;

**Porque ler estimula a criatividade.** Ao conhecer diferentes histórias e pontos de vista, você terá mais argumentos e pontos de apoio para criar suas próprias versões das coisas com autenticidade e estilo;

**Porque ler permite que você aprenda com os erros e caminhos dos outros.** As biografias são excelentes maneiras de observar comportamentos, atitudes e suas consequências;

**Porque lendo mais você aprende a se comunicar melhor, de forma mais clara, objetiva e assertiva.** Aos poucos, você transforma o vocabulário em opinião, além de construir narrativas de melhor qualidade;

**Porque ler aumenta o seu poder de persuasão.** Argumentos, fatos, opiniões, quanto mais você absorve sobre os temas que estuda, melhor se prepara para apresentações em público, conversas informais e/ou encontros profissionais;

**Porque ler diminui a ansiedade, acalma os ânimos e desperta prazer.** O ato de ler estimula positivamente nosso sistema nervoso e nossa capacidade cognitiva;

**Porque ler aumenta sua propensão a ser disciplinado em outras áreas de sua vida.** Começar e terminar um livro requer foco, atenção e compromisso, habilidades e características que fazem diferença em todas as áreas de sua vida;

**Porque ler faz você ser mais crítico, cuidadoso e atento aos acontecimentos de seu entorno.** Você aprende a escolher melhor suas amizades, a lidar com sua grana, a interpretar desdobramentos políticos e econômicos do país. Você sempre cresce intelectual e emocionalmente quando lê;

**Porque ler não tem efeito colateral.** Ou você aprende uma palavra nova, ou fica mais calmo, ou conhece uma história diferente, ou desperta a imaginação, ou passa a saber de algo que não sabia sobre qualquer coisa. Ler não machuca, não dói e não incapacita.

Disponível em : <https://dinheirama.com/10-motivos-que-mostram-que-voce-deveria-ler-mais-e-sempre/>

Acesso em: 02/Abril de 2018

## ANEXO 03

### Benefícios da leitura diária

Hoje mais do que nunca, os livros são objetos acessíveis e até baratos. Contamos com diferentes formatos (capa dura, capa de papel, de bolso, formatos digitais) que tornam cada vez mais fácil que qualquer pessoa tenha acesso à leitura. É acessível, é variado... No entanto, quanto tempo dedicamos a isso? Se você não se lembra da última vez em que leu um livro, algo não está certo. **A leitura diária nos traz benefícios que não devemos perder.**

**A leitura nos enriquece mentalmente, ajudando nosso cérebro a funcionar de maneira ideal.**

Mas nos referimos à leitura de livros, não de revistas ou jornais ou de seu blog favorito. É necessário que a leitura seja feita de maneira profunda, conectando personagens, ações e capítulos, e comparando-os com o mundo real. A seguir, você encontrará algumas das razões pelas quais você deve começar a procurar um **livro** neste momento (e o que fazer em seguida).

### Benefícios da leitura diária

*Ler diariamente ajuda nosso cérebro a funcionar de forma otimizada.*

### Maior inteligência emocional

**Ler** nos permite ter empatia com personagens muito diferentes, a quem seguimos durante suas aventuras. Muitos nos fazem experimentar sentimentos que já conhecíamos, e **isso faz com que nos coloquemos em seu lugar.** Obviamente, este exercício será aplicado à vida real com mais frequência se estivermos habituados a ler.



Melhor vocabulário

É um dos aspectos mais conhecidos da leitura. **A leitura diária nos permite estabelecer uma conexão entre as palavras que usamos oralmente e aquelas que lemos.** Quanto mais lemos, mais vocabulário saberemos, especialmente se variarmos o gênero literário.

Conhecimento do mundo e da cultura geral

Isso é verdade, independentemente de estarmos lendo uma crônica ou uma história fictícia. Até mesmo as leituras mais fantásticas bebem de lendas, histórias ou outros tipos de relatos que existem em nosso mundo. **Lendo, podemos ter acesso a muitos dados úteis ou apenas curiosos.**

Melhor ortografia

Outro dos mais conhecidos benefícios da leitura. É verdade: **a leitura nos faz escrever melhor**; é muito mais útil do que memorizar uma enorme quantidade de regras de ortografia. Quanto mais vemos uma palavra escrita, mais facilidade temos para nos lembrarmos de como devemos escrevê-la.

Diminui o estresse

Fazer uma pausa de nossas obrigações (e, acima de tudo, de nossas preocupações) para ler diariamente é muito benéfico. Não só estamos dedicando esse momento a nós mesmos, mas também estamos aplicando nossa concentração a algo que prenda a nossa mente. **Se estivermos focados no que acontece no livro, perderemos o interesse, pelo menos por um tempo, em nossas tarefas.**



Pensamento crítico

Quanto mais lemos, mais problemas encontramos (na ficção, é claro). Isso **nos permitirá nos posicionarmos diante do conflito**, já que poucas pessoas escolhem não formar uma **opinião** própria sobre isso. Além disso, durante a leitura, os personagens nos informarão sobre seus pensamentos sobre o problema, e isso nos permitirá nos posicionar a favor ou contra o que eles dizem, e até mesmo mudar de opinião.

Diversão e entretenimento

Hoje em dia, o conteúdo audiovisual que consumimos é muito maior e, por vezes, esquecemos que a nossa imaginação é a nossa melhor fonte de produção audiovisual no momento da leitura. **Imaginar os personagens ou os lugares que visitam é muito divertido** porque os adaptamos aos nossos gostos, experiências e desejos.

Como transformar a leitura em um hábito?

Não é fácil começar a ler se não temos o hábito de fazê-lo. Algumas pessoas perderam esse hábito, outras nunca o tiveram. Agora que já sabemos que a leitura é importante, podemos nos concentrar em **como aumentar sua regularidade em nossas vidas**.

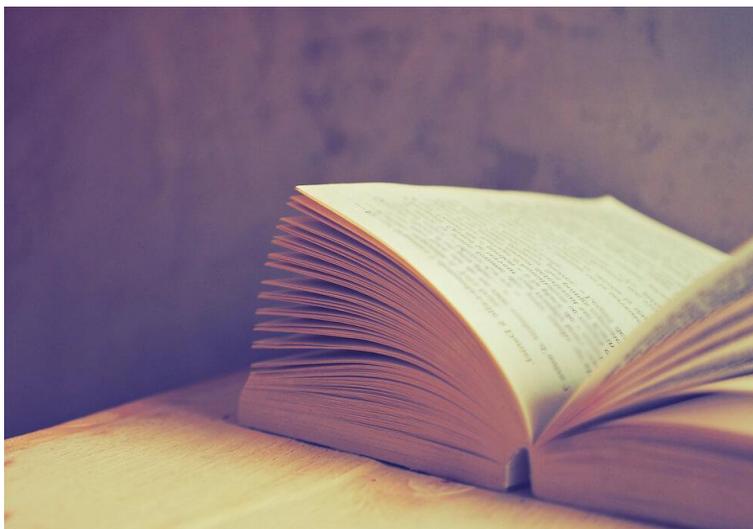
Entenda que **ler é prazeroso**: é difícil, se você não tem o hábito de fazê-lo, entender que a leitura é divertida, empoderadora ou até mesmo exploradora. Mas é importante dar-lhe a oportunidade de nos mostrar isso.

Tente **ver cada livro como uma conquista**: o sentimento positivo após a realização de terminar um livro pode nos fazer querer começar outro.

**Leve seu livro para qualquer lugar**: seja em formato físico ou digital (embora essa estratégia funcione melhor se o livro for físico), ter o livro à mão pode ser útil para usar o tempo livre para ler em uma viagem no transporte público ou em uma sala de espera, em vez de olhar para o nosso celular.

**Leia quando precisar de um momento a sós**: relacionar hábitos os fortalece e faz com que durem mais. Se convertermos nossos momentos a sós em momentos de leitura, estaremos fazendo exatamente isso.

**Leia o que você gosta**: não é essencial terminarmos os livros que começamos. Se você não gosta do livro, não deve lê-lo. Dedique seu tempo a outro que te prenda, já que o momento da leitura deve estar relacionado com **experiências** positivas.



Finalmente, é importante entender que o processo é lento e que, do dia para a noite, não vamos ler com frequência. **Começar de forma simples e gradual nos ajudará a tornar a leitura um hábito**

Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/7-beneficios-da-leitura-diaria/>

Acesso em: 03/ Abril de 2018

**ANEXO 04**

Alguns contos de fadas clássicos:

A Pequena Sereia;

Polegarzinha;

O Soldadinho de Chumbo;

A Vendedora de Fósforos;

A Roupa Nova do Imperador;

O Patinho Feio;

A Princesa e a Ervilha;

Branca de Neve;

O Alfaiate Valente;

A Bela Adormecida;

João e Maria;

Chapeuzinho Vermelho;

Os Músicos de Bremen:

O Flautista de Hamelin;

Barba Azul;

O Pequeno Polegar;

Rapunzel;

O Gato de Botas;

Riquete do Topete;

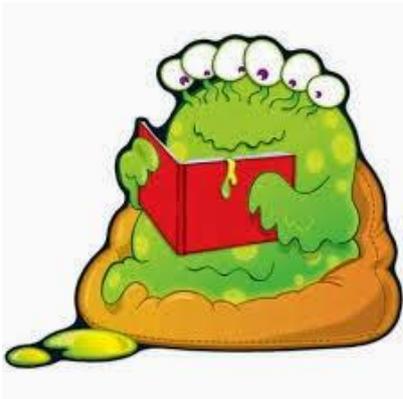
O Rei Midas – Cinderela;

Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/contos-de-andersen-grimm-e-perrault-194449.html>

Acesso em: 06/ Abril de 2018.

## ANEXO 05

João e Maria, contos dos irmãos Grimm



### João e Maria



Cercados por uma grande floresta vivia um pobre lenhador com sua esposa e seus dois filhos. O menino se chamava João e a menina Maria. Ele tinha pouco para comer e para compartilhar e, certa vez, quando uma grande escassez caiu sobre a terra, ele não conseguia mais trazer o pão de todo dia. Então, quando o lenhador ficava pensando nisto durante a noite em sua cama, ele se agitava de ansiedade, resmungava e dizia para sua esposa — *O que será de nós? Como iremos alimentar nossas pobres crianças, quando não tivermos mais nada para comer, nem para nós mesmos?* — *Eu te direi como, meu marido,* disse a mulher, — *Amanhã de manhã bem cedo, nós iremos levar as crianças para a floresta onde ela é mais densa, lá iremos acender uma fogueira para elas e daremos um pedaço de pão ou mais a elas, e depois iremos para o nosso trabalho e as deixaremos a sós.*

Elas não encontrarão o caminho de casa novamente e nós ficaremos livres delas.

— Não, esposa, *disse o homem*, — Não farei isto; como poderia suportar deixar meus filhos sozinhos na floresta?... os animais selvagens viriam logo e as reduziriam a pedaços.

— Oh, seu tolo! *ela disse*, — Então nós quatro iremos morrer de fome, podes então ir preparando as tábuas para os nossos caixões, *e ela não o deixou em paz até que ele concordou*.

— Mas vou sentir muita falta das nossas pobres crianças, de todas elas por igual, *disse o homem*.

As duas crianças não tinham ainda conseguido dormir por causa da fome, e tinham ouvido o que sua madrasta tinha falado para o seu pai. Maria chorou lágrimas amargas e disse ao João, — *Agora está tudo acabado para nós*. — *Fique quieta, Maria*, disse João, — *não se preocupe, logo encontraremos uma maneira de sair dessa situação*. E quando os pais adormeceram, ele se levantou, pegou seu casaquinho, abriu a porta por baixo e saiu bem devagarzinho.

A lua estava brilhante, e as pedrinhas brancas que havia na entrada da casa brilhavam como pequenas moedas de prata. João parou e colocou tantas quanto podia no pequeno bolso do seu casaco. Então ele voltou para dentro e disse a Maria,

— *Fique tranquila, queria irmãzinha, e durma em paz, Deus não nos abandonará*, e deitou em sua cama novamente e dormiu. Quando o dia amanheceu, porém, antes do sol nascer, a mulher veio e acordou as duas crianças, dizendo

— *Levantem, seus preguiçosos! nós iremos a floresta catar madeira*.

Ela deu a cada um deles um pedaço de pão e disse,

— *Aqui está alguma coisa para que vocês comam no jantar, mas não comam antes, ou não receberão mais nada*. Maria colocou o pão sob o avental, assim como João havia feito com as pedrinhas no bolso. Então eles saíram todos juntos pelo caminho da floresta. Quando haviam andado depois de um curto espaço de tempo, João parava e olhava a casa que ficava para trás, e fez isso diversas vezes.

Seu pai disse,

— *João, o que você está olhando e porque está se atrasando? Preste atenção no que estás fazendo e não te esqueças de como usar as pernas.*

— *Ah, pai, disse João,*

— *Estou olhando o meu pequeno gato branco, o qual está sentado no telhado e está a se despedir de mim.* A esposa disse,

— *Tolo, aquele não é o teu gato, é o sol da manhã que está brilhando na chaminé.* João, entretanto, não estava olhando para o gato, mas ficava constantemente atirando pelo caminho as pedrinhas brancas que estavam em seu bolso.

Quando chegaram no meio da floresta, o pai disse,

— *Agora, crianças, empilhem alguma madeira enquanto irei acender o fogo para que vocês não sintam frio.* João e Maria juntos colheram alguns galhos até ficarem do tamanho de um pequeno monte. Os galhos foram queimados, e quando as chamas estavam brilhando bem alto, a mulher disse,

— *Agora, crianças, deitem-se perto do fogo e descansem, nós iremos à floresta cortar um pouco de madeira. Quando tivermos acabado, voltaremos para buscá-los.*

João e Maria sentaram perto do fogo e quando a noite chegou, cada um deles comeu o pedacinho de pão e como ouviam o barulho do machado de madeira, achavam que o pai deles estava por perto. Não estava, entretanto, o machado era um galho que ele tinha prendido a uma árvore seca e que o vento balançava para frente e para trás. E como eles ficaram sentados durante muito tempo, seus olhos fecharam de cansaço e dormiram rapidamente. Quando finalmente acordaram, já era madrugada. Maria começou a chorar e disse, — *Como nós vamos sair da floresta agora?* Mas João a confortou e disse: — *Espere só um pouco, até a lua nascer, e logo iremos encontrar o caminho.* E quando a lua cheia nasceu, João pegou sua irmãzinha pela mão e seguiram as pedrinhas que brilhavam como moedas de prata novas, e mostravam a eles o caminho.

Caminharam a noite toda, e ao nascer do dia chegaram mais uma vez a casa do pai deles. Eles bateram na porta e quando a mulher abriu e viu João e Maria, disse,

— *Suas crianças travessas, porque vocês dormiram tanto na floresta?... nós pensamos que vocês não voltariam nunca mais!* O pai, entretanto, alegrou-se,

porque estava de coração partido por tê-las deixado para trás sozinhas. Não muito tempo depois, houve mais uma vez uma grande escassez por toda parte, e as crianças ouviram a mãe dizer a noite para o pai,

— *Tudo foi comido de novo, não temos sequer uma metade de pão sobrando, e depois disto será o fim. As crianças devem ir, nós as levaremos mais para dentro da floresta, então elas não irão encontrar o caminho de volta novamente; não existe outro meio de nos salvarmos!* O coração do homem estava apertado, e ele pensou que

— *seria melhor se eles dividissem o último pedaço de pão com as crianças.*

A mulher, entretanto, não lhe dava atenção para o que ele dizia, mas o repreendia e o censurava. Uma pessoa que diz uma coisa na verdade está falando de outra coisa, do mesmo modo, assim como ele havia concordado da primeira vez, teve também de concordar de novo pela segunda vez. Todavia, as crianças estavam acordadas e tinham ouvido o que seus pais haviam dito. Quando os pais haviam adormecido,

João levantou-se novamente e quis ir do lado de fora pegar pedrinhas como havia feito anteriormente, mas a mulher havia trancado a porta e João não pode sair. Mesmo assim ele tranquilizou a irmãzinha e disse, — *Não chore Maria, durma em paz, o bom Deus nos ajudará.*

De manhã bem cedo a mulher chegou e tirou as crianças de suas camas. Foi lhes dado um pedaço de pão, que era menor ainda do que a vez anterior. No caminho para a floresta João esfarelou o seu pedaço no bolso e às vezes parava e atirava um pedaço no chão.

— *João, porque você está parando e olhando ao redor?* disse o pai, — *continue.*

— *Estou olhando para o meu pequeno pombo que está sentado no telhado e quer me dar adeus,* respondeu João.

— *Tolo!* disse a mulher, — *aquele não é o teu pequeno pombo, é o sol da manhã brilhando na chaminé.* João, entretanto, pouco à pouco, atirava todos as migalhas de pão pelo caminho.

A mulher levou as crianças mais para dentro ainda da floresta, onde nunca tinham ido antes. Então uma grande fogueira foi acendida novamente e a mãe disse, — *Sentem apenas um pouquinho, crianças, e quando estiverem cansados, podem dormir um pouco; nós iremos a floresta cortar madeira, e de*

*tarde quando tivermos terminado voltaremos para buscá-los novamente.* Quando era já meio dia, Maria dividiu seu pedaço de pão com João, que havia espalhado o seu pelo caminho.

Então eles adormeceram e a tarde veio e se foi, mas ninguém veio buscar as pobres crianças. Eles não acordaram, até a madrugada veio, e João confortou sua irmãzinha dizendo, — *Espera um pouco, Maria, até que a lua nasça, e então nós veremos os farelos de pão que eu espalhei e eles nos mostrarão o caminho para casa novamente.* Quando a lua chegou, eles saíram, mas não encontraram nenhum farelo, por que muitos dos pássaros que voavam acima nas árvores e nos campos tinham comido todos eles.

João disse a Maria, — *Devemos encontrar o caminho logo,* mas eles não encontraram. Eles andaram a noite toda e o dia seguinte inteirinho de manhã até a tarde, mas não conseguiram sair da floresta e estavam muito famintos, porque não tinham nada para comer além de duas ou três frutas que cresceram no chão. Então, eles ficaram tão cansados que suas pernas não podiam carregá-los mais, eles deitaram debaixo de uma árvore e adormeceram.

Três manhãs haviam passado desde que tinham deixado a casa do pai deles. Eles começaram a andar novamente, mas sempre iam mais para dentro da floresta e se a ajuda não viesse logo, eles morreriam de fome ou cansaço. Quando deu meio-dia, eles viram um belo pássaro branco como a neve sentado sobre um galho, que cantava com tanta alegria que eles pararam para ouvi-lo. E quando o pássaro tinha terminado a melodia, ele estendeu suas asas e voou para longe da presença deles, que o seguiram até eles chegarem a uma pequena casa, tendo o pássaro pousado no telhado; e quando eles chegaram perto da casinha, viram que era feita de pão e coberta com bolos, e as janelas eram de açúcar transparente.

*Vamos nos mexer,* disse João, — *e fazer uma boa refeição. Vou comer um pedaço do telhado, e você, Maria, pode comer um pouco da janela, deve ter um sabor delicioso.* João subiu no telhado e quebrou um pequeno pedaço do teto para tentar provar, e Maria apoiou-se contra a janela e mordiscou as vidraças. Então uma voz suave gritou da sala,

*Ouçó barulho de mordidas e ruídos*

*Quem morde, quem são os enxeridos?*

As crianças responderam:

*O vento, o vento,*

*O vento que vem do paraíso,*

e continuaram comendo sem se preocuparem. João, que achou que o teto tinha um gosto muito bom, tirou um grande pedaço dele, e Maria arrancou de uma vez só uma parte inteira da janela, se sentou, e divertiu-se com ela. De repente a porta se abriu e uma mulher muito, muito velha, que andava de muletas, saiu devagarinho para fora. A velhinha, entretanto, balançou a cabeça e disse, — *Oh, queridas crianças, quem os trouxe aqui? Entrem, e me façam companhia.*

Nenhum mal acontecerá a vocês. *Ela pegou os dois pela mão e os levou para dentro da pequena casa. Então uma boa comida foi posta diante deles, leite e panquecas, com açúcar, maçãs e nozes. Depois disso duas pequenas camas foram cobertas com linho branco e João e Maria deitaram nelas, pensando que estavam no céu.*

A velhinha apenas fingia ser gentil; ela era na verdade uma bruxa má, que ficava a espera de crianças e que tinha construído a pequena casinha de pão somente para atraí-las para lá. Quando as crianças caíam em seu poder, ela os matava, os cozinhava e os comia, e esse era um dia de banquete para ela. Bruxas tem olhos vermelhos, e não podem ver à distância, porém, têm um olfato apurado como os animais e percebem quando os humanos estão próximos.

Quando João e Maria chegaram nas imediações, ela riu maliciosamente, e disse zombeteiramente,

— *Eu vou comê-los, eles não me escaparão novamente!* De manhã cedo antes de as crianças acordarem, ela já tinha levantado e quando viu os dois dormindo e pareciam tão lindos, com suas bochechas rechonchudas vermelhas, murmurou para si mesma,

— *Esta será uma refeição deliciosa!* Então ela, com sua mão enrugada, amarrou João, carregou-o para um pequeno estábulo, e o prendeu com uma porta de grades.

Ele podia gritar o quanto quisesse, que não adiantava. Então, ela foi até Maria, sacudiu-a até que acordasse, e gritou, — *Levante, sua coisinha preguiçosa, traga um pouco de água e cozinhe algo de bom para o teu irmão, ele está no estábulo lá fora, e deve ficar gordinho. Quando ele estiver no ponto, irei comê-lo.* Maria começou a chorar copiosamente, mas foi tudo em vão, pois ela foi forçada a fazer o que a bruxa má ordenava.

Então, a melhor comida era servida ao pobrezinho do João, e Maria não recebia nada além de cascas de caranguejo. Toda manhã a mulher ia bem devagarzinho ao pequeno estábulo e gritava, — *João, estique o teu dedo para que eu possa saber se você logo ficará gordo.* João, entretanto, esticava um pequeno osso para ela, e a mulher, cujos olhos eram brancos, não podia vê-los e pensava que era o dedo de João ficando impressionada, porque não havia uma maneira de engordá-lo.

Quando quatro semanas haviam se passado, e João ainda continuava magro, ela ficou impaciente e não quis esperar mais.

— *Oi, Maria,* ela gritou para a menina, — *seja boazinha e traga um pouco d'água. Estando João gordo ou magro, amanhã eu irei matá-lo e cozinhá-lo.* Ah, como a pobre menina lamentou quando teve que trazer a água e como as lágrimas escorriam pelo seu rosto!

— *Querido Deus, nos ajude,* ela gritava.

— *Se os animais selvagens na floresta tivessem nos devorado, teríamos de alguma forma morridos juntos.*

— *Guarde toda essa choradeira só para você,* disse a velhinha, — *tudo isto não vai servir pra nada, de jeito nenhum.*

De manhã cedo, Maria teve que sair e pendurar o caldeirão com água e acender o fogo.

— *Iremos cozinhá-lo primeiro,* disse a velha, — *Já aqueci o forno e amassei a farinha.* Ela empurrou a pobre Maria para o forno, cujas chamas já estavam dardejando.

— *Entre dentro dele,* disse a bruxa, — *e veja se está bem aquecido, então poderemos fechar com o pão dentro.* E quando Maria estava dentro do forno, ela pretendia fechá-lo e deixá-la cozinhar dentro, e então a comeria também. Mas Maria percebeu o que ela tinha em mente e disse, — *Não sei como fazer isto; como faço para entrar?*

— *Sua pata imbecil*, disse a velhinha, — *A porta é grande o suficiente; veja, eu posso entrar!* e ela se contorceu com dificuldade e enfiou sua cabeça dentro do forno. Então Maria lhe deu um empurrão fazendo com que ela caísse bem dentro dele, depois, fechou a porta de ferro e prendeu o ferrolho. Oh! então ela começou a gritar terrivelmente, mas Maria correu em fuga, e a bruxa impiedosa lamentavelmente morreu queimada.

Maria, no entanto, correu como um raio em direção a João e abriu o pequeno estábulo e gritou, — *João, estamos salvos! A bruxa velha morreu!* Então João pulou pra fora como um pássaro livre de sua gaiola quando a porta foi aberta para ele. Como eles se alegraram e se abraçaram, e dançaram e se beijaram! E como eles não precisavam mais ter medo da bruxa, eles foram a casa dela, e todos os cantos havia baús cheios de pérolas e jóias.

*Estas são bem melhores do que as pedrinhas!* disse João, e encheu seus bolsos com tudo que cabia nele, e Maria disse, — *Eu também levarei alguma coisa para casa comigo*, e encheu também o seu avental.

— *Mas agora nós vamos embora*, disse João, — *para que possamos sair da floresta da bruxa.*

Depois que tinham caminhado durante duas horas, chegaram a um grande lago.

— *Não conseguimos atravessar*, disse João, — *Não vejo nenhuma passagem e nenhuma ponte.*

— *E nenhum barco para atravessar também*, respondeu Maria, — *mas uma pata branca está nadando ali; se eu pedir a ela, ela poderá nos ajudar.* Então ela gritou,

*Patinha, patinha, que tudo está vendo,*

*João e Maria estão te esperando?*

*Não há um caminho ou uma ponte até o outro lado,*

*Leve-nos em seu dorso tão branco e claro.*

A pata veio em direção a eles, e João se sentou em seu dorso e disse a irmã para que se sentasse atrás dele.

— *Não*, retrucou Maria, — *isto será muito pesado para a patinha; então, ela deve nos levar um de cada vez do outro lado.* A boa patinha fez assim, e quando os dois estavam em segurança do outro lado e depois de caminhar um

pouco, a floresta parecia cada vez mais familiar para eles e à distância viram a casa de seu pai.

Então começaram a correr, adentraram a sala e se atiraram nos braços do pai. O homem não havia tido uma única hora de felicidade desde que havia deixado as crianças na floresta; a mulher, todavia, havia morrido. Maria esvaziou o avental até que as pérolas e pedras preciosas escorreram pela sala, e João tirava uma mão cheia após a outra de seus bolsos. Então toda ansiedade terminou, e eles viveram juntos em perfeita felicidade. A minha história está acabada, ali vai um rato correndo, aquele que o capturar, pode fazer um grande chapéu com a pele dele.

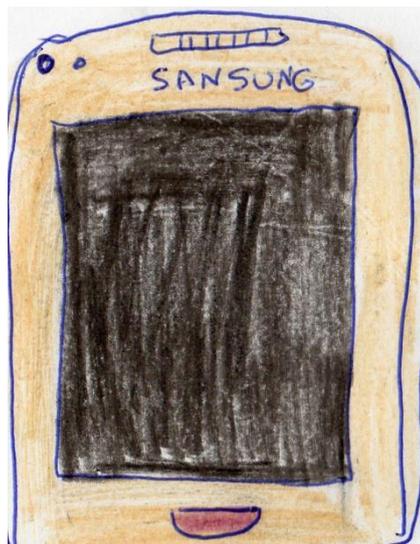
**Disponível em: <http://byblosfera.blogspot.com/2014/10/joao-e-maria-contos-dos-irmaos-grimm.html>**

**Acesso em : 09/ Abril de 2018.**

ANEXO 06



ANEXO 07



## ANEXO 08

### Biografia de Oscar Wilde



Oscar Wilde (1854-1900) foi um escritor irlandês, autor da obra “O Retrato de Dorian Gray”, seu único romance, considerada uma das mais importantes obras da literatura inglesa. Escreveu novelas, poesias, contos infantis e dramas. Foi mestre em criar frases irônicas e sarcásticas.

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1854-1900) nasceu em Dublin, Irlanda, no dia 16 de outubro de 1854. Filho do médico Willian Wilde e da escritora Jane Francesca Elgee, defensora do movimento para independência irlandesa. Cresceu rodeado de intelectuais. Criado no protestantismo, converteu-se ao catolicismo. Estudou no Trinity College, em Dublin e ganhou uma bolsa de estudos para estudar em Oxford. Foi morar em Londres, onde teve uma vida movimentada. Escrevendo para o teatro, chegou a ter, ao mesmo tempo, três peças em cartaz nos teatros ingleses.

Em 1883, Oscar Wilde vai morar em Paris, onde entra para o mundo literário local, o que o levou a abandonar o movimento estético. De volta à Inglaterra casa-se com Constance Lloyd, filha de um advogado bem sucedido de Dublin. Vão morar em Chelsea, bairro dos artistas londrinos. O casal teve dois filhos. Os anos de 1887 e 1888 foram os mais produtivos do escritor, publicou poemas, contos e novelas. Em 1895.

Oscar Wilde morreu em Paris, vítima de meningite, no dia 30 de novembro de 1900.

## ANEXO 09

### O Príncipe Feliz

Lá no cimo da cidade, numa coluna muito alta, estava a estátua do Príncipe Feliz. Estava coberto com finas folhas de ouro maciço, tinha duas brilhantes safiras como olhos e um enorme rubi vermelho brilhava no cabo da sua espada. Era realmente muito admirado.

— Ele é tão bonito como um catavento — comentou um dos Conselheiros da Cidade, que queria ganhar reputação por ter gostos artísticos. — Só que não é tão útil — acrescentou, temendo que pensassem que ele não era uma pessoa prática, e realmente não era.

— Porque é que tu não és como o Príncipe Feliz? — perguntou uma mãe sensível ao seu filhinho que estava a chorar pela lua. — O Príncipe Feliz nem sequer sonha em chorar por alguma coisa.

— Fico contente por saber que há alguém no mundo que é muito feliz — murmurou um homem desapontado, enquanto admirava a maravilhosa estátua.

— Ele parece mesmo um anjo! — disseram as crianças do asilo ao saírem da catedral, nas suas capas vermelho-escarlata e nos seus bibes muito brancos.

— Como é que sabem? — perguntou o Professor de Matemática. — Vocês nunca viram um anjo.

— Ah! já vimos, nos nossos sonhos — responderam as crianças. O Professor de Matemática franziu as sobrancelhas e olhou-as severamente, pois não aprovava sonhos de crianças.

Uma noite, voou sobre a cidade uma pequena Andorinha. As suas companheiras tinham voado para longe, para o Egipto, seis semanas antes, mas ela tinha ficado para trás, pois estava apaixonada por uma linda Cana. Tinham-se conhecido no início da Primavera, quando a Andorinha voava rio abaixo, atrás de uma mariposa amarela e sentiu-se tão atraída pela cintura estreita da Cana, que parou para falar com ela.

— Posso amar-te? — disse a Andorinha que gostava de ir directa ao assunto, e a Cana fez-lhe uma vénia. E assim, ela voou à sua volta, tocando a água com

as asas e fazendo ondulações prateadas. Esta era a sua forma de fazer a corte e durou todo o Verão.

— É uma ligação ridícula — riam-se, trocistas, as outras Andorinhas. — Ela não tem dinheiro e conhece gente a mais.

E realmente o rio estava cheio de juncos. Depois veio o Outono e elas voaram para longe. Depois de elas partirem, a Andorinha sentiu-se sozinha, e começou a cansar-se da sua amada. «Ela não sabe conversar», disse a Andorinha, «e acho que é muito namoradeira, pois está sempre a namoriscar com o vento.» Realmente, quando o vento soprava, a Cana fazia os mais graciosos movimentos. «Aceito que ela seja caseira», continuou, «mas eu gosto de viajar, e a minha mulher também terá de gostar.»

— Vens comigo para longe daqui? — perguntou um dia à Cana; mas a Cana abanou a cabeça, pois estava muito ligada à sua casa.

— Tu tens estado a brincar comigo — gritou ela. — Eu vou--me embora para as Pirâmides. Adeus!

E foi-se embora. Voou durante todo o dia e à noite chegou a uma cidade. «Onde é que eu vou hospedar-me?» disse ela. «Espero que a cidade tenha feito os preparativos necessários.» Depois, viu a estátua ao alto da enorme coluna. «Vou hospedar-me ali», gritou ela. «É um ótimo lugar, com muito ar fresco.»

E, assim, pousou entre os pés do Príncipe Feliz.

«Tenho um quarto de ouro», disse ela para consigo, enquanto olhava em volta e se preparava para dormir; mas, quando estava a pôr a cabeça debaixo da asa, uma enorme gota de água caiu-lhe em cima. «Que coisa curiosa!» gritou ela. «Não há uma só nuvem no céu, as estrelas estão muito claras e brilhantes e, no entanto, está a chover. O clima do norte da Europa é realmente horrível.» E então caiu outra gota. «Para que serve uma estátua se não consegue abrigar-me da chuva?» disse ela. «Tenho de procurar uma boa chaminé». E decidiu ir embora.

Mas ainda não tinha aberto as asas quando uma terceira gota caiu e ela olhou para cima e viu — Ah! O que é que ela viu? Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas e as lágrimas caíam pelas suas faces douradas. A sua cara era tão linda à luz da lua, que a pequena Andorinha ficou cheia de pena.

— Quem és tu? — disse ela.

— Eu sou o Príncipe Feliz.

— Mas então porque estás a chorar? — perguntou a Andorinha — Molhaste-me toda.

— Quando eu era vivo e tinha um coração humano — respondeu a estátua — não sabia o que eram lágrimas, pois vivia no Palácio Sem-Cuidados, onde não é permitida a entrada da tristeza. De dia eu brincava com os meus amigos no jardim, e à noite abria o baile no salão. À volta do jardim havia um muro muito alto, mas eu nunca me preocupei em perguntar o que estava do outro lado, pois tudo à minha volta era muito bonito. Os meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz e, realmente, se o prazer é felicidade, eu era feliz. E assim vivi, e assim morri. E agora que estou morto, eles puseram-me aqui em cima, tão alto que consigo ver todas as coisas feias e toda a miséria da minha cidade, e apesar do meu coração ser feito de chumbo, não consigo deixar de chorar.

«Então não é feito de ouro maciço?» disse a Andorinha para consigo. Ela era muito educada para fazer comentários pessoais em voz alta.

— Lá longe — continuou a estátua em voz baixa e melodiosa, — lá, longe, numa rua pequena, há uma casa pobre. Uma das janelas está aberta e através dela eu posso ver uma mulher sentada à mesa. Ela tem um rosto magro e fatigado, e tem as mãos rudes e vermelhas, todas picadas da agulha, pois é costureira. Ela está a bordar flores da paixão num vestido de cetim para a mais bela das damas de honor da Rainha vestir no próximo baile da Corte. Numa cama, ao canto do quarto, o seu filhinho está deitado, doente. Ele tem febre e está a pedir laranjas. A mãe não tem nada para lhe dar, a não ser água do rio e, por isso, ele está a chorar. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, levá-lhe, por favor, o rubi do cabo da minha espada? Os meus pés estão presos a este pedestal e eu não posso mexer-me.

— Estão à minha espera no Egipto — disse a Andorinha. — Os meus amigos sobem e descem o Nilo e falam com as enormes flores de lótus. Daqui a pouco irão dormir no túmulo do Grande Rei. O Rei está lá, no seu caixão pintado. Está envolto em linho amarelo e embalsamado com especiarias. À volta do seu pescoço está uma corrente de pálido jade verde, e as suas mãos são como folhas secas.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe, — não queres ficar comigo por uma noite e ser a minha mensageira? O menino tem tanta sede e a mãe está tão triste!

— Eu acho que não gosto de meninos — respondeu a Andorinha. — No Verão passado, quando eu estava ao pé do rio, apareceram dois meninos mal-educados, os filhos do moleiro, e passaram a vida a atirar-me pedras. É claro que nunca me acertaram. Nós, as andorinhas, voamos muito bem para permitir que isso aconteça e, além disso, eu pertenço a uma família famosa pela sua agilidade; mesmo assim, foi um sinal de desrespeito.

Mas o Príncipe Feliz estava tão triste que a Andorinha teve pena dele.

— Aqui está muito frio — disse ela — mas eu vou ficar contigo por uma noite, e ser a tua mensageira.

— Obrigado, pequena Andorinha — disse o Príncipe.

E assim, a Andorinha tirou o enorme rubi da espada do Príncipe e voou com ele no bico por cima dos telhados da cidade. Passou pela torre da catedral, onde estavam esculpidos anjos de mármore branco. Passou pelo palácio e ouviu o som do baile. Uma bonita rapariga veio à varanda com o seu amado.

— Como são bonitas as estrelas — disse-lhe ele — e que bonito é o poder do amor!

— Eu espero que o meu vestido esteja pronto para o baile da Corte — respondeu ela.— Mandei bordar flores da paixão, mas as costureiras são tão preguiçosas!

Passou pelo rio e viu as lanternas penduradas nos mastros dos navios. Finalmente, chegou à casa pobre e espreitou. O menino tossia febril na sua cama e a mãe tinha adormecido, pois estava muito cansada. Saltou lá para dentro e pousou o enorme rubi na mesa, ao lado do dedal da mulher. Depois, voou devagar à volta da cama, provocando uma certa aragem com as asas, para refrescar a fronte do menino.

— Que fresquinho — disse o menino. — Devo estar a melhorar.

E caiu num sono delicioso. Depois, a Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito.

— É curioso — notou ela. — Sinto-me tão bem, agora, apesar de estar tanto frio!

— Isso é porque fizeste uma boa acção — disse o Príncipe. E a pequena Andorinha começou a pensar e depois adormeceu.

Quando o dia amanheceu, ela voou até ao rio e tomou um banho. «Que fenómeno espantoso», disse o Professor de Ornitologia, quando passou pela ponte. «Uma andorinha no Inverno!» E escreveu uma longa carta sobre isso para o jornal local. Toda a gente falou nele, pois estava tão cheio de palavras estranhas que ninguém percebeu nada.

— Esta noite vou para o Egipto — disse a Andorinha, e ficou satisfeita com tal ideia. Visitou todos os monumentos públicos e pousou, algum tempo, no topo da torre da igreja. Onde quer que ela fosse, os Pardais chilreavam e diziam uns aos outros: «Que estrangeiro tão distinto!» E por isso a Andorinha estava muito satisfeita consigo própria.

Quando a lua apareceu, ela voou para o Príncipe Feliz.

— Tens alguma mensagem para o Egipto? — gritou ela. — Eu vou agora mesmo.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe — não queres ficar comigo só mais uma noite?

— Estão à minha espera no Egipto — respondeu a Andorinha. — Amanhã os meus amigos voarão para a Segunda Catarata. Os hipopótamos escondem-se entre os juncos e o Deus Memnon está sentado num magnífico trono de granito. Ele observa as estrelas durante a noite e quando a estrela da manhã brilha, solta um grito de alegria e depois fica silencioso. Ao meio-dia, os leões amarelos descem até à beira da água para beberem. Eles têm olhos como o berilo verde e o seu rugir é mais alto do que o rugir da Catarata.

— Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe. — Lá longe, do outro lado da cidade, eu vejo um jovem num sótão. Ele está inclinado sobre uma secretária coberta de papéis e, a seu lado, num copo, está um ramo de violetas mortas. O seu cabelo é castanho e encaracolado, os seus lábios são vermelhos como uma romã, e ele tem olhos grandes e sonhadores. Está a tentar acabar uma peça para o Director do Teatro, mas sente muito frio e não consegue escrever mais. Não há chama na lareira e a fome deixou-o enfraquecido.

— Eu ficarei contigo só mais esta noite, disse a Andorinha, que no fundo tinha bom coração. — Levo-lhe outro rubi?

— Ai! Eu não tenho mais rubis — disse o Príncipe. — Só tenho os meus olhos. São safiras raras, trazidas da Índia há cem anos. Tira uma delas e leva-a. Ele vendê-la-á ao joalheiro e comprará comida e lenha para a lareira, e acabará a peça.

— Querido Príncipe — disse a Andorinha — eu não posso fazer isso. E começou a chorar.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe — faz o que eu te digo.

Então a Andorinha tirou um dos olhos do Príncipe e voou até ao sótão do estudante. Era muito fácil entrar, pois tinha um buraco no telhado. Passou através dele e entrou no quarto. O jovem tinha a cabeça enterrada nas mãos e por isso não ouviu o esvoaçar das asas do pássaro, e quando olhou para cima encontrou a linda safira nas violetas mortas.

— Começam a dar-me valor — gritou ele. — Isto é de algum grande admirador. Agora posso acabar a minha peça.

E ficou muito feliz. No dia seguinte, a Andorinha voou até ao porto. Sentou-se num mastro de um navio enorme e observou os marinheiros puxando grandes caixas com cordas, do porão.

— Puxem para cima! — gritavam uns para os outros quando as caixas subiam.

— Eu vou para o Egipto! — gritou a Andorinha, mas ninguém lhe prestou atenção e, quando a lua apareceu, voou de volta para o Príncipe Feliz.

— Vim para te dizer adeus — disse ela.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe. — Não queres ficar comigo só mais uma noite?

— É Inverno — respondeu a Andorinha — e a neve fria não tarda a chegar. No Egipto, o Sol é quente nas palmeiras verdes e os crocodilos ficam na lama a olhar preguiçosamente à sua volta. Os meus companheiros constroem os ninhos no Templo da Baalbec, e os pombos cor-de-rosa e brancos observam-nos e arrulham uns para os outros. Querido Príncipe, eu tenho de te deixar, mas nunca te esquecerei, e na próxima Primavera trago-te duas lindas jóias para o lugar daquelas que tu deste. O rubi será mais vermelho do que uma rosa vermelha, e a safira mais azul do que o magnífico mar.

— Na praça, lá em baixo — disse o Príncipe Feliz — está uma rapariguinha que vende fósforos. Ela deixou-os cair na sarjeta e estão todos estragados. O

pai dela vai bater-lhe se ela não levar dinheiro para casa e ela está a chorar. Não tem sapatos nem meias, e a sua cabecita não tem nenhum agasalho. Tira o meu outro olho e vai dar--lho e, assim, o pai já não lhe baterá.

— Eu ficarei contigo só mais esta noite — disse a Andorinha — mas não posso tirar-te o teu olho. Assim, ficarás cego.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe — faz o que eu te digo.

E assim, ela tirou o outro olho do Príncipe e partiu com ele. Desceu rapidamente e passou pela menina dos fósforos e deixou a jóia na palma da sua mão.

— Que lindo bocadinho de vidro! — gritou a menina; e correu para casa, rindo.

Depois, a Andorinha voltou para o Príncipe.

— Agora tu estás cego — disse ela — por isso ficarei contigo para sempre.

— Não, pequena Andorinha — disse o pobre Príncipe. — Tu tens de ir para o Egipto.

— Eu ficarei contigo para sempre — disse a Andorinha, e dormiu aos pés do Príncipe.

No dia seguinte, sentou-se no ombro do Príncipe todo o dia lhe contou histórias do que tinha visto em terras distantes.

— Querida pequena Andorinha — disse o Príncipe — tu falas--me de coisas de espantar, mas mais espantoso é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério maior do que a Miséria. Pequena Andorinha, voa pela minha cidade e conta-me o que vês.

E, assim, a Andorinha voou pela grande cidade e viu os ricos a divertirem-se nas suas lindas casas, enquanto os pedintes estavam sentados aos portões. Voou por becos e viu as caras pálidas das crianças que, cheias de fome, olhavam com indiferença para as ruas negras. Debaixo de um arco de ponte, estavam dois rapazinhos deitados, um nos braços do outro, a tentarem manter-se quentes.

— Que fome que nós temos! — disseram eles.

— Vocês não podem ficar aqui — berrou o Guarda Nocturno, e lá foram eles para a chuva.

Então, a Andorinha voou de volta e contou ao Príncipe o que tinha visto.

— Eu estou coberto de ouro maciço — disse o Príncipe. — Tira-o, folha a folha, e dá-o aos meus pobres; os vivos acham que o ouro os faz sempre felizes.

A Andorinha tirou o lindo ouro, folha a folha, até o Príncipe Feliz ficar cinzento e sem graça. Folha a folha, ela levou o ouro aos pobres, e as faces das crianças tornaram-se mais rosadas, e elas riam e brincavam nas ruas.

— Agora temos pão! — gritavam elas.

Então a neve chegou e depois o gelo. As ruas tão claras e brilhantes pareciam feitas de prata; longos pingentes de gelo, que mais pareciam espadas de cristal, pendiam dos beirais das casas; toda a gente vestia casacos de peles e os rapazinhos vestiam capas escarlates e deslizavam no gelo.

A pobre Andorinha foi ficando cada vez com mais frio, mas não abandonou o Príncipe, pois gostava muito dele. Apanhava migalhas à porta do padeiro, quando este não via, e tentava manter-se quente, batendo as asas. Mas, por fim, percebeu que ia morrer. Só tinha forças para voar para o ombro do Príncipe, mais uma vez.

— Adeus, querido Príncipe! — murmurou ela. — Deixas-me beijar a tua mão?

— Fico contente por ires, finalmente, para o Egito, pequena Andorinha — disse o Príncipe. — Já ficaste aqui muito tempo; mas tu deves beijar-me nos lábios, pois eu gosto muito de ti.

— Não é para o Egito que eu vou — disse a Andorinha. — Eu vou para a Casa da Morte. A Morte é a irmã do Sono, não é?

E beijou o Príncipe nos lábios e caiu morta aos seus pés. Nesse momento, ouviu-se um barulho estranho, como se alguma coisa se tivesse partido dentro da estátua. A verdade é que o coração de chumbo tinha-se partido em dois. Estava um frio terrível.

Na manhã seguinte, bem cedo, o Prefeito andava a passear na Praça, na companhia dos Conselheiros da Cidade. Quando passavam pela coluna, ele olhou para a estátua.

— Meu Deus! Que maltrapilho está o Príncipe Feliz! — disse ele.

— Realmente! — gritaram os Conselheiros, que concordavam sempre com o Prefeito, e foram para cima observar bem a estátua.

— O rubi caiu da espada, os olhos desapareceram e ele já não é dourado — disse o Prefeito. — Na verdade, parece um mendigo!

— Parece um mendigo — disseram os Conselheiros. — E até tem um pássaro morto aos pés! — continuou o Prefeito. — Temos de fazer um decreto para proibir os pássaros de morrer aqui.

O secretário tomou nota da sugestão. E assim, deitaram abaixo a estátua do Príncipe Feliz.

— Como deixou de ser bonito, já não tem utilidade — disse o Professor de Arte da Universidade.

Depois, derreteram a estátua num forno, e o Prefeito convocou uma reunião com a Corporação para decidir o que fazer com o metal.

— É claro que temos de ter outra estátua — disse — e será uma estátua minha.

— Minha — disseram cada um dos Conselheiros da Cidade, e começaram a discutir. A última vez que eu ouvi falar deles, ainda estavam a discutir.

— Que coisa estranha! — disse o capataz dos trabalhadores da fundição. — Este coração de chumbo, partido, não derrete no forno. Vamos deitá-lo fora.

E, por isso, deitaram-no num monte de lixo onde já estava a Andorinha morta.

— Traz-me as duas coisas mais preciosas da cidade — disse Deus a um dos seus Anjos; e o Anjo levou-lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

— Escolheste bem — disse Deus — pois no meu jardim do Paraíso, este pássaro cantará para sempre, e na minha cidade de ouro o Príncipe Feliz far-me-á companhia.

Oscar Wilde

*As melhores histórias de Oscar Wilde*

Porto, AMBAR, 2003

Texto adaptado

Anúncios

Disponível em: <https://verticalizar.wordpress.com/2007/09/01/o-principe-feliz/>

Acesso em: 10/Abril de 2018

## ANEXO 10

### O Gigante Egoísta

Todas as tardes, quando vinham da escola, as crianças iam brincar para o jardim do Gigante. Era um jardim grande magnífico, coberto de relva macia e verde. Aqui e ali despontavam flores lindas como estrelas e havia doze pessegueiros que, com a chegada da Primavera, florescia em tons de cor-de-rosa e pérola e, no Outono, ficavam carregados de esplêndidos frutos. As aves pousavam nas árvores e cantavam tão suavemente que as crianças interrompiam os seus jogos para as ouvir.

- Que bem que se está aqui! -diziam umas às outras.

Um dia, o Gigante regressou. Tinha ido visitar o seu amigo, o Ogre [1] da Cornualha, e demorara-se por lá sete anos. Ao fim de sete anos, tinha dito tudo o que havia para dizer, porque a sua conversa era limitada, e decidiu voltar ao castelo. Quando chegou, viu as crianças a brincar no jardim.

- Que fazeis aqui? -gritou ele, com voz severa.

E as crianças fugiram.

-Este jardim é muito meu – sentenciou[2] o Gigante.

-Que todos o fiquem sabendo. Não consinto que ninguém venha para aqui divertir-se a não ser eu próprio.

Ergueu então um muro muito alto a toda a volta do jardim e afixou nele o seguinte aviso:

É proibida a entrada Os transgressores serão castigados.

Era muito egoísta este Gigante. Agora as pobres crianças não tinham onde brincar. Tentaram brincar na estrada, mas havia muita poeira e pedras grossas, o que não lhes agradou. Depois das aulas, vagueavam à roda do muro, conversando sobre o belo jardim que existia do outro lado.

- Como éramos felizes lá dentro! -comentavam entre si.

Chegou então a Primavera e por todo o lado havia flores e chilreavam avezinhas. Só no jardim do Gigante continuava o Inverno. As aves não lhes apetecia ir lá cantar porque não havia crianças e as árvores esqueceram-se de florir. Um dia, uma linda flor ergueu a cabeça acima da relva, mas, quando viu

o aviso, teve tanta pena das crianças que se sumiu de novo na terra e adormeceu. Os únicos seres satisfeitos eram a Neve e a Geada.

- A Primavera esqueceu-se deste jardim! -exclamavam elas. - Por isso, podemos ficar aqui todo o ano.

A Neve cobriu a relva com o seu imenso manto branco e a Geada pintou de prata todas as árvores. Convidaram depois para viver com elas o Vento Norte que aceitou o convite. Estava envolto em peles e rugia todo o dia pelo jardim, derrubando as chaminés.

- Que lugar admirável! -disse ele. -Temos de convidar também o Granizo.

E, assim, veio o Granizo. Diariamente, durante três horas, rufava[3] nos telhados até partir a maior parte das ardósias[4] e corria, depois, pelo jardim, o mais depressa que lhe era possível. Vestia de cinzento e tinha um hálito frio como gelo.

- Não percebo porque é que a Primavera tarda tanto -pensava o Gigante Egoísta sentado à janela a olhar para o seu jardim branco de neve.

-Espero que o tempo melhore.

Mas a Primavera nunca veio e nunca veio o Verão. Com o Outono, chegavam frutos maduros a todos os jardins, menos ao do Gigante.

- O Outono é muito egoísta, -considerava o Gigante, enquanto o Inverno reinava no seu jardim e o Vento Norte, a Geada, o Granizo e a Neve dançavam por entre as árvores.

Uma bela manhã, estava o Gigante ainda deitado, mas já desperto, quando ouviu uma música encantadora. Soava tão docemente aos seus ouvidos que supôs serem os músicos do rei que passavam. Na realidade, era apenas um pintarroxo que lhe cantava à janela; mas havia já tanto tempo que não ouvia o canto dos pássaros no seu jardim que aquilo lhe pareceu a música mais bela do mundo. Então o Granizo deixou de rufar-lhe nos telhados, o Vento Norte deixou de rugir e chegou-lhe, pela janela aberta, um perfume delicioso.

- Parece que a Primavera chegou, finalmente! -exclamou o Gigante, saltando da cama e olhando para o jardim. E que viu ele? Viu um espectáculo deslumbrante. Por um buraco pequeno no muro, as crianças tinham passado para o jardim e estavam empoleiradas nos ramos das árvores. Havia uma criança em cada árvore. E as árvores ficaram tão contentes com o regresso da pequenada que de novo se cobriram de flores e agitavam suavemente os

ramos sobre as suas cabecitas. As aves esvoaçavam e chilreavam alegremente, as flores, por entre a relva, espreitavam e riam. Era um espectáculo encantador e só num recanto do jardim permanecia ainda o Inverno. Ali estava um miúdo tão pequeno que não conseguia trepar à árvore e andava de um lado para o outro, chorando amargamente. A pobre árvore continuava cheia de neve e geada; por cima dela ainda soprava e rugia o Vento Norte.

- Sobe, meu menino -disse a árvore, inclinando os ramos o mais que podia, mas a criança era pequenina demais. O coração do Gigante enterneceu-se, ao olhar lá para fora.

-Tenho sido tão egoísta! -reconheceu ele. - Agora percebo a razão por que a Primavera não aparecia. Vou pôr o rapazinho em cima da árvore e depois vou derrubar o muro. O meu jardim será, para sempre o lugar de recreio das crianças.

Estava realmente arrependido do que tinha feito. Desceu então a escada, abriu a porta devagarinho e chegou ao jardim. Mas as crianças, ao vê-lo, fugiram aterradas, e o Inverno voltou ao jardim. Só o rapazinho não fugiu, porque tinha os olhos cheios de lágrimas e não se apercebeu da chegada do Gigante. O Gigante, aproximando-se cautelosamente, pegou-lhe com todo o carinho e pô-lo em cima da árvore. Logo a árvore se encheu de flores, vieram pássaros cantar e o rapazinho, estendendo os braços para o Gigante, abraçou-o e beijou-o. As outras crianças, quando viram que o Gigante já não era mau, voltaram a correr; e com elas voltou a Primavera.

- Agora, este jardim é vosso, meus meninos! -declarou o Gigante.

Pegou então numa picareta enorme e derrubou o muro. E, ao meio-dia, as pessoas que iam para o mercado viram o Gigante a brincar com as crianças no mais belo jardim que jamais tinham contemplado. Brincaram todo o santo dia e, quando a noite chegou, foram despedir-se do Gigante.

- Onde está o vosso companheiro? -perguntou ele. -Aquele que eu pus em cima da árvore. O Gigante gostava muito dele porque o tinha beijado.

- Não sabemos nada dele -responderam as crianças. -Foi-se, embora.

- Se o virem, digam-lhe que não falte amanhã. As crianças responderam que não sabiam onde ele morava e que antes nunca o tinham visto; e o Gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, ao saírem da escola, as crianças vinham brincar com o Gigante. Mas o rapazinho de quem o Gigante mais gostava não voltou a ser visto. O Gigante era muito bondoso para todas as crianças, mas suspirava pelo seu primeiro amiguinho e falava dele muitas vezes. Gostava tanto de o tornar a ver! -repetia ele. Passaram os anos e o Gigante envelheceu e enfraqueceu muito. Como já não podia brincar, sentava-se numa poltrona enorme a ver brincar as crianças e a admirar o seu jardim.

- Tenho muitas flores bonitas -dizia - , mas as crianças são as mais bonitas de todas.

Certa manhã de Inverno, enquanto se vestia, olhou pela janela. Agora já não odiava o Inverno porque sabia que era apenas a Primavera adormecida e que as flores repousavam. De repente, esfregou os olhos de espanto, olhou e tornou a olhar. Era, sem dúvida, um espectáculo maravilhoso. No recanto mais afastado do jardim, estava uma árvore completamente revestida de flores alvacentas[5]. Eram áureos os ramos e argênteos[6] os frutos que dela pendiam. E debaixo da árvore estava o rapazinho de quem ele tanto gostava. Cheio de alegria, o Gigante desceu apressadamente a escada para chegar ao jardim. Atravessou rapidamente a relva e aproximou-se do pequenino; mas, ao vê-lo, ficou vermelho de cólera.

- Quem se atreveu a magoar-te? -perguntou, vendo feridas de pregos nas palmas das mãos e nos pés do pequenito.

- Quem se atreveu a magoar-te? -gritou o Gigante. -Diz-me sem demora e vou já matá-lo com a minha espada.

- Não -respondeu a criança -, estas são as feridas do Amor.

- Então quem és tu? -quis saber o Gigante, sentindo-se invadido por um estranho sentimento e ajoelhando-se diante da criança.

Esta sorriu e respondeu:

- Um dia, deixaste-me brincar no teu jardim. Hoje, virás comigo para o meu, que é o Paraíso. E, nessa tarde, quando as crianças correram para o jardim, encontraram o Gigante morto, debaixo da árvore, e todo coberto de flores alvacentas.

Oscar Wilde

Disponível em:<http://contosdeaula.blogspot.com/2008/06/o-gigante-egosta.html>

Acesso em: 12/ Abril de 2018

**ANEXO 11**

Você E Eu

(A Turma do Balão Mágico)

Linda como o céu

E tão profunda como o mar

Move até montanhas, não tem cor,

Não tem idade

Quem é que não sabe,

Do que eu quero falar?

É da amizade

Tamos sempre juntos

Não importa o lugar

Nesse nosso mundo

Sem fronteiras pra cruzar

Vamos repartindo esse amor

Que faz viver

Você e eu

Eu e você

Você e eu, você e eu

Eu e você, eu e você

Amigos pra valer você e eu

Você e eu, um coração

Eu e você, uma emoção

Amigos pra valer você e eu

Você e eu, uma canção

Eu e você, um abração

Amigos pra valer você e eu

Amigos pra valer você e eu

Corre como um rio  
Que sabe onde fica o mar  
Clara como a luz  
E certa como a verdade  
Quem é que não sabe  
Do que eu quero falar?

É da amizade  
Ela não tem pressa  
Nem tem hora pra chegar  
Até mesmo os bichos  
E as flores vão te dar  
É só repetir esse amor  
Que faz viver

Você e eu  
Eu e você  
Você e eu, você e eu  
Eu e você, eu e você  
Amigos pra valer você e eu  
Você e eu, um coração  
Eu e você, uma emoção  
Amigos pra valer você e eu  
Você e eu, uma canção  
Eu e você, um abraço  
Amigos pra valer você e eu

**Disponível em:** <https://www.lettras.mus.br/a-turma-do-balao-magico/75251/>

Acesso em: 14/ Abril de 2018

## ANEXO 12



**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**  
**ESCOLA MUNICIPAL PAULO FREIRE**  
 ENSINO INFANTIL, FUNDAMENTAL I E II E EJA  
 RUA PROFESSOR ANTÔNIO MARIANO DE AGUIAR  
 CNPJ: 07.591.405/0001-90

## TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada “**LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO DIRECIONADA PELO CONTO DE FADAS**”, a ser desenvolvida pela aluna **ANA PAULA RODRIGUES DE AGUIAR SANTOS**, do curso de **PROGRAMA DE Mestrado Profissional em Letras – Profletras do Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE da Universidade Federal da Paraíba**, sob orientação do prof. **Hermano de França Rodrigues**, nesta instituição.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participantes do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantir de tal segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada à apresentação à direção da mesma, da certidão de Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Tudo como preconiza a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Orobó – PE, 12 de julho de 2018.

Romário de Andrade Silva  
 DIRETOR  
 Nº 10109

*Romário de Andrade Silva*  
 Romário de Andrade Silva  
 Gestor Escolar  
 Matrícula nº 10109  
 CPF 091.387.744-10

**07.591.405/0001-90**  
**Escola Municipal Paulo Freire**  
**Cadastro Nº 26172488**  
 Rua: Profº Antonio Mariano de Aguiar-18  
 Orobó - PE

## **ANEXO 13**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

A presente pesquisa é sobre a leitura de textos literários e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Ana Paula Rodrigues de Aguiar Santos, aluna do Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal da Paraíba, com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Paulo Freire, sob a orientação do professor Dr. Hermano Rodrigues.

Este estudo objetiva promover o letramento literário, em uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental, a partir do gênero conto de fadas, conduzindo os discentes à leitura reflexiva, à criticidade e a entender melhor o mundo que os circunda. Pretendemos que nossos alunos, além de adquirirem a habilidade de ler textos literários, sejam capazes de compreendê-los, dando-lhes novos sentidos.

Solicitamos a sua colaboração para participar das atividades que serão propostas, as quais acontecerão através de um roteiro de leitura e uma sequência didática levando-os a um processo crítico e reflexivo. Solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Letras e Educação, e publicar em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Oferece risco mínimo, pois durante a aplicação da sequência didática os alunos poderão sentir algum desconforto devido a opiniões divergentes e também demonstrarem timidez, mas acreditamos que esse desconforto possa contribuir de alguma forma para o seu amadurecimento crítico e reflexivo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso).

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

---

Assinatura da Testemunha

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Ana Paula Rodrigues de Aguiar Santos

Endereço (Setor de Trabalho):

Professor Antônio Mariano de Aguiar, número 18

CNPJ: 07.591.405/0001-90

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

(83) 3216-7791 – E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

## ANEXO 14

### TERMO DE ASSENTIMENTO

a(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convido-lhe a participar de uma pesquisa intitulada "**Letramento Literário: uma proposta de ensino norteadada pelo conto de fadas**". Esta pesquisa tem como objetivo promover o letramento literário a partir dos contos de fadas, conduzindo o discente à leitura reflexiva, à criticidade e a entender melhor o mundo que o circunda.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é contribuir para uma prática pedagógica que torne os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II leitores proficientes de textos literários, contribuindo para que esses alunos ampliem sua capacidade de leitura e compreensão de textos a eles propostos, fazendo com que não se tornem apenas leitores mecânicos e sim leitores proficientes.

Para a realização desta pesquisa, adotaremos a metodologia da pesquisa-ação de caráter intervencionista. As atividades propostas serão realizadas seguindo os passos da sequência didática de Rildo Cosson (2014). Faremos a leitura dos contos previamente escolhidos, os quais dialogarão com outros textos que abordem a mesma temática dos contos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a). O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos.

A pesquisa contribuirá para o aprimoramento das habilidades de leitura, permitindo uma melhor compreensão dos textos lidos, tornando-o um leitor crítico e reflexivo, e assim, poder exercer melhor a sua cidadania.

No decorrer da pesquisa você terá os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso).

Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

O seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem, serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Para esclarecer dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora, Professora Ana Paula Rodrigues de Aguiar Santos, a fim de resolver o seu problema. O endereço profissional da mesma é: Escola Municipal Paulo Freire, Nº18, Rua Antônio Mariano de Aguiar, Orobó/PE. O telefone para contato é o seguinte: (81)99600734

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, me retirar do estudo sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Orobó PE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

#### Assentimento Livre e Esclarecido

Eu \_\_\_\_\_ após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor \_\_\_\_\_ recebeu todos os esclarecimentos necessários e concorda em participar desta pesquisa. Dessa forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Orobó (PE), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICES

### Questionário 1

#### Apêndice ( A)

Você gosta de ler?
Com que frequência você lê?
Qual o tipo de leitura que você mais aprecia?
Você conhece o gênero conto de fadas?
Quais os contos que você já leu?

### Questionário 2

#### Apêndice ( B)

Vocês conhecem esses personagens?
O que sabem sobre eles?
Já leram ou ouviram as histórias em que eles fazem parte?
O que acharam delas?

### Questionário 3

#### Apêndice ( C)

#### Questões de interpretação /O Príncipe Feliz

- 1- Os contos de fadas nos abrem as portas para o mundo dos sonhos, do lúdico e também da reflexão. Como isso se faz presente no texto?
- 2- Podemos dizer que no conto “O *príncipe feliz*”, há duas personagens principais”? Por quê? Em que cada uma se destaca?
- 3- O que diferencia o príncipe do conto lido dos príncipes dos contos de fadas tradicionais?
- 4- Vivemos em uma sociedade extremamente preocupada com as aparências. O que as pessoas pensavam do príncipe quando olhavam para a estátua antes e depois?
- 5- Após ler toda a história, você concorda com o título?
- 6- No conto, o príncipe já em forma de estátua, faz uma auto avaliação. A que conclusão ele chega?
- 7- Além de trazer temáticas como lealdade, amizade, o conto traz alguns ensinamentos. Em sua opinião, qual a lição mais importante que podemos tirar da história?
- 8- Os contos de fadas tradicionais, geralmente, terminam com finais felizes. Isso acontece no conto que você leu? Explique.
- 9- Ao ler o conto, você percebeu a intenção do autor em denunciar as desigualdades sociais? Como isso fica evidenciado no texto?
- 10- Se você estivesse no lugar da andorinha, teria feito o que ela fez pelo príncipe?

## Questões de interpretação/ O Gigante Egoísta

### Apêndice( D )

1- No início do conto, o gigante não gostava de compartilhar o seu jardim. Observe a imagem a seguir na qual uma criança está compartilhando seu lanche.



FONTE: Depositosphoto-1277322040-stock-littee-boy-and-girl-eat

Podemos compartilhar objetos, sentimentos. Você já compartilhou algo?  
Como você se sentiu?

2- O que você acha da atitude das crianças, ao brincarem no jardim do gigante sem permissão?

3- Em sua opinião, qual a lição mais importante que podemos tirar dessa história?

4- Com a mudança de atitude, o gigante poderá deixar de ser chamado de gigante egoísta?

5- O que você achou do final da história? Você mudaria o desfecho?

6- Considerando os dois contos lidos, que semelhanças você observou nos personagens o príncipe e o gigante?

7- O que mudou na vida do gigante após o aparecimento de um menino misterioso?

8- Uma das características dos contos de fadas é a presença da natureza. No conto lido, como ela se manifesta?

9- O gigante com um machado derrubou o muro. O que essa atitude quis dizer?

10- O que o texto nos diz por meio da personagem do gigante e das atitudes por ele tomadas?

### **Proposta de produção do conto**

#### **Apêndice (E)**

ESCOLA MUNICIPAL PAULO FREIRE

ALUNO(A): \_\_\_\_\_

PROFESSORA: \_\_\_\_\_

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:

**AGORA É A SUA VEZ!**

Escolha uns dos temas que foram trabalhados nas oficinas de leitura ou fique a vontade para escolher um outro tema e produza um conto de fadas.

---

---

---

---

---

---

---

---

